

THE WOLF'S MATE BOOK 5

Bo
& Reika

R.E. BUTLER



THE WOLF'S MATE 05

Bo & Reika

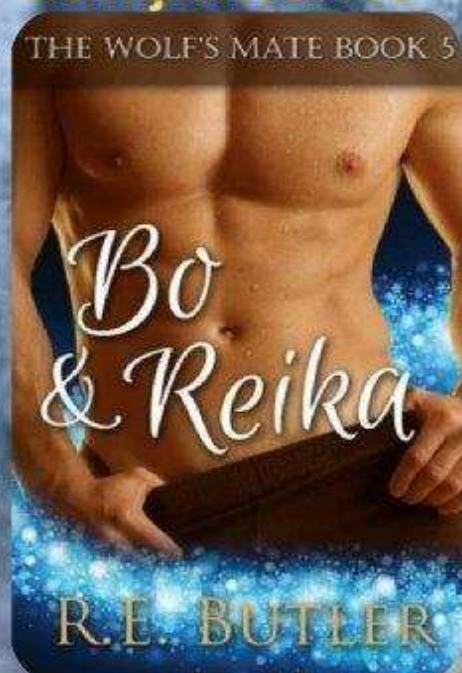


R.E. Butler

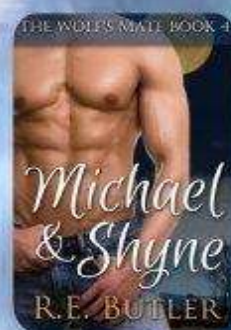
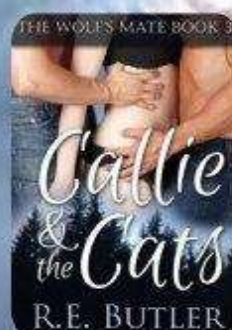
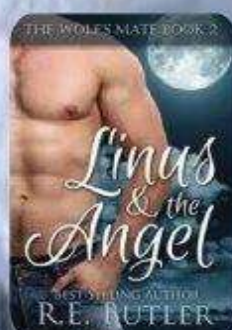
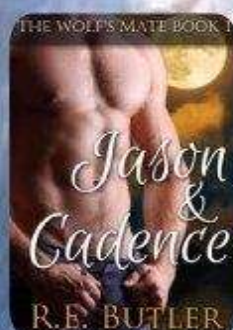
THE WOLF'S MATE 05

Bo & Reika

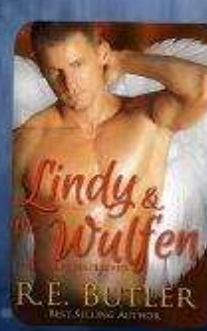
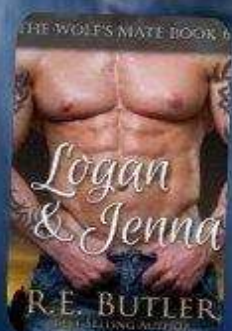
Lançamento



Distribuídos



Em breve



R.E. Butler

THE WOLF'S MATE 05

Bo & Reika

Equipe PL



Envio: Soryu

Tradução: Chayra Moom

Revisão Inicial: Chayra Moom, Milena Calegari e Luisinha Almeida

Leitura e Revisão Final: Carla C. Dias

Layout: Luisinha Almeida

Formatação: Chayra Moom e Carla C. Dias

R.E. Butler

THE WOLF'S MATE 05

Bo & Reika



“ A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou e formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes quaisquer formas de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem prévia ou expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

R.E. Butler

THE WOLF'S MATE 05

Bo & Reika



POR FAVOR NÃO PUBLICAR NOSSOS ARQUIVOS NO FACEBOOK.

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL, ajude!!

Quem gosta respeita nosso grupo!

Não publica direto no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Não gostou, leia o livro no idioma original.

Equipe Pegasus Lançamentos

R.E. Butler

Bo & Reika



Sinopse

Como uma criança curadora, a loba Reika Snow foi prometida como companheira para três Were-linces para evitar uma guerra entre seu Clã e o Clã Lince. Sua liberdade chegará ao fim em seu 23º aniversário. Como seu futuro sombrio como noiva subjugada dos três homens se aproxima, faz a única coisa que pode pensar: fugir. Com os linces quentes em seu encalço, a única coisa que pode fazer é rezar para encontrar segurança, em algum lugar.

Ele não a deixará ir longe...

Bo Elliot, membro altamente classificado da matilha Tressel, resgata uma loba das garras de três were-linces, na tentativa de capturá-la. Quando ela acorda, é surpreendido ao olhar para os belos olhos azuis de sua companheira. Com a perna ruim, Bo não quer prender Reika a um homem ferido como ele, mesmo reconhecendo que são companheiros, mas promete libertá-la dos linces e dar-lhe de volta a sua vida.

Bo fará o possível para evitar que Reika o poupe da tentativa equivocada de envolvê-lo na bagunça que é a sua vida, mas fará qualquer coisa pela sua companheira, mesmo que isso signifique viver à distância, assim que for liberta.

R.E. Butler



CAPÍTULO UM

Reika se sentou no sofá ao lado de seu irmão mais novo, Ben e olhou por cima do ombro. Ele estava colado ao leitor de ebook, uma página de livro de receitas digital que indica uma imagem vívida de um prato borbulhante na tela à sua frente. Ele adorava cozinhar e fez aulas de culinária na Columbus State Community College. Ben trabalhava em um restaurante simples como cozinheiro, mas um dia deseja trabalhar em um restaurante sofisticado. Por enquanto, também era o cozinheiro da família e sua mãe estava emocionada com isso.

— O que está no menu de hoje à noite? — Reika bagunçou seu cabelo preto curto.

Ele deu um tapinha em seu cabelo com o cenho franzido e depois abaixou o leitor e então ela teve uma visão melhor.

— Manicotti¹ de espinafre e ricota.

Ela olhou para o prato, uma obra-prima de queijo, massa pegajosa e molho. Parecia delicioso. — Legal. Pode me fazer um smoothie² de pêssago para a sobremesa? Sabe que amo. — sorriu para ele e se levantou.

¹ Tipo de panqueca.

² Um tipo de Milkshake. Pode ser uma alternativa conveniente e nutritiva para substituir refeições ou simplesmente um lanche refrescante. Com poucos ingredientes você é capaz de criar uma bebida deliciosa e leve.

— Não é um pouco frio para bebidas geladas? — olhou para fora da janela, para a neve que cobria o quintal. Viviam em um subúrbio de Columbus, Ohio, que tinha visto mais do que seu quinhão de neve em janeiro passado.

— Nunca é demasiado frio para smoothies de pêssego, mano.

— Terei que usar pêssegos enlatados, mana. — franziu seu lábio superior com nojo. Para Ben, não usar produtos frescos era um pecado culinário. Reika não se importava. Ele era um mestre na cozinha e podia fazer até mesmo pêssegos enlatados ter um sabor incrível.

— Um dia fará alguma mulher realmente uma esposa feliz.

— Oh, ha ha, Kiki.

Gostava de provocar Ben. Apesar brigarem ao longo do tempo, tinham um relacionamento bem amoroso. Ele era doce, engraçado e protetor, mesmo que Reika fosse quase três anos mais velha.

— Ei, farei um bolo para amanhã. Que tipo você quer? — perguntou-a, enquanto ela caminhava em direção à escada.

Seus passos vacilaram e paralisou, a mão apertando o corrimão de carvalho claro. Seu 23º aniversário era amanhã. Talvez se esqueçam de mim, pensou.

— Chocolate.

— É isso aí! — respondeu suavemente.

Ela sabia que Ben também lembrou que sábado não era apenas o seu aniversário, mas não disse mais nada e ficou aliviada. Quanto menos pensasse sobre o laço que apertava o seu pescoço, melhor.

Seus passos pareciam repentinamente pesados quando subiu as escadas e foi para o seu quarto. Passou toda a sua vida nesta casa. Amava tudo nela, as velas de baunilha que sua mãe gostava de queimar, o cheiro persistente no ar por muito tempo depois de apagadas; a régua de altura marcada na parede da despensa, que marcou a altura de Ben e dela enquanto cresciam; a janela da sacada em seu quarto com a almofada feita especialmente por sua avó, trabalhada antes que a artrite roubasse as suas habilidades.

Apertou seu suéter ao redor de si, abraçou sua cintura e sentou-se, pressionando a testa no vidro frio da janela para a baía.

Dezesseis anos se passaram desde o incidente. Mesmo que tivesse um pensamento fugaz de que poderiam ter se mudado, sabia que, na realidade, não mudaram suas mentes. Were-linces não esqueciam as suas dívidas.

Were-linces eram os ciganos do mundo were. O clã lince Cullaga viajou através do Centro de Ohio, quando tinha 7 anos e assumiu a área arborizada ao redor de Buckeye Lake. A matilha de lobos de Reika tinha ido para as festividades de 04 de Julho, comemorando com um churrasco, natação e canoagem. O alfa de Reika, Grim, advertira seu povo para ficar longe dos linces, mas o

pequeno Ben tinha apenas quatro anos e estava fascinado com os cavalos amarrados ao redor de seu acampamento.

Inadvertidamente, ele abriu o portão do improvisado curral dos cavalos e o valorizado Arabian do Rei dos Lince foi ferido quando escapou e precisou ser sacrificado. Ben ficou apavorado. Droga, todos ficaram. Reika lembrava quando o Rei lince trouxe Ben de volta para a área onde a matilha estava aproveitando o piquenique e Ben estava branco de medo. Seu pequeno corpo tremia e lágrimas escorriam pelo seu rosto. O rei, Maurice, exigiu o pagamento de seu cavalo, um cavalo que disse que valia cem mil dólares.

A família de Reika não era pobre, mas não tinham tanto dinheiro. Ela ficou atrás de sua mãe, com medo por seu irmão, desejando que tivesse idade suficiente para mudar para seu lobo, para que pudesse arrancar o braço do velho Rei podre, por tocar em Ben, fazendo-o chorar.

O rei de repente notou como ela espiou ao redor do corpo da mãe. Ele levantou a cabeça, fechou os olhos e abriu a boca, cheirando profundamente, fazendo um estranho barulho rascante que causou arrepios correndo por sua espinha. Sua boca ficou seca, seu coração disparava de medo e os nós dos dedos ficaram brancos enquanto apertava sua mãe.

— Você — ele disse, apontando para Reika, enquanto ela se encolhia atrás de sua mãe. — Você é um *qualfo*, um lobo curador. — Olhando para o Alfa Grim, o rei disse — Vamos levá-la. Ela se acasalará com os meus netos e produzirá uma nova geração de curadores lince-lobo.

Reika não entendeu inteiramente tudo o que ele disse, mas sabia que significava acasalar, era marido e mulher, e sua mãe, de repente a puxou para os seus braços e abraçou-a o suficiente para que Reika pudesse senti-la tremer. A mulher que nunca teve medo de nada, agora tremia de medo.

— Não! — sua mãe gritou quando seu pai veio para ficar com eles. Um rosnado saiu de seus lábios.

O Alfa Grim rosnou — Não damos os nossos filhos para se tornarem reprodutores. Conseguiremos o dinheiro para o seu cavalo. Solte a criança e volte para o seu caminho.

— Você nos dará a menina ou mataremos o menino.

Um jovem, que não tinha mais do que doze ou treze anos, se aproximou e puxou uma faca do cinto, pressionando-a contra a garganta de Ben. Uma linha de sangue escorreu pelo pescoço de Ben e ele choramingou.

O jovem lince manteve os olhos em Reika, mas disse para Ben — Fique quieto, cão pequeno, ou posso acidentalmente cortar sua garganta diante dos olhos de sua bonita irmã.

Ben, então, ficou imóvel, mas arregalou seus olhos e mordeu o lábio inferior, fechando suas pequenas mãos enquanto seu corpo ficou rígido. Reika soluçou, enterrando o rosto na camisa de sua mãe.

O pai de Reika avançou. — Podemos fazer um acordo. Não quero ver o nosso povo entrar em conflito por causa de um simples acidente.

O rei zombou. — Nosso povo tem 200 membros.

Reika sabia o que aquilo significava. Sua matilha tinha menos de 60 membros. Se os lince entrassem em guerra com a sua matilha, os lobos perderiam. Ela perderia não só seu irmão, mas também seus pais e, eventualmente, a sua própria vida.

Ela puxou o braço de sua mãe, que olhou para Reika. — Eu vou, mamãe. Não posso deixá-los matar Ben.

Sua mãe ficou de joelhos e abraçou Reika com força, soluços sacudiam o corpo de sua mãe. Uma sombra pairava sobre eles e, quando Reika abriu os olhos, viu o rosto de seu pai esticado, com raiva.

— Nos certificaremos de que não voltem até que seja adulta, querida. Isso nos dará tempo suficiente para encontrar uma maneira de sair dessa.

— Eu sei, papai. — Reika acreditou nele. Seu pai nunca mentiu para ela, valorizando a honestidade acima de tudo. Se disse que descobriria como libertá-la dos lince, então sabia que faria. De algum modo.

Ela ficou entre seu pai e Alfa Grim, com a mãe logo atrás dela. O Rei lince estava com três jovens, incluindo a pessoa que segurava a lâmina no pescoço de Ben e o Rei os apresentou como Josef, Eli e Adam, seus netos. Eles eram altos e magros, cada um com cabelos loiros escuros que pendiam, emaranhados, além de seus ombros. Suas roupas eram gastas e remendadas e suas unhas pareciam meias luas sujas. Os rapazes a olharam de um jeito que fez a sua pele arrepiar. Queria correr para casa e se

esconder em seu armário, entre os bichos de pelúcia e bonecas, mas tinha que ser forte para sua família e sua matilha. Seu pai disse que descobriria um jeito e sua promessa lhe deu força para ficar.

O Alfa Grim e o Rei Maurice conversaram com seu pai por um longo tempo. Os três garotos nunca pararam de olhar de soslaio para ela, fazendo-a sentir-se enjoada e suja. No verão anterior, ela e sua família foram a um parque de vida selvagem e uma girafa colocou a cabeça pela janela do jipe em que estavam e lambeu o seu rosto com a sua enorme língua azul. Ela achou que fosse a pior coisa do mundo. Mas isso, a maneira como os jovens lince a olhavam, era como ser lambida por uma centena de girafas.

O Rei Maurice queria levá-la quando completasse dezesseis anos, depois que fosse capaz de mudar pela primeira vez, mas seu pai e o Alfa Grim eram contra isso. O pai argumentou que tinha que deixá-la ter tempo para viver sua vida e ir para a faculdade e, finalmente, o Rei Lince concordou que estaria autorizada a permanecer com sua família até completasse 23 anos.

— Então está decidido — disse Maurice finalmente. — A curandeira loba permanecerá com sua família e matilha até que o sol se ponha, no seu 23º aniversário. Ela se juntará ao nosso Clã, de bom grado e se acasalará com os meus netos e produzirá herdeiros.

Quando Maurice soltou Ben, ele correu direito para Reika, e ela o abraçou com força. Quando o Clã Lince se virou e se

afastou, o mais velho, Eli, olhou para Reika e disse com uma voz fria — Nós veremos... esposa.

Mesmo agora, 16 anos depois, tinha calafrios quando se lembrava daqueles olhares, como se fosse sua propriedade, algo para ser usado e não uma pessoa. Estava no ápice, uma curandeira loba. Entrou em suas habilidades de cura com 16 anos, quando mudou em sua forma de lobo preto azulado. Todas as mulheres da sua família eram curadoras. Em suas formas de lobo, suas bocas secretavam um veneno que poderia curar até mesmo os ferimentos mais graves. Eram apreciadas como companheiras. O homem que tivesse uma companheira no ápice tinha sorte mesmo.

Mas não os lince. Não pensavam que era sorte; achavam que tinham direito a ela. Para usar o seu corpo, sua raça, forçá-la. Não tinha ilusões sobre o seu futuro com eles. Sua vida com o Clã Lince seria violenta e sangrenta, como um pesadelo. Não tinha esperança de escapar.

Seu celular apitou, sinalizando uma mensagem de texto. Abriu-a, encantada por finalmente ter uma solução para o seu problema.

WAA: *Sábado, às 05:00, dois guardas a encontrarão no Terminal LSV AA; levar apenas uma sacola. Não esperarão mais do que 30 minutos, antes de irem embora sem você. Não diga a ninguém.*

Seu coração batia acelerado e fechou os olhos quando sentiu o alívio inundá-la. A Were-Animal Alliance era um grupo

clandestino e secreto, que ajudava lobos a sair de situações impossíveis, lhe daria uma nova identidade e a mudaria para uma matilha segura, longe de seus problemas. Nunca ouviu falar deles, até que esteve em uma loja, acompanhando seu pai, no mês passado. Ela olhou sobre as bancadas e ao longo de um boletim da comunidade. Alguns dos avisos eram muito antigos, presos debaixo de outros papéis, mais recentes. Vasculhou as páginas e cartões, vendo avisos para festivais de primavera, animais de estimação perdidos ou encontrados, vendas de garagem em toda a comunidade, do verão anterior. Em seguida, debaixo de vários anúncios para um bar local, uma folha chamou sua atenção. O texto preto simples estampava na página branca:

Precisa de Ajuda? Escreva para a Were-Animal Alliance.

Seu coração falhou por um momento, enquanto lia as duas frases várias vezes. Ajuda? Que tipo de ajuda? Eles poderiam ajudá-la? Seu pai a chamou. Ela tirou a folha do quadro de avisos e colocou-a no bolso da frente, juntando-se ao seu pai no caixa. A esperança floresceu dentro dela como uma brasa escondida, em um longo incêndio morto. Havia um grupo, que poderia ser capaz de ajudá-la. Não sentia esperança dessa forma desde que seu pai a prometeu todos esses anos que descobriria como torná-la livre da promessa de se juntar aos lince. A folha parecia pesada no bolso, o medo começou a dominá-la, entrelaçando com a esperança e sufocando-a como erva daninha em uma flor. E se o WAA não pudesse ajudá-la? Seu coração acelerou, enquanto a esperança e o medo duelavam dentro dela, mas a esperança

venceu. Se o WAA não fosse capaz de ajudá-la, então fugiria por conta própria.

Reika lhes enviou uma mensagem imediatamente, com medo de que seu tempo estivesse acabando, e ela seria forçada a ir com os lince. O WAA entrou em contato com ela por meio de mensagens de texto, depois de concordar em assumir o seu caso. Prometeram ajudá-la a escapar da situação e escondê-la. Esperava pelas instruções finais e estava preocupada. Seu aniversário estava tão perto e não seria capaz de escapar.

Seus pais haviam estado desesperados para encontrar uma maneira de quebrar a promessa ao rei lince, mas ela estava vinculada a eles em uma dívida de sangue. O rei tomou uma gota de seu sangue e misturou-o com gotas de seus netos, selando a dívida como um voto sagrado. Ela podia, por vezes, ainda sentir a punção de sua garra em seu dedo. De acordo com as leis dos lince, a única maneira que poderia quebrar a promessa para os machos lince, era se encontrasse seu companheiro verdadeiro. Por suas leis, seu companheiro verdadeiro teria o direito de lutar por ela e, somente quando fosse vitorioso, declararia que era só dele.

Mas sabia tudo sobre os lince. Eram astutos lutadores, implacáveis quando se tratava de possuir o que achavam que lhes era devido. Enquanto seu companheiro verdadeiro era apenas uma pessoa, todos os três lince lutariam com ele ao mesmo tempo. Um lobo poderia bater um lince, possivelmente dois. Mas não todos os três.

Mesmo que encontrasse seu companheiro verdadeiro agora, não poderia colocá-lo nisso. Não era tão egoísta que encontraria o homem destinado a ser dela, apenas para mandá-lo para a sua morte. Nunca procurou pelo seu verdadeiro companheiro por essa mesma razão. Ao contrário das outras lobas da sua idade, não foi para reuniões, bares — onde todas iam para conhecer os machos não acasalados — ou tentado qualquer um dos sites de namoro shifter, na esperança de encontrar o lobo que era perfeito para ela. E agora... estava para fugir. O WAA prometeu-lhe uma nova identidade, segurança e anonimato dentro de uma nova matilha.

As pessoas que dirigiam a WAA trabalhavam no anonimato, para que soubessem quem eram ou onde viviam. As últimas semanas foram estressantes. Ela seguiu explicitamente as suas instruções, que explicaram como escaparia sem ser encontrada.



Naquela noite, enquanto sua família terminava o jantar, houve uma batida na porta. Ninguém se moveu por alguns instantes, até que um segundo e depois uma terceira batida fez seu pai se levantar.

— Não, pai, eu devo responder. É minha responsabilidade, — disse Reika, empurrando sua cadeira e ficando em pé. Levou um momento para puxar os punhos de sua camisa para esconder as mãos trêmulas, mas isso só a fez tremer mais. Enquanto caminhava até a porta, se perguntou se os lince colocariam guardas ao redor da casa para se certificarem de que ela não saísse e o pensamento inesperado fez seu sangue gelar. Sentiu a liberdade se esvaindo.

Seu pai a seguiu até a porta e ela abriu, com o coração disparado em seu peito. A jovem estava na varanda, uma rosa branca em seus dedos. Usava a roupa tradicional das fêmeas de lince, uma blusa camponesa branca e uma saia.

— O Rei Maurice deseja-lhe um feliz 23º aniversário amanhã, Reika Snow. Tem 24 horas para se despedir de sua família. Amanhã, ao pôr-do-sol, seus maridos a esperarão. Pode trazer duas malas.

Reika pegou a rosa, sentindo a bile subir em sua garganta e observou a mulher virar e descer os degraus do alpendre da calçada para a rua, onde uma caminhonete a esperava.

— 24 horas — disse sua mãe, infeliz. — Tinha tanta esperança que encontrasse o seu companheiro verdadeiro, querida.

— Eu sei, mãe.

Passaram o resto da noite juntos e o que teria sido uma normalmente alegre noite casual, parecia uma densa nuvem de fumaça. Ben jogou a rosa na lixeira imediatamente, mas sua presença ainda permanecia na casa como um fantasma.

Reika guardou na noite anterior, uma mochila contendo duas mudas de roupas, produtos de higiene pessoal e uma cópia de seu livro favorito, *The Princess Bride*.

Ela preparou duas cartas. Uma para os pais para dizer-lhes que fugiria, mas seria salva dos lince e que, no futuro, quando fosse seguro para ela, entraria em contato com eles. A outra carta

para Ben, então entenderia que não o responsabilizava pelo que acontecera e que o amava.

Quando já era tarde, beijou sua família e se despediu, como sempre fazia, tendo uma imagem mental de seus pais abraçados no sofá em frente à lareira e seu irmão, enquanto fazia rolos de canela na cozinha para o café da manhã, o seu ritual da noite de sexta-feira. Ela se esforçou para não chorar, para não dizer adeus e dizer-lhes seus planos. Mas era muito mais seguro para que permanecerem ignorantes do que faria.

Não se atrevia a dormir. Precisaria sair às 00:30 horas, a fim de caminhar até o carro alugado que escondeu atrás de um posto de gasolina, a 3 km de sua casa. Levaria cerca de quatro horas de carro até o Aeroporto de Louisville.

Seus pais foram para a cama às onze, e seu irmão seguiu logo depois. Ouviu-os, todos se movimentando em seus quartos, enquanto estava sentada na beira da cama e olhava o relógio. Finalmente, a casa ficou em silêncio. Vestiu-se bem agasalhada, pulverizando um perfume forte para mascarar o seu cheiro, caso alguém tentasse segui-la pelos bosques a qualquer momento, deixou as duas cartas em sua cama e abriu a janela de seu quarto no segundo andar. Caiu graciosamente e silenciosamente, rolando na neve e ficando em pé.

Os três quilômetros pela área arborizada entre as ruas vizinhas, a escondiam enquanto corria na escuridão, que se prolongava para a rua principal e arremessando através de um cruzamento vazio onde seu carro de aluguel a esperava. O WAA

reservou para ela. Pegou o carro na terça-feira e estacionou atrás de um posto de gasolina abandonado.

Manteve um olho afiado em seus espelhos e dirigiu tão rápido quanto pode. Tinha certeza de que ninguém a seguia. Seus nervos em frangalhos e o pensamento do que aconteceria se os lince fossem alertados da sua fuga a mantinham alerta, apesar de que dormira pouco durante a semana.

Quase livre, pensou, enquanto entrava no estacionamento do aeroporto e caminhou até o terminal da American Airlines. Olhou em volta, examinando o aeroporto quase vazio, para qualquer um que parecesse familiar e não reconheceu ninguém. Dois homens, vestindo calças estilo militar e jaquetas pretas, entraram na vista e fizeram sinal para ela.

— R. S.? — O mais alto dos dois disse.

— Sim.

— Você tem celular, computador ou qualquer forma de identificação? — o outro perguntou.

— Não. — Ela dirigiu sem sua licença e deixou-a em casa, sabendo que teria que jogá-la fora assim que chegasse ao aeroporto.

— Bom. Aqui está a sua nova identificação. Seu nome agora é Brittany Caulfield. Nosso voo está se preparando para embarcar. Vamos. — o mais alto estendeu uma carteira de motorista e quando se aproximou dele, um rugido penetrante rasgou o silêncio ao redor deles.

Olhou ao redor do terminal quando os dois lobos colocaram as mãos em seus braços, exortando-a a segui-los até o portão. Os lobos foram jogados longe dela por três figuras gigantes que rosnavam advertências profundas, palavras guturais. Não viu Eli, Josef e Adam por 16 anos, mas reconheceu-os imediatamente. Jogaram os lobos ao redor, como se fossem bichos de pelúcia. O lobo mais alto passou por uma parede de vidro e atingiu a calçada. Josef arrastou o outro lobo sobre a cabeça e lançou-o no balcão de cortesia com um estalo forte.

Recuperando os sentidos, correu até uma saída, assim que a segurança do aeroporto veio correndo para o local. Acenou freneticamente para um táxi que estava prestes a se afastar. Quando parou, abriu a porta de trás, atirou-se para dentro e bateu a porta.

— Onde, meu bem? — disse uma mulher motorista.

— Em qualquer lugar! Apenas me tire daqui! — Reika disse, ofegante.

O carro afastou-se rapidamente e Reika viu pela janela de trás, como Eli, Josef e Adam correram para fora do prédio e olharam ao redor. Seus olhos presos nos dela e sabia que a viram no táxi. Estava feliz pelo indulto momentâneo quando os carros da polícia com as luzes piscando pararam em frente ao terminal e viu a dispersão dos lince.

Como a cena desapareceu na distância, sabia que só seriam detidos de encontrá-la temporariamente. Mutilariam e matariam qualquer um que ficasse entre ela e eles; podia ver isso



claramente agora. Não tinha ideia de como a seguiram, exceto que deviam ter vigiado a sua casa.

Fazendo uma oração silenciosa para os dois lobos que caíram tentando ajudá-la, respirou profundamente e focou em sua situação. Olhou para frente e para a mulher de meia-idade.

— Você pode me levar por uma hora para o sul e me deixar em algum lugar público e bem iluminado? E vá no limite de velocidade, por favor.

— Está em apuros, querida? — a mulher encontrou os olhos de Reika no espelho retrovisor enquanto pisava no acelerador.

— Não sei. — Reika respondeu honestamente.

Não imaginava que sua oferta de liberdade, potencialmente custaria a vida de dois homens e esperava que tenham sobrevivido e que ela sobrevivesse também.

CAPÍTULO DOIS

Bo se mexia na mesa do Jake's Bar, seus olhos avelã vagando sobre os freqüentadores de sexta-feira. Estava entediado e positivamente estúpido. Preferia fazer a limpeza de sua casa do que sentar no bar. Não havia absolutamente nada para fazer em Allen na sexta-feira à noite, exceto sair para o Jake's e era a responsabilidade dos lobos mais velhos da matilha se certificar de que os lobos mais jovens mantivessem suas cabeças no lugar. Álcool desinibia, em um ser humano não era necessariamente uma coisa ruim. Mas adicionar a capacidade de mudar em um lobisomem e algumas cervejas, poderia transformar uma pessoa bem-educada em uma besta feroz.

Bo bebeu, mas apenas para aliviar a dor na perna direita. Os efeitos do álcool funcionavam cada vez menos, porém, o que era uma boa notícia para o fígado, não para a sua perna. Noites gastas andando no chão, em um esforço para esticar os músculos contraídos, significava que ficava esgotado, na maioria das vezes.

Logan, o 5º na ordem de comando na matilha, sentou-se a sua frente e olhou para o fundo do copo que estava meio cheio de uísque. Logan se juntou a matilha há alguns meses, no verão e estava para revelar-se um lobo bom para conhecer.

Bo faria 30 anos em 1º de março. Realmente não pensou que estaria em seus vinte e tantos anos e não acoplado a alguém

quente, uma pequena loba, mas lá estava ele... sozinho em uma noite de sexta-feira.

Passando a mão pelo cabelo curto e preto, suspirou e olhou para o relógio. Era quase meia-noite e amanhã seria lua cheia. A cada lua cheia, um dos lobos mais altos no ranking, vigiava os lobos mais jovens e eram responsáveis pela limpeza e preparação de todo o ponto de encontro para a celebração da lua.

Normalmente, Bo vigiava os lobos mais jovens durante os meses do verão, porque o frio agravava a sua perna, mas Linus e sua companheira, Karly estavam de aniversário e pediu um favor, então Bo aqui estava.

Ele poderia chamar o seu alfa, Jason e dizer-lhe que sua perna o incomodava muito. Sabia que Jason lhe diria para se acalmar e chamar outro lobo, ou até mesmo fazê-lo sozinho, mas Bo se recusava a entregar-se para a dor assim. Se não conseguia lidar com varrer a neve e descarregar a lenha, então precisava se demitir de seu posto. E dane-se, trabalhou muito duro para rolar assim.

Eventualmente, porém, a perna o forçaria a parar de mudar e então teria que renunciar. Não olhava para o futuro, para esse dia e sentia como se tivesse uma lâmina pendurada em seu pescoço, pronta para cortá-lo mais cedo do que queria.

— Ei, Bo — uma voz açucarada sussurrou em seu ouvido e se encolheu interiormente.

Observando o seu rosto, tomou um gole de cerveja e olhou para Lindy, uma das fêmeas da matilha. Ela era da mesma idade

que a sua fêmea alfa, Cadence, que era uma híbrida de humano-lobo e casada com Jason. Podia sentir o cheiro da luxúria exalando de Lindy e, por baixo disso, o cheiro de produtos químicos de seu cabelo loiro-platinado e pesado perfume floral.

— Oi, Lindy.

Não lhe ofereceu mais do que isso, porque sabia o que ela queria. Ela era o que a matilha se referia como um brinquedo, uma loba que fazia sexo com qualquer lobo, a qualquer hora. Quando era mais jovem e não estava tão cansado e esgotado, ele saiu com ela. Mas não agora, fazia muito tempo.

Ela limpou a garganta, seu sorriso lascivo perdeu seu brilho. — Pensei que gostaria — ela se inclinou em direção a sua orelha e sussurrou — de me levar para casa com você.

Logan arqueou uma sobrancelha para ele, mas não disse nada. Bo estava um pouco surpreso por sua ousadia, mas, novamente, ela tentava forçar um acasalamento com um macho da alta ordem de comando nos últimos meses, e até agora, isso não parecia funcionar muito bem para ela.

Sua mão pousou em seu ombro e levantou-a. — Desculpe, dever da lua cheia de amanhã.

Ela estendeu o lábio e fez beicinho. — Ah, talvez amanhã, então, amado?

Seria legal ou não? Ele debateu. Era melhor acabar logo com isso, como arrancar um Band-Aid.

— Desculpe, Lindy. Mas obrigado de qualquer maneira.

Seu lábio formou um sorriso de escárnio desagradável e o embaraço aqueceu as suas bochechas. Ela se virou e saiu, provavelmente, se consolaria com outro lobo, mais desesperado. Ele sentia pena dela. Houve um momento em que pensava nela como doce e inocente, mas certamente isso não a descrevia mais.

Logan bufou e Bo olhou para ele. — O quê?

Logan rodou o gelo no copo. — Disse ‘obrigado’.

Confuso, Bo perguntou — O que deveria dizer?

Logan não sorria muito, mas agora sorria. — Ela se ofereceu para foder com você e disse “obrigado, de qualquer maneira”. Como se ela se oferecesse para tricotar uma camisa ou algo assim. É apenas... não sei, cara, meio engraçado.

Bo fez uma careta. Não achava que tivesse sido rude em dizer obrigado, mas talvez nessa situação, devesse ter apenas dito não, sem rodeios. Ah, bem. Talvez agora não continuasse insistindo, já que aparentemente a insultou.

— Só está com ciúmes — disse Bo e sorriu. Logan queria encontrar sua companheira. Por mais que Bo quisesse, para os dois, suas companheiras não estavam na matilha Tressel. Que droga, considerando que Bo não correria por uma loba de outra matilha a cada dia.

— Não penso assim. Encontrarei a minha companheira algum dia e ela não será um brinquedo que se joga. — Logan terminou sua bebida com dois goles e abaixou o copo vazio.

— Sinto-me da mesma maneira. — Bo inclinou a cerveja de volta e a bebeu, pronto para encerrar a noite.

Depois de passar pela parte de trás do bar para despedir-se de seus ex-alfas, Peter e Tina, que eram os pais de Jason, entrou em sua picape, despediu-se de Logan, que saiu com ele e foi para casa.

Dois anos antes, a matilha Tressel havia compartilhado Allen, Kentucky, com a matilha Garra. O filho do alfa da matilha Garra seqüestrou e tentou estuprar Cadence, a esposa de Jason. Quando a matilha de Tressel entregou o filho do alfa da matilha e os seus comparsas à justiça, quatro lobos foram mortos. A matilha Garra deixou Allen logo depois e seguiu para o sul e entregaram as obras para suas casas, para a matilha Tressel. Qualquer um que quisesse assumir os pagamentos das casas mais antigas faria facilmente. Allen era uma cidade pequena; os membros da matilha ativos e aposentados eram cerca de 50% de lobos, e a matilha realmente queria mantê-la assim.

Bo pagou uma taxa para o banco, a fim de adquirir a escritura da casa de um dos lobos da matilha Garra. Antes disso, vivia em um trailer simples, no canto de trás do parque de trailers de Allen. Foi fácil se desfazer do trailer para um dos lobos mais jovens, que estava ansioso para sair da casa de seus pais, depois que completou 18 anos.

Jogando as chaves sobre a mesa da cozinha, Bo tirou a jaqueta, pendurou-a sobre uma cadeira e bocejou. Lembrou-se de quando costumava pensar que a meia-noite era cedo. Não mais.

Debatendo em sua cama king size, fechou os olhos e rezou para que sua perna não o acordasse. Apenas uma noite, pensou. Só preciso de uma boa noite de sono.

O sonho veio para ele, novamente e ficou preso em seu passado, no momento em que sua vida foi desviada na direção da merda, e tudo o que planejou para a sua vida foi para o inferno.

Fugia da escola então, quando ouviu seu irmão mais velho, Mack, contando a um amigo que se infiltrariam no antigo cinema da cidade vizinha e assistiriam a um filme R-rated³. Bo decidiu seguir e participar. Mack era três anos mais velho do que Bo e o idolatrava. Com 17 anos, Mack tinha tudo que Bo queria com a tenra idade de 14 anos, era um dos lobos mais fortes no seu grupo, tinha um carro rápido e uma loba rápida em seu braço.

Naquele dia, Bo fugiu após o período de almoço e saiu do ensino médio para a estação e pegou um ônibus para Greystone, onde Mack e seus amigos se infiltrariam no Teatro Busman. Quando saiu da estação de ônibus e caminhou quatro quarteirões até o antigo cinema, avistou seu irmão e amigos quando se abaixavam para o beco entre o cinema e o supermercado.

Bo não pensou no perigo quando saiu para a rua; simplesmente saiu e começou a correr. Ouviu um grito e o barulho de uma buzina, virando-se a tempo de ver um carro vindo em cima dele. Ouviu o barulho dos freios. Bo se lembrava

³ Classificação dos filmes. classificações R: requerem um dos pais ou responsável adulto para estar presente, a fim de ver o filme. Um filme R-rated "pode incluir temas adultos, atividade adulto, língua difícil, violência intensa ou persistente, nudez orientado sexualmente, abuso de drogas ou outros elementos, para que os pais são aconselhados a tomar esta classificação muito a sério.

de colocar os braços para proteger o rosto quando o carro colidiu com ele, derrubando-o no asfalto.

Lembrou-se da rajada de vento quando foi jogado a seis metros do carro e ao som da primeira quebra de osso, quando bateu no chão e então tudo ficou escuro. Acordou alguns dias depois no hospital, lutando contra uma dor incrível, por causa de sua perna irremediavelmente mutilada.

Seus pais lhe disseram que teve sorte de estar vivo. Apesar de muito jovem para mudar para sua forma de lobo por mais dois anos, ainda tinha uma habilidade de cura acelerada, que, na verdade, salvara sua vida. Um ser humano teria morrido. Não se sentiu muito feliz quando os analgésicos não funcionaram, porque não havia nenhum que fizesse efeito em um lobo. Ele trouxe o seu destino em si mesmo, fazendo algo que não deveria fazer. Uma escolha errada efetivamente mudou a sua vida para sempre.

As inúmeras cirurgias ajudaram e, quando foi capaz de mudar aos 16 anos, seu corpo naturalmente curou o que podia, mas o estrago já estava feito. Junto com uma cicatriz feia, deixada para trás pelas cirurgias, em sua perna direita; os músculos também foram danificados e suas juntas doíam constantemente. Era uma dor insistente, maçante, que podia ignorar na maioria dos dias. Alguns dias, porém, o faziam querer cortar sua perna e acabar com a dor.



Estava acordado bem antes do amanhecer, seja pelo passado que enchia sua mente, através do sonho ou a dor na perna, impedindo-o de ter um sono profundo e reparador, que tanto precisava. Pílulas não funcionavam em lobos dormindo; caso contrário, ficaria feliz em viciar-se a encontrar uma maneira de dormir.

O que era pior, Bo pensou, era que sua libido parecia estar em um longo prazo de férias. Nos últimos meses não sentia desejo por qualquer uma e, há dois meses, enquanto uma das lobas o provocara na sala de armazenamento no bar, seu membro não fez muito, apenas se contorceu. Primeiro a perna e agora seu pênis. Simplesmente não conseguia pegar uma pausa.

Viu um punhado de jovens lobos adolescentes varrerem a neve do círculo onde a matilha se reunia na lua cheia, para mudar e caçar juntos como um só. A clareira ficava a alguns metros atrás da casa de Jason e Cadence. Michael e Shyne, sua companheira humana, moravam na casa ao lado.

Depois de tomar o último gole de seu café, Bo começou a transportar lenha para a cova recém preparada, onde seria aceso o fogo quando o sol se pusesse. Seus pensamentos vagaram e seu lobo veio a sua mente, o animal peludo rosnando levemente. Fazendo uma pausa, Bo afastou sua besta e sentiu como se uma mudança estivesse por vir. A mudança podia ser qualquer coisa, até mesmo uma tempestade. Mas ainda... Bo começava a sentir que algo aconteceria hoje à noite. Só esperava que fosse algo bom.

Quando o trabalho terminou, Bo enviou os lobos para a casa de Jason, para perguntar se havia algo mais que o alfa achasse necessário, e, em seguida, foi para casa, sozinho.

Naquela noite, quando a lua levantou no céu, Jason pediu a matilha para mudar e caçar e Bo observou como os lobos ao seu redor tiravam as roupas e mudavam para as suas formas de lobo. Bo não ficava nu na frente de ninguém, exceto dos médicos. Ninguém via a sua perna, especialmente as mulheres. Mesmo quando tinha relações sexuais, sempre mantinha sua calça.

Jason, Michael, Linus e Logan o olharam, depois mudaram e, então viraram e caminharam para a floresta. Deram-lhe a privacidade sem ser muito óbvio sobre isso, o que apreciava. Sozinho, tirou a roupa e mudou rapidamente. Seus ossos estalavam e os músculos doíam quando mudou em sua forma de lobo cinza escuro. Sacudindo seu corpo, fez uma careta para a pontada de dor na perna. Quando era mais novo, a mudança dava-lhe algum alívio do zumbido constante de dor na perna, mas ultimamente, o alívio desaparecera. A dor tornou-se uma parte permanente de sua vida.

Afastou-se, atrás de seus amigos. Ao se aproximar do grupo, Linus sentiu um perfume e correu, uivando fortemente para incentivar os outros a segui-lo. Bo sentiu o cheiro de veados poucos momentos depois, enquanto corriam pela floresta para encontrar suas presas.

Outra coisa chamou a atenção de Bo e ele derrapou até parar, a neve afofando-se ao redor de suas pernas. Ele se virou e

ainda sentia o cheiro, encontrou um aroma sedutor vindo de longe, à distância. Fosse o que fosse, tinha que ter isso.

Quando correu em direção ao cheiro, ouviu seus amigos uivando para ele, mas os ignorou. Os lobos madeiras passaram correndo por ele, o ambiente familiar do território de sua matilha foi transformado por um lobo madeira desconhecido.

Fez uma pausa, farejando e encontrou sangue no vento e um eco fraco de medo, que fez seu coração acelerar quando decolou novamente. O que procurava estava ferido e com medo. Esta criatura, fosse o que fosse, era agora a coisa mais importante de sua vida.

Passando através de um matagal, parou quando se deparou com três were-linces, pelos tufo negros em seus ouvidos, que cercavam uma loba. Eram apenas um pouco menores do que ele, com pelo dourado e coberto com manchas pretas. A ferida estava aberta no lado da loba, pingando sangue vermelho escuro sobre a neve branca. Os três lince a circulavam, mostrando os dentes e agarrando pedaços de sua pele. Ela choramingou e atacou-os, com os olhos arregalados de medo.

Bo sentiu arrepios, enquanto observava a loba lutar sua própria batalha, severamente em um menor número e ele uivou agudamente para inserir-se na luta. Ela precisava de um campeão e ele era apenas o lobo para o trabalho. Os três homens viraram para olhá-lo e depois se voltaram para ela, com chiados e rosnando. Bo percebeu que era da loba aquele cheiro que o chamava. Não tinha tempo para considerar o que isso significava; só que ela estava em perigo e precisava ser salva. Com um uivo

agudo, caminhou em direção aos três quando a mulher escapou fracamente, seus dentes arreganhados em fúria.

Dois dos lince agacharam, prontos para saltar sobre a fêmea e o terceiro, que ela não viu, caiu atrás dela. Como planejaram, ela virou para correr dos dois e correu direto para o terceiro, que prendeu sua nuca em sua mandíbula e sacudiu-a com força, apertando seus dentes, até que seu corpo ficou mole.

Bo não parou para considerar as consequências de suas ações; simplesmente agiu. Rugindo de fúria pelo tratamento da mulher, pulou no homem que a segurava, chocando-se contra o seu lado. O lince soltou a loba com um grunhido de surpresa quando caiu no chão embaixo de Bo. Movendo-se rapidamente, Bo agarrou a perna do lince em sua mandíbula e afastou-o da loba o máximo possível. Os lince não o consideraram como uma ameaça; o que foi um erro. Bo agachou protetoramente na frente da fêmea ferida e virou-se para os outros dois. Eles o circularam, rosnando baixo, mas não recuou, desafiando-os, com rosnados e apertando a mandíbula, para chegar mais perto.

O lince endireitou-se, sacudiu a neve de suas costas e rosnou um aviso para Bo. Mas Bo não iria a lugar nenhum sem a mulher que, de repente, passou a significar tudo para ele. *Ela é minha!* Grunhiu e abaixou a cabeça, preparando-se para o ataque e planejando o contra-ataque. Ele não era o 3º em comando por nada. Lutou e treinou toda a sua vida para que sua perna não o impedisse de ser o melhor. Estes gatos iriam para o inferno.

Os lince o olharam com cautela, lançando olhares para trás e para frente. Depois de olhá-lo por um longo momento, o

único que Bo abordou rosnou bruscamente e os lince se viraram como um grupo e fugiram. Bo manteve sua postura rígida e protetora até que já não podia vê-los ou ouvi-los. Então relaxou, mas só um pouco, voltando sua atenção para a fêmea ferida, na neve. Empurrando-a suavemente com seu nariz, escutou o seu coração e achou fraco e sua respiração superficial. Mudou para a sua forma humana e com cuidado a pegou.

Sua picape ainda estava na clareira da lua cheia. E seu melhor palpite é que estava a vários quilômetros de distância. Andou o mais rápido que sua perna permitiria, ignorando a dor e o frio e se concentrou na forma leve em seus braços. Bonita cor, pele azul com tons de preto cobria seu corpo. Nunca viu um lobo colorido como ela. A linha da família de Jason era negra, mas não como esta. Seja quem fosse, enfrentou os três lince sozinha. Se não a tivessem enganado, ela teria escapado.

A exaustão atormentava Bo, física e mentalmente, mas isso não impediu o seu cérebro de tentar processar tudo o que vira. Três gatos machos atacaram uma loba solitária. Nunca viu um were-lince antes e, com certeza, esperava que não os visse tão cedo.

Não podia negar que havia algo nela. Algo que o chamou a si. Tudo o que sabia com certeza, era que ele cuidaria dela pelo tempo que ela permitisse.

A clareira da lua cheia estava vazia, como esperava. Os lobos só ficavam na mudança, por algumas horas na lua cheia, até saciarem sua necessidade de correr e caçar. A matilha voltaria para a clareira, se trocado e ido embora. Alguns dos membros

mais jovens, homens solteiros e mulheres, se deslocavam para a casa de alguém e saíam. Conexões casuais eram normais em noites de lua cheia.

Uma fina camada de neve cobria o caminhão. Com a perna ardendo como se espetos quentes enfiassem em sua pele, colocou a mulher dentro de sua picape, vestiu-se e foi para casa.

Levou a mulher inconsciente, ainda em sua forma de lobo, em seu quarto e deitou-a em sua cama, puxando um cobertor grosso sobre ela. Sua pele estava gelada, suas orelhas pareciam gelo. Bo abriu o armário do corredor e puxou cobertores das prateleiras, parando para aumentar o aquecimento da casa. Quando voltou para o quarto, ela tinha mudado a sua forma humana. Ela estremeceu incontrolavelmente, mas permaneceu inconsciente. Ele colocou os cobertores no final da cama e entrou no banheiro para pegar um kit de primeiros socorros.

Ele puxou o cobertor para trás suavemente para que pudesse cuidar de suas feridas. Quando viu os seus ferimentos sua respiração falhou e seu lobo uivava por vingança em sua mente.

Uma das garras do lince fez um corte irregular debaixo do braço para a curva de sua cintura. Ele limpou o ferimento cuidadosamente com algodões e antisséptico do kit, grato por que o corte parara de sangrar e começava a se curar. Cobriu a grande ferida lateral com compressas de gaze e esparadrapo e cuidou de seus outros cortes e arranhões. Sua pele marfim estava coberta de hematomas e arranhões e gentilmente testou suas articulações e verificou se havia ossos quebrados. Sua raiva aumentou.

Depois que terminou, colocou o edredom sobre ela e então cobriu-a com cada cobertor na casa. Com um pano quente e úmido, cuidadosamente limpou o rosto da sujeira e sangue seco, e ficou surpreso ao ver como era bonita. Mesmo ferida, ela era simplesmente impressionante. Esfregou a perna e a olhou, querendo saber o seu nome e como ela ficou em apuros com os lincs.

Depois de uma hora, exceto pelos arrepios que cessaram quando se aqueceu, ela não se moveu ou emitiu um som. Não sabia mais o que fazer.

Pegando o celular, Bo saiu do quarto e ligou para sua tia Lia. Ela era humana e se envolveu em cura wicca, porque não acreditava na medicina ocidental. Lia se casou com seu tio, que era um lobo e morreu em um acidente de carro há vários anos. Lia morava na periferia da cidade e fazia visitas domiciliares para pessoas que não queriam ir para um médico tradicional.

Bo lhe disse o que acontecera e sua tia concordou em vir imediatamente. Meia hora mais tarde, quando entrou no quarto de Bo, Lia olhou para a mulher e fez alguns ruídos estranhos com sua boca. Verificou os sinais vitais da mulher e cantarolava em sua garganta, enquanto Bo estava protetor nas proximidades. Mesmo que fosse sua tia, Bo não gostava das mãos de outra pessoa sobre a mulher. Lia afastou os cobertores e levantou o curativo, olhando para a ferida profunda. De uma pequena bolsa que trouxe, Lia tirou um frasco e dois panos limpos, brancos. Ela abriu o frasco e embebeu um pano com óleo claro que cheirava à base de plantas, mas não as ervas que pudesse identificar. Lia

pressionou levemente o pano na grande ferida e então cobriu-o com bandagens frescas e garantiu o curativo no lado da mulher com fita adesiva do kit de primeiros socorros. Molhou o outro pano e passou o óleo sobre os demais cortes.

Quase com reverência, Lia colocou os cobertores em cima da mulher e virou-se para ele. — Sabe alguma coisa sobre lince, Bo?

Ele balançou a cabeça. — Nunca os vi antes. Se não tivesse reconhecido os tufo de pele em seus ouvidos, pensaria que fossem uma espécie de leopardo. Por quê? O que sabe sobre eles?

— Lembra de minha amiga Ada? Ela morava em Phoenix por um tempo e me disse que um grupo de lince ia para sua cidade uma vez por ano. Eles são como os ciganos do mundo shifter. Não ficam em um lugar por muito tempo e comercializam o que precisam. Também fazem casamentos arranjados.

Ele endureceu e olhou para a mulher em sua cama. Será que ela foi prometida para esses homens que a machucaram? Não por muito tempo, seu lobo rosnou em sua mente.

— Disse que sua coloração era única. É possível e apenas suponho, pelas coisas que Ada me disse. Talvez os seus pais a prometeram a um ou a todos esses homens como algum tipo de casamento arranjado. Talvez para formar uma aliança ou talvez em pagamento de algo aos lince. Você terá que esperar até que ela acorde para descobrir sua situação. Seja qual tenha sido a razão, no entanto, o fato de que a feriram tanto em um esforço

para dominá-la, mostra bem as suas intenções, ou como sua vida seria se voltasse para eles.

— O que posso fazer por ela?

Lia olhou para ele, e Bo não conseguia decifrar sua expressão. Orgulho e algo mais.

— Ela precisará dormir até que seu corpo esteja curado. Quando acordar, pode estar apavorada. Não há nenhuma maneira de saber o que ela se lembra. Posso cuidar dela, se quiser que assuma para você.

Seu lobo retrucou irritado. *Ela é minha!* — Não! Quero dizer, não, obrigado, tia Lia, lidarei com isso.

Ela sorriu, levantou-se da cama, e voltou o frasco vazio para a sua bolsa.

— O óleo que coloquei ajudará a curar as feridas, auxiliando sua capacidade de cura natural. Trate-a bem e cuide dela, Bo. Sei que fará isso muito bem.

Ele beijou a sua bochecha. — Obrigado.

— Ligue para mim amanhã e avise-me saber como as coisas estão. Se ela realmente foi dada a esses homens, duvido que deixarão de vir atrás dela tão facilmente. Se a perseguiram até aqui, eventualmente, terão uma maneira de encontrá-la, não importa onde esteja. Por favor, tenha cuidado.

Bo acompanhou Lia para fora e trancou a porta. Ele estava ao lado da mulher em sua cama, tirando uma mecha de cabelo do seu rosto. Sua pele marfim complementava as suas feições

delicadas. O cabelo escuro caiu como uma cortina de obsidiana, juntando no travesseiro sob a cabeça. Ela tinha um nariz adorável, lábios rosados e ouvidos que pareciam certos para morder e sussurrar desejos tentadores. Não foi exatamente capaz de ignorar seu corpo nu, quando cuidado de suas feridas. Seios fartos, pele que parecia tão suave como cetim, barriga lisa e quadris perfeitamente arredondados. Ele se perguntou que cor eram os olhos dela.

Pensar nesses lince que a atacaram fazia seu pelo eriçar. Se o que Lia disse era verdade e sua família lhes tinha prometido, o fato de que fugia deles era claro. Ela devia começar a escolher com quem se acasalava. Bo acreditava que porque era linda, fez com que seu lobo tivesse desejo de tomá-la. Não que ela o quisesse. Estava destruído, depois de tudo. Qual mulher de valor, em seu juízo perfeito, escolheria um lobo que estaria fora da comissão, em poucos anos, devido a uma perna ruim? E não queria nem pensar no que sua vida amorosa seria assim que a dor o dominasse. Não, ela merecia mais do que ele jamais seria.

Mas o que podia fazer por ela era ajudá-la a se livrar de tudo o que esses lince reivindicavam sobre ela. Com base nas informações de sua tia, os lince não teriam medo de perdê-la, porque poderiam rastreá-la de alguma forma. Talvez pelo seu perfume.

Bo saiu e fez alguns sanduíches, enquanto ligava para Jason. Ainda era cedo e sabia que Jason ainda estaria na cama, como a maioria dos lobos, dormindo de dia, depois da lua cheia.

Jason atendeu no segundo toque, soando rouco e sonolento. Bo pediu desculpas por acordá-lo, então explicou o que aconteceu, terminando a história, acrescentando que poderia levar um grupo de lince raivosos para a cidade.

— Isso não é bom, Bo — Jason disse finalmente. — Mas sempre soube que era nobre.

Bo bufou. — Obrigado, cara.

— Olha, — Jason disse uniformemente — se vierem para a cidade a procurando e ela não quiser ser encontrada, a matilha o apoiará. Provavelmente podem rastreá-la pelo cheiro, mas sua trilha terminaria no círculo. Se vierem à cidade para perguntar sobre ela ou você, os mandaremos embora.

— Obrigado.

— Ei, se o seu povo apenas deu-a para outro grupo shifter e ela não quer isso, então ela é mais do que bem-vinda para o santuário em nosso território, por quanto tempo precisar. Além disso, assim que disser a Cades o que aconteceu, sabe que ela reunirá as mulheres na sua causa. Se os lince acham que você vale a pena recuar de uma luta, não viram a minha esposa quando está chateada. Eles não têm a menor chance. — Jason riu e Bo acompanhou. Cadence podia ser apenas metade lobo e incapaz de mudar, mas era toda alfa, até o âmago.

— Ela tem o tamanho de Cades? Posso enviar umas roupas — Jason ofereceu.

Bo ainda não pensou no que ela usaria quando acordasse.

— Isso seria ótimo. Se não servirem, pelo menos servirão até que possa arranjar outra coisa.

— Tudo bem. Mantenha contato e avise-me se precisar de alguma coisa.

Bo terminou a ligação, orgulhoso de que podia contar com o seu amigo e alfa. Não esperava menos. Foi para o banheiro principal e tomou um banho, deixando a água quente trabalhar em seus músculos doloridos. Esteve acordado por mais de 24 horas agora e estava extremamente cansado. Depois de esfregar uma pomada entorpecente em sua perna ruim, colocou um jeans e sentou-se na cadeira de couro no canto do quarto.

Quando sentou-se para descansar, fez uma promessa a si mesmo e à mulher na cama. Hoje era o início de sua nova vida. Teve uma vida de merda de vida com sua lesão, mas nunca foi deportado e acasalado antes, perseguido por outro grupo, quando estava fraco e ferido.

A mulher precisava de ajuda e Bo faria qualquer coisa em seu poder para libertá-la de quem a prejudicasse. Ele a manteria segura.

CAPÍTULO TRÊS

O sono iludiu Reika, deslizando como uma sombra sendo perseguida pelo sol e, embora tentasse segurá-la, não podia. E então se lembrou que não deveria estar dormindo; deveria estar fugindo por sua vida.

Abriu seus olhos e sentou, com sua visão embaçada, sendo tudo muito rápido para processar. Esfregando os olhos com as palmas das mãos, piscou várias vezes e examinou o quarto. Não estava correndo em meio à mata estranha, à noite, com os lince em seu encalço. Esta era a casa de alguém. E esse alguém estava sentado em uma cadeira em um canto, dormindo.

Reika o reconheceu imediatamente pelo seu cheiro, quando os acontecimentos da noite passada rapidamente reproduziram em sua mente. Ele era o lobo macho que viu antes de ficar inconsciente por um dos ataques dos lince. O lobo claramente veio em seu auxílio. Mas o que aconteceu com os lince? Se atrevera a ter esperança de que estivessem mortos e fora de sua vida para sempre? Embora a sorte melhorou consideravelmente com o lobo que a salvara, duvidava que o espírito do lobo gostasse dela o suficiente para matar os lince, também.

Ela lembrou do táxi que a levava por uma hora e deixou-a em uma locadora de carros que funcionava durante a noite. Usando sua nova identidade, alugou o primeiro carro disponível, jogou a bolsa na parte de trás e dirigiu. Não tinha ideia de onde

estava, mas praticamente podia sentir os lince, embora nunca visse ninguém. Acelerou, entrando em várias ruas. Parou o carro em um parque quando o tanque de gasolina estava quase vazio. Era perto do crepúsculo. Viu uma picape em movimento, lentamente andando na principal via do parque, a mesma picape que pegou a jovem com a rosa em seu aniversário. Com o coração acelerado, olhou ao redor freneticamente por ajuda, mas não viu pessoas ou empresas abertas. Tinha apenas uma chance de escapar, que era mudar e correr.

Desnudou-se, colocou as chaves na viseira, deixou sua bolsa sob o banco do passageiro, mudou e saiu correndo. A lua cheia apareceu no céu e Reika correu rapidamente por tanto tempo quanto podia. Podia sentir que não estava sozinha. Sentiu a ameaça e ódio que emanava dos lince. Eles não aceitariam muito bem. Estavam putos com ela.

Ela correu tão longe e tão rápido quanto podia, mas eles se encontraram com ela, tentando feri-la para que não corresse mais. Ela se lembrou deles atacando-a e ferindo-a. Fechou os olhos diante das memórias e afastou-as.

Reika nunca seria capaz de se esconder dos lince. Eles tinham excelentes habilidades de farejar. Não tinha ideia de como a encontraram no aeroporto, mas isso não importava. Se o lobo que salvara os havia espantado, era apenas porque os lince sabiam que seriam capazes de encontrá-la novamente, não importa onde estivesse. Estremeceu na cama.

A única coisa que Reika podia fazer era continuar correndo. O problema era que estava sem dinheiro. Seus pertences estavam

no carro de aluguel, no parque e não tinha ideia de onde o carro estava.

Olhou para o homem. Se salvara a sua vida, poderia ajudá-la a escapar? Tinha que haver um lugar que pudesse ir para onde os lince nunca a encontrassem ou talvez pudesse ajudá-la a entrar em contato com o WAA novamente.

Reika notou que era bonito. Tinha um espesso cabelo negro curto e despenteado, pele bronzeada, mandíbula escurecida pela barba e uma boca feita para beijar, com um lábio inferior ligeiramente maior e apenas pedindo para ser mordiscado. Deixou os olhos vaguearem sobre ele descaradamente, enquanto dormia, notou suas características mudarem lentamente, de calma e suave para a testa franzida e marcada. Suas sobrancelhas franziram, os lábios em uma linha fina e seu corpo ficou rígido.

— Não, não... — murmurou, perdido em seus pesadelos. Suas mãos apertaram um pouco e seu corpo estremeceu.

Reika não suportava vê-lo sofrer em seu pesadelo, então puxou o lençol em torno de si mesma e endireitou-se na cama, estremeecendo com a dor em seu lado. Caminhando até ele, ajoelhando-se e colocando uma mão em seu braço.

Seus olhos se abriram de imediato, avelãs. — Não deveria estar em pé, querida. Você tem um corte feio em seu lado. — disse ele, com sua voz profunda e agradável aos ouvidos. Sua mandíbula estava apertada e seus dedos estavam brancos, mas seu corpo permaneceu relaxado para que conseguisse olhar à vontade. Ela achou que fazia isso para seu benefício.

— Tenho? — ela piscou para ele. Ela abriu o lençol para revelar onde a dor irradiava. Afastou um curativo e viu três marcas de garras que estavam em cura.

Sacudindo a cabeça ligeiramente para a ferida, disse — Estava tendo um pesadelo. Está bem?

Seus olhos pousaram sobre ela, com calor nas profundezas, e apertou a mão ao rosto. — Não sou o único que foi atacado por três homens na noite passada.

Com um movimento rápido, a pegou em seus braços e a colocou de volta na cama, agachado na frente dela. — Posso arranjar-lhe alguma coisa?

— Seu nome?

— Ah, me desculpe. — ele sorriu e ela teve a sensação de que ele não sorria muito ou não sorriu em um longo tempo. No entanto, gostava de seu sorriso. Levou-o de bonito para lindo em 2,2 segundo.

— Meu nome é Bo Elliott.

— Sou Reika Snow. Obrigada por me salvar.

Ele contou a história de como avia seguido o cheiro dela e tropeçou no meio dos lincos tentando dominá-la. Ela agarrou o cobertor com vergonha. Tudo devia parecer tão bárbaro para ele.

— Ei, ei... — repreendeu em voz baixa — Não dou a mínima para qual seja a razão. Você é uma pessoa e não uma propriedade, para ser tratada tão mal. — levantou-se lentamente e se encolheu, mas rapidamente mudou sua feição para esconder

a dor que marcou temporariamente seu rosto. Sua natureza de curadora disse-lhe que havia algo errado com uma perna, algo antigo e que fora atormentado com pesadelos da lesão desde então.

— Obrigada, Bo.

— Estou feliz que estava lá, Reika.

Ela gostou do jeito que disse o seu nome. Como uma carícia verbal. Ela se repreendeu por pensar essas coisas doces sobre o homem. Ele era seu herói, claro, mas precisava pegar a estrada rapidamente, para não trazer o inferno para qualquer cidade que desembarcou.

— Que dia é hoje? — A luz do sol disse que era o início da manhã, mas tinha a sensação de que dormira mais do que apenas algumas horas.

— É segunda de manhã. Encontrei-a na noite de sábado e dormiu desde que a trouxe para cá e mudou.

Ela assentiu com a cabeça, mordendo o lábio inferior. Os homens já estavam atrás dela ou ganhavam tempo?

Bo colocou a mão suavemente em seu ombro nu. — Está segura aqui, Reika. Juro pela minha vida.

Suas palavras eram tão honestas e verdadeiras como qualquer outro que ouvira. Este era um lobo honrado e prometeu mantê-la segura. A emoção ameaçou dominá-la e engoliu em seco, lutando para não desmoronar.

Reika olhou para suas mãos que seguravam o lençol para o seu corpo e notou as unhas que estavam cobertas de sujeira. — Devo estar horrível. Posso tomar um banho?

— Você está perfeita, Reika. Mas é claro que pode. — disse Bo, com um sorriso, enquanto a ajudava a ficar de pé. Mostrou-lhe o banheiro. — Minha alfa fêmea trouxe algumas roupas para você na noite passada e algumas coisas de garotas. Quando estiver pronta, tomarei café da manhã com você.

Deixando-a sem tempo para responder, Bo deixou o banheiro e fechou a porta. Ela ligou o chuveiro e soltou o lençol. Preparando-se, olhou para o espelho sobre a pia e respirou fundo. Contusões e arranhões pontilhavam a sua carne, ofuscada apenas pelas marcas de garras de raiva do seu lado. Grata pela sua cura rápida, entrou debaixo do chuveiro e se limpou.

Reika foi aquecida pelas palavras doces de Bo, mas o que ele realmente podia fazer em relação a um clã de lince que tinham a intenção de tê-la como companheira para seus homens e como uma curadora para os seus guerreiros? Podia sentir que Bo era poderoso, provavelmente altamente classificado em sua matilha, mas isso não significava que queria que ele levasse sua matilha para a guerra, por ela.

Ela não conseguia se lembrar de acordar e não sentir seu acasalamento iminente com os machos de lince pairando sobre a sua cabeça. Mas acordou sentindo-se segura com Bo. Seu lobo rosnou suavemente em sua mente. Sentia-se atraída por ele. Não só fisicamente, mas mais profundo. Parou sua mente para

explorar a atração crescente para o lobo, antes que isso fosse longe demais.

Suspirando, desligou o chuveiro e saiu, enrolando uma toalha grossa em torno de si mesma. Bo não gostaria dela. Era um bem danificado. Obrigada a se casar com três machos de lince. A única maneira de Bo romper o vínculo era se fosse seu companheiro verdadeiro. E mesmo assim, teria que lutar com os três homens pelo direito de acasalar com ela.

Como começaria essa conversa? *Sinto-me ligada a você, gracinha. Gostaria de arriscar sua vida por uma mulher que acabou de conhecer?*

Não, era melhor sair do seu caminho o mais rápido possível. Isso era melhor, para todos.

Sua fêmea alfa deixou uma pilha de roupas de diferentes tamanhos e escolheu um jeans confortável e um suéter macio e espesso. A calcinha estava em um pacote novo e o sutiã era esportivo.

Escovou os dentes e penteou o cabelo, deu uma última olhada no espelho e foi para o quarto. O cheiro de bacon a chamou e seguiu-o para uma cozinha aconchegante. Bo, agora usando uma camisa de manga longa com calça jeans, estava no fogão, usando um garfo para remover bacon de uma panela.

— Ai, merda! — reclamou, limpando a mão depois que a gordura estalou para ele.

Ela sorriu. — É bom ver um homem que sabe se virar na cozinha.

Bo olhou por cima do ombro, seus olhos se iluminaram quando a viram. — Não fique muito animada. Só posso fazer o básico. Bacon, ovos, água quente.

Voltou sua atenção para o bacon, terminando de remover as fatias da frigideira e desligou o fogão. Colocando a panela quente sobre um queimador vazio, disse — Sente-se, Reika.

Sentou-se em uma das duas cadeiras na mesa, quando ele colocou um prato de bacon ao lado de uma pilha de waffles aquecidos na torradeira, um prato de ovos mexidos e um bule de café.

— Sei que isso não é ótimo, mas não tinha certeza de quando acordaria, então só pedi a um dos lobos que me trouxesse algumas coisas, que poderia facilmente fazer.

— É perfeito, Bo, realmente. Obrigada.

Ela voltou sua atenção para os waffles, colocando dois em seu prato e sufocando-os com manteiga e xarope. Adoçou seu café e acrescentou um toque de leite, tomando um gole experimental antes de decidir que estava perfeito.

— Então... onde estou? — perguntou, depois de dar uma mordida no waffle.

— Allen.

— É onde, em Kentucky? — nunca ouviu falar da cidade antes e não tinha ideia de onde estava quando parou no parque ou quanto tempo correu.

Ele franziu o cenho. — Sim. De onde é? Existe alguém que gostaria de telefonar? Sua família?

Seu coração doeu. Queria desesperadamente ligar para os pais, mas não se atrevia. E se os lincos tivessem pessoas vigiando a sua casa? Não podia arriscar que seus pais soubessem de nada.

Ela nunca tinha realmente sido uma boa mentirosa, mas a menos que Bo a conhecesse melhor, desconfiaria. — Não há ninguém para avisar.

Ela ocupou-se de comer, sentindo-se deprimida não apenas por mentir, mas também fingir, como se sua família não existisse.

Ele não fez mais nenhuma pergunta e era grata. Comeram em silêncio, mas podia senti-lo a olhando. Achou incrivelmente excitante, mas tentou banir os pensamentos lascivos de sua mente.

Quando terminaram de comer e os pratos foram lavados e colocados no esconder, secou as mãos em uma toalha de cozinha e levou-a para o sofá estofado de camurça castanha. Ela sentou-se e afundou-se em uma almofada.

Bo passeou um pouco e havia um problema definido em sua porta. Ela se concentrou em sua perna direita. Sabia que seus sentidos iniciais de cicatrização estavam certos. Sua perna foi gravemente ferida. Para um lobo, isso era uma má notícia.

Significava que ou ele era muito jovem para mudar e curar a si mesmo ou não foi capaz de mudar para ajudar a si mesmo a curar corretamente.

Ele sentou sobre a mesa de café e esfregou sua coxa. Seus movimentos foram tranquilizados, quando percebeu que o observava e o embaraço corou suas bochechas.

Limpando a garganta, disse — Então, quer me dizer por três lince tentaram seqüestrá-la?

Direto ao ponto, claro.

— Eu, hum... — começou, sem saber se deveria dizer-lhe alguma coisa ou simplesmente sair.

— Escute, Reika, é muito claro que fugia deles e não são o tipo de homens que estão por aí ferindo gravemente uma mulher. Eu a salvei e só quero saber no que estou envolvido, para descobrir a melhor forma de avançar.

— O quê? Não precisa se envolver em qualquer coisa. — parou. — Obrigada por me salvar, Bo, mas não precisa se meter na merda que estou até o fundo.

Ele levantou-se da mesa de café, ficando mais alto que ela uns 15 cm do que os seus 1,66 metros e segurou seus braços. Seus dedos flexionaram levemente, restringindo, mas não ferindo.

— Não sou o tipo de homem que resgata uma mulher em perigo e depois a deixa ir, então pode tirar esse pensamento de sua mente. A ajudarei em tudo o que precisa para que ser livre. Você ficará aqui, comigo, até que isso aconteça.

Reika abriu a boca para protestar, mas a determinação nos olhos de Bo lhe disseram que ela poderia argumentar por uma semana, mas não faria diferença. Ele não tinha a intenção de apenas deixá-la ir embora. Ela abaixou a cabeça enquanto lágrimas de alívio se misturavam com preocupação, temia que nunca estivesse realmente segura, preocupada que trouxe o inferno para Allen e temia que Bo se machucasse ou morresse tentando manter uma estranha segura.

Não uma estranha, seu lobo parecia rosar *‘companheira’*.

Bo respirou surpreso e ela ouviu o rosnado de resposta de seu lobo. Ela levantou a cabeça lentamente, seguindo o peito largo e ombros até os lábios perfeitamente beijáveis que se abriram ainda que levemente enquanto ele ofegava. Excitação, dos dois, encheu o ar ao seu redor. Poderia se afogar nele. Alegrementemente.

Mas então a realidade lhe atingiu no rosto e lembrou-se dos três lince que tinham a intenção de levá-la.

Ela bateu suas mãos longe de seus braços e deu um passo para trás, colocando o sofá entre eles. Predominando sobre o desejo que a alagou, disse-lhe o que aconteceu, desde o acidente de Ben até a rosa em sua porta da frente, do WAA até os machos pegando-a no mato.

Bo estalou os dedos, a ira estragou as suas belas feições. Seus olhos brilharam, de avelã ao âmbar, e seu primeiro pensamento foi que era o tipo de homem que sonhou que a salvaria da promessa dos lince e ser dela para sempre. Mas a

realidade era muito brutal para contemplar a segurança que lhe prometeu. Não importa o quão bem intencionado, um lobo macho não era páreo para três lincees determinados. Ela sabia disso. Ele tinha que saber disso também. Mas lobos eram teimosos e igualmente determinados. Não queria que a sua determinação o matasse.

— Não irá a lugar nenhum, Reika. Ficará aqui comigo até que se livre da promessa a esses homens. E realmente deve telefonar para a sua família para que saibam o que aconteceu. Tenho certeza de que estão preocupados com você.

Ele aproximou-se dela e estendeu a mão, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. O toque leve como pena, a fez estremecer toda. Sua preocupação, juntamente com o pensamento do sofrimento da sua família, fez a barragem se romper e caiu em seus braços e chorou.

Ele a segurou com força, acariciando seus cabelos e murmurando coisas suaves e calmantes para ela. Reika deixou rolar as lágrimas que segurou por tanto tempo sobre a situação e chorou lágrimas novas pensando no sofrimento de sua família e como a sua situação mudou, por um homem gentil, incrível, que no meio do desastre salvou a sua vida.

Ela chorou, até que não podia chorar mais e Bo nunca vacilou, nunca parou de acariciá-la, de conversar com ela, abraçando-a. Reika sentia-se bem com ele. Segura. Cuidada. E atraída por ele... tão atraída por ele. Seu corpo ficou tenso quando a palavra que tentou ignorar bateu em sua mente novamente.



Companheiro.

Bo... um homem que correu para ela na hora de necessidade, levado somente pelo cheiro do seu medo, era seu companheiro verdadeiro. Um homem capaz de torná-la livre. E o homem que agora queria proteger mais do que ninguém.

Não lhe pediria para lutar por ela e não o deixaria saber que estava ciente de que eram companheiros. Ela iria mantê-lo para si até que encontrasse um jeito de sair daqui e deixá-lo em segurança.

Seu lobo uivou penosamente em sua mente, mas afastou a tristeza e se endireitou. Era a coisa certa a fazer. Respeitaria e protegeria seu companheiro, deixando-o para trás e levando seus problemas para longe, muito longe.

Ela se afastou e ele soltou o aperto sobre ela e acariciou as lágrimas perdidas de suas bochechas com os polegares. Seus olhos se encontraram e, naquele momento, sabia que ficar longe de Bo Elliott seria a coisa mais difícil que faria em sua vida.

Mas faria.

Por ele.

CAPÍTULO QUATRO

Bo estava a poucos metros de distância de Reika quando ligou para a mãe e lhe disse o que aconteceu. Nunca tinha ouvido falar da Were Animal Alliance e fez uma nota mental para falar com Jason sobre isso. Se havia um grupo que ajudava lobos como Reika a escapar de situações perigosas, então gostaria que a sua matilha entrasse nisso.

Nunca teve uma mulher chorando em seus braços antes. Isso quebrou algo dentro dele ao vê-la completamente destruída. Tinha a sensação de que um monte de lágrimas que chorou, eram as que segurou por muito tempo. Ela lhe parecia o tipo de mulher que não sobrecarregava os outros com sua dor, o tipo que sorria em público e choraria em particular. Sentiu-se humilde que ela se sentisse confortável o suficiente para baixar a guarda e desafogar assim.

Porque ela é minha companheira.

Ele afastou o pensamento tão rapidamente quanto entrou em sua mente. Sabia que era dele, mas não era tão egoísta a ponto de amarrá-la a uma criatura quebrada como ele. Isso o mataria, mas a libertaria e depois a deixaria ir embora.

Uma batida na porta da frente afastou a mente de Bo de seus pensamentos melancólicos, enquanto Reika falava em voz baixa com os pais dela. Ele a admirava por tentar fugir e fazê-lo

sem envolver sua família. Ele a deixaria ir em segurança, mas não antes de afastar os lince.

Teller estava na porta. O lobo de pele ébano era o melhor rastreador na matilha, órfão em uma idade jovem e adotado por um casal acoplado e sem filhos da Matilha Tressel. Ele era mais jovem do que Bo por alguns anos, mas era um bom amigo e um lobo ainda melhor para ter-se à sua volta.

Bo deixou Teller entrar. — Estão rondando, três machos de lince. Deixe-me dizer-lhe, homem, os gatos fedem. — Teller fez uma careta e Bo riu.

— Eles entraram em Allen? — Bo ofereceu um café a Teller, mas ele recusou.

— Sim, ontem à noite. Uma caminhonete com placas de fora do estado foi vista dirigindo-se lentamente pela cidade. Jason alertou Trick para manter-se atento para as coisas estranhas e Trick telefonou ontem à noite. Logan e eu saímos procurando por eles, mas a picape foi embora. Mudamos e corremos o perímetro da cidade. Senti o cheiro de dois dos homens pelo parque de trailers, mas foi várias horas depois.

Patrick Flannigan, apelidado de Trick, era chefe de polícia de Allen, humano e casado com uma loba da Matilha Tressel.

— Então os lince a caçaram em sua forma e, então voltaram com a caminhonete para vasculhar a cidade? — perguntou Bo, coçando o queixo diante do pensamento.

Reika, terminou a ligação e se juntou a ele e Teller. Sua voz era suave e cheia de preocupação. — Não, eles te rastrearam, Bo. A trilha do meu perfume terminou quando me colocou em sua caminhonete. Mas seu cheiro está provavelmente por toda a cidade. — ela torceu as mãos com preocupação. — Deveria ir. Manter-me em movimento ou ligar para o WAA e pedir-lhes para me ajudar a desaparecer.

Então esse era o seu plano? Claro que não. O lobo de Bo rosnou com raiva.

— Você não tem nada para se preocupar, Reika. Eu lhe disse que estaria segura aqui comigo e quis dizer isso.

Teller se apresentou para Reika e pediu para Bo para sair com ele. Assim que estavam de pé na neve espalhada na varanda da frente, Teller disse — Isso não impedirá esses lincos de encontrá-lo, e logo. Tudo que precisam a fazer é entrar na garagem de Pete e pesquisar os arquivos para o seu endereço ou perguntar a um dos seres humanos ao redor da cidade onde mora. Os seres humanos nesta cidade não pensariam duas vezes antes de ajudar um estranho, a maldita hospitalidade do sul e tudo mais.

— Não vou deixá-la fugir por conta própria, T.

— Não disse que deveria, Bo. Percebo o que acontece aqui. Só digo que precisa ser inteligente. Jason quer que traga Reika durante esta tarde para que Cades a conheça e a cúpula discuta com você, para descobrir o que fazer.

Concordando, Bo apertou a mão de Teller e viu seu amigo entrar em seu carro e ir embora. Como um rastreador, Teller não era realmente classificado dentro da matilha. Era uma entidade única, sob o domínio do alfa, mas não fazia parte do sistema de ranking. Um rastreador talentoso valia o seu peso em ouro e nenhum alfa no seu perfeito juízo colocaria um rastreador no ranking e permitiria que lutasse por seu lugar. Se um rastreador fosse ferido, não conseguiria acompanhar. Teller era altamente considerado na matilha, um bom homem para conhecer e um lobo que podia encontrar qualquer um, em qualquer lugar.

Bo entrou. Reika estava sentada no sofá, o celular ainda em sua mão. Foi capaz de ouvir a maior parte de conversa com os pais. Ficaram desesperados quando desapareceu, especialmente quando o líder dos lince disse-lhes que os seus netos, os três homens que a machucaram, já estavam a caminho para trazê-la para casa.

Toda a situação era péssima e pior do que imaginava. Não culpava o alfa pelo que aconteceu. Ele sacrificou um lobo por sua matilha, e depois de conhecer Jason toda a sua vida e ver como ele lidava em uma base regular, como líder, às vezes, o bem de muitos realmente supera as necessidades de poucos. Ou daquela doce loba que tremia em seu sofá, enquanto tentava mantê-los juntos. Podia sentir o gosto de seu medo como uma pílula amarga em sua língua.

Algo que ela disse estava fixo em sua mente. — Mencionou que a queriam para reprodução.

— Sim. — olhou para ele, seus olhos azuis luminosos e tristes.

— Parece que há mais do que apenas criar a próxima geração de lince. O que é isso?

Ela apertou os lábios exuberantes e então suspirou, esfregando em um ponto entre os olhos com o polegar. — Sou um vértice.

— Não conheço essa palavra. — ele juntou-se a ela no sofá.

— Uma curandeira. Em minha família, todas as mulheres são curadoras. Há rumores de que minha família é uma das linhas mais antigas na história, desse tipo de lobo, talvez até tão longe para trás como o primeiro lobo, dependendo da tradição. Sou um casaco azul. Você só verá a minha cor na minha linha de família. Não só é a cor original da minha família, mas as fêmeas são magicamente poderosas. Não necessariamente, fisicamente, mas poderosa com a magia antiga. Magia de cura. — olhou para a sua perna antes de falar. — O rei lince percebeu o que era, quando tinha sete anos e decidiu me levar em vez do dinheiro para substituir seu cavalo. Exigiu me prometer aos três lince ou veria Ben morrer naquele momento. Meus pais e meu alfa fizeram a escolha certa.

— Reika... — começou, mas ela o interrompeu, pegando seu celular e abrir uma mensagem de texto em branco.

— Para quem mandará uma mensagem de texto? — tinha uma suspeita de que sabia a resposta.

— O WAA. Espero que sejam capazes de me tirar daqui rápido e que não me responsabilizem pelo acontecido com os dois lobos que me ajudaram. — ele pegou o telefone de suas mãos. — Ei!

— De jeito nenhum, Reika. Se você pensa que a deixarei desaparecer com esses lincos capazes de farejá-la, está louca. O que farei é descobrir como quebrar a promessa que foi feita em seu nome e mandá-los para o seu bando. Assim que estiver segura, pode voltar para sua família. Nesse meio tempo, ficará aqui. — ajustou as configurações em seu celular e bloqueou-o, para usar seria necessário digitar uma senha. Olhou para cima de seu celular e ela o olhou. Ele tinha certeza de que ela sabia exatamente o que acabara de fazer com seu telefone.

— Não quero que ninguém se machuque por minha causa, Bo. Se ficar aqui, os trarei para a sua cidade. Pessoas inocentes podem se machucar. Vão se machucar — insistiu.

— Não irá a lugar nenhum. Teller encontrará o seu carro de aluguel para que seja devolvido para a empresa e sua bolsa será trazida para cá.

— Como o encontrará? Não tenho nenhuma ideia de onde estava na cidade, o nome do parque ou mesmo quanto tempo estive correndo.

— Teller é o rastreador de nossa matilha. Ele seguirá o seu cheiro. Não se preocupe com isso, ok? Está tudo sob controle, querida. Tudo que precisa fazer é apenas confiar em mim. Você pode fazer isso?

Realmente esperava que ela dissesse sim. Nunca se importou se uma mulher confiava nele ou não, mas era seriamente importante agora. Se ela sáísse porque não confiava nele para mantê-la segura, se ela se machucasse por causa disso, ficaria louco.

— Ok, Bo. — disse depois de um longo momento. — Confio em você.

Podia ver sua mente trabalhando. Mesmo que dissesse que confiava nele, tentava descobrir como ficar longe dele e sair por conta própria. Aplaudiu o seu desejo de manter os outros seguros e manter o problema sobre si mesma, mas não estava disposto a deixá-la valsar no inferno sozinha.

Era sua companheira. Sabia com mais certeza agora, do que quando a viu se recuperar durante o sono. Seu lobo retumbou um acordo. Nenhuma mulher jamais o fez sentir do jeito que ela fazia. Sabia que estava destruído e que não era digno de alguém tão incrível como ela, especialmente com a tal linha de família poderosa por trás dela. Mas ainda se certificaria de que esteja segura. Não tinha escolha. Mesmo que seu lobo se rebelasse com a ideia de deixá-la ir, ela merecia um companheiro que pudesse protegê-la para o resto de suas vidas, lobo e homem, e não aquele que seria aleijado dentro de alguns anos. Ele a libertaria dos lincos e depois a deixaria ir. Era a coisa certa a fazer.

Naquela tarde, levou-a para a casa de Jason e Cades. Reika ficou tranquila na maior parte do dia, só falando quando falava com ela. Observava o seu olhar ao redor, enquanto caminhavam

até a varanda da frente de sua casa, podia sentir a sua desconfiança. Ela estava procurando os lince.

— Alguns de nossos melhores lutadores estão de patrulha, querida, então está segura aqui. — Bo estendeu a mão para ela. Esperou que a pegasse, vendo como ela deu uma última olhada ao redor e depois relaxou, mas por uma fração apenas.

— Estou perturbando a sua matilha inteira. Não está certo.

Ele sentiu o peso quente de sua mão. — É claro que é certo. Não apenas é um lobo de nossa espécie, mas... — vacilou. Não diria a palavra companheira. Ela estava assustada o suficiente. Pensando rapidamente, abriu a porta da frente e puxou-a para dentro. — Pode escolher com quem se acasalará e o que fará com sua vida.

Seus lábios se separaram um pouco e inclinou a cabeça para o lado. Queria tanto puxá-la em seus braços e beijá-la. Sentir seu corpo pressionado contra ele. Vê-la desmoronar em êxtase.

Ela não precisa de sua bagagem. Disse a sua voz interior, zombando.

Cale a boca. Seu lobo rosnou em advertência.

Reika seguiu até a cozinha, onde Jason e Cades estavam no balcão. Michael, irmão de Jason, 2º na hierarquia da Matilha, estava sentado na mesa da cozinha. Junto com Linus, o 4º e Logan, o 5º em comando. O lobo de Bo se irritou com Logan, que era o único macho solteiro ao redor. Bo lutou com o desejo de

empurrar Reika atrás dele, para protegê-la dos olhos de Logan. Um lobo possessivo era a última coisa que precisava, quando os lince não tinham nada mais em suas mentes do que a posse.

Cades e Jason se aproximaram e Jason apresentou-a aos outros na mesa. Bo sentou Reika entre ele e Cades, quando os dois se juntaram ao grupo. Manteve a mão na parte de trás da cadeira de Reika, reivindicando-a em silêncio.

Enquanto discutiam a situação dos machos lince, a mente de Bo constantemente estava em Reika. Seu aroma doce e natural era como um farol. Viu-se, inconscientemente, inclinando-se para ela, querendo acariciar sua pele macia, beijar seus lábios carnudos. Seria difícil ficar longe dela. Apertou os dedos no encosto de madeira da cadeira e se concentrou na conversa.

O pai de Jason, Peter, entrou na cozinha, de cabeça baixa, na leitura de um grande volume, um livro de leis da matilha, com capa de couro.

— Certo. — colocou o livro em cima da mesa, as páginas amareladas cheias de escrita na língua antiga. — A dívida de sangue só pode ser desfeita por alguém poderoso o suficiente para quebrá-la.

— Dívida de sangue? — perguntou Cades.

Peter levantou a cabeça. — Sim. Eles selaram a promessa com sangue, não foi, Reika? Seu e dos três homens?

Ela tremeu e balançou a cabeça, o constrangimento ruborizando as suas bochechas. Porra. Bo colocou o braço ao

redor dela e puxou-a contra ele. Ela endureceu apenas ligeiramente e depois relaxou. Esfregou a ponta do dedo anelar da mão direita. Ele se perguntou se tinham tomado o sangue de lá. O pensamento de alguém a cortando, tirando o seu sangue, quando era uma criança, fez seus pelos eriçarem. Que tipo de pessoas marcam crianças e as prometem para estupradores, para tornarem-se éguas de cria, não era o tipo de shifter que queria conhecer. Quanto mais cedo estivessem fora da vida de Reika, melhor.

— Um poderoso o suficiente para quebrá-lo. O que significa isso? — perguntou Jason. — Não é uma ligação física. Não estão encaixados.

Peter olhou para Reika por um longo momento e ela balançou a cabeça levemente. Ele fez um pequeno som de zumbido em sua garganta e voltou sua atenção para o livro. Que diabos?

Ela mexeu-se na cadeira e moveu o braço de seu ombro enquanto se levantava. Sua voz era calma e equilibrada, mas seus olhos azuis bonitos estavam com medo. — Alguém pode me mostrar onde é o banheiro?

— Claro, por aqui. — Cades levantou-se e levou-a para o banheiro no primeiro andar. Viu-a ir, seus movimentos rígidos e ansiosos.

Quando a porta fechou, Teller disse — Alguém mais acha que a única pessoa que pode quebrar a dívida de sangue é seu companheiro verdadeiro?

Peter acenou com a cabeça. — É muito claro aqui nos textos antigos. A dívida de sangue era usada como uma promessa entre matilhas nos velhos tempos. Quando as matilhas faziam a paz, que muitas vezes os casamentos arranjados eram entre as crianças dos alfas, selando a promessa de sangue. A única coisa que poderia quebrar a promessa era se uma das crianças encontrasse o seu companheiro verdadeiro, antes de ocorrer o acasalamento. O companheiro verdadeiro lutaria para quebrar a dívida de sangue. Se fosse bem sucedido, então a dívida estava apagada. Se perdesse, no entanto, não era autorizado a reivindicar a sua companheira.

Jason se inclinou para trás em sua cadeira. — Verifiquei a sua matilha. Não são muito maiores do que nós, estabelecidos em Columbus. O alfa é da velha escola, não tanto quanto a família de Karly, mas honrado.

— É bárbaro — queixou-se Cades, trazendo sua bebê, Lyric, para a sala. A menina de cinco meses de idade ficou agarrada com a mãe, com os punhos apertados nos cabelos de Cades. — Ela era uma criança. Nunca deveriam ter concordado com isso.

— Não acho que tiveram uma escolha, Cadence. — disse Peter.

— Bobagem. — Cades rosnou. — Há sempre uma escolha. E pode ter certeza absoluta se alguém tentasse ligar Riki a três homens em nome da honra, só o fariam sobre o meu cadáver.

Bo tinha certeza de que seria o cenário exato. Bo sentia a mesma necessidade de proteção com Reika. Podia não ser digno dela, mas ela merecia mais do que os homens que a forçariam, a submeteriam, e machucariam da forma como fizeram.

Falando de Reika...

Olhou para o banheiro com uma sensação de perda. Sequer se preocupou em ir ao banheiro, saiu da cozinha pela porta dos fundos e moveu-se pela lateral da casa. Viu a janela aberta banheiro e o local onde caiu, quando escorregou de dentro.

Seus passos eram fáceis o suficiente para seguir na neve, mas ela não tinha ido muito longe. Ficou alguns metros dentro da floresta, com as costas contra uma árvore e um telefone celular em sua mão.

— Indo a algum lugar, meu amor? — parou na frente dela e colocou as mãos nos quadris. Estava ao mesmo tempo furioso e excitado. Ela não deveria ter tentado ir embora, mas foi extremamente subserviente, e ajudou-o, gostava disso.

Ela jogou o telefone para ele e cruzou os braços sobre o peito. — Seu povo, com certeza, é confiante.

Pegou-a, olhando para baixo e encontrou o celular rosa brilhante de Cades, com uma senha impedindo que fosse usado. Ele tentou não rir, mas não conseguiu. Quando Reika o olhou, ele riu mais ainda. Foi muito engraçado.

Quando riu o suficiente, colocou o telefone no bolso de trás e aproximou-se dela. — Disse que confiava em mim.

Ela tentou desviar o olhar, mas ele segurou o seu queixo e a fez olhar para ele. Seus olhos diziam tudo. Ela sentia a chamada do companheiro, tanto quanto ele.

— Confio. Só não quero que ninguém se machuque.

— Quebrarei o vínculo para você, Reika. Estará livre para casar com quem quiser.

— Não! — gritou, com as mãos, de repente segurando seus braços. — Não pode. É muito perigoso. Eles são loucos e implacáveis. Nunca desistirão de me ter.

Ele deixou seu animal livre suficiente para os seus caninos alongarem e apertou a parte interna da palma da mão, tirando sangue. Pressionando a mão para seu pescoço, disse — Juro pela minha vida, Reika Snow, que a deixarei livre de sua dívida de sangue do clã lince.

Seu peito subia e descia, enquanto respirava quase ofegante, seus dedos apertando em seus braços.

— Por quê? — sua voz saiu crua.

— Então poderá ir para casa, para sua família e viver sua vida da maneira que quiser. — Isso o mataria, mas a queria segura, para que tivesse uma vida normal.

Ela franziu a testa, fazendo uma careta. — Ir para casa?

— Sim. Voltar para sua família. Deixe-me libertá-la, querida.

Seus olhos desceram para a boca, e seu coração acelerou. Seu corpo saltou para a vida, aquecido com desejo.

— Bo — ela disse baixinho, sua voz apenas um sussurro.

Ele aproximou-se dela, apoiando-se em seu corpo, enquanto seus lábios se tocaram. Ele colocou sua língua por seus lábios e bebeu do seu gosto inebriante. Ele inclinou a cabeça e deslizou sua mão ao redor de seu pescoço, massageando a carne um pouco abaixo do cabelo. Dançou a sua língua contra a dela e comeu os gemidos guturais que ela fez como se fosse uma comida que precisava para viver.

Ela tremeu e a parte humana dele lembrou que estava muito frio lá fora e nenhum deles usava casacos. O lado lobo dele, no entanto, queria rasgar a sua roupa e reclamá-la, apesar do frio.

Ela colocou a mão no peito dele e apertou e ele se permitiu ser empurrado. Seus olhos estavam brilhantes, a boca inchada por causa do beijo incrível e os seios arfando enquanto ela ofegava para respirar. — Devemos voltar — disse ela.

— Ê. — quase se desculpou. Mas a verdade era que não se arrependia de beijá-la. É claro que isso tornaria muito mais difícil deixá-la ir, agora que tinha um gosto dela e abraçou-a. Uma pontada na perna o levou para fora da terra do romance sentimental e para a realidade cruel.

— Tudo ficará bem, Reika. — disse, enquanto colocava o braço em volta dela e a levava de volta para casa.

Ficaram para jantar com Jason e Cades. Michael e sua esposa, Shyne, se juntaram a eles. Embora Reika fosse amigável e conversasse com a mulher, Bo podia sentir a tensão nela. Ela continuava a tentar se afastar dele e tinha a sensação de que não era só porque não queria ferir inocentes, mas também porque não queria que ele se machucasse.

Naquela noite, viu sua caminhada para o quarto e fechou a porta. Ela prometeu, várias vezes, que não tentaria sair durante a noite. Não confiava nela nem um pouco, merda, porque parecia uma corça em frente aos faróis, mas teve que mostrar sua boa fé. Acomodou-se no sofá, sem sapatos e camisa, mas com o jeans. Nunca dormia bem no sofá, apesar de nunca ter realmente dormido bem em qualquer lugar.

Reika foi gentil o suficiente para não perguntar sobre sua perna, mas estava ciente de que o olhou várias vezes durante o dia.

Não estava realmente pronto para abrir a sua alma e compartilhar a história. Por que compartilhar a história significava mostrar a perna e não achava que suportaria ver a expressão de desgosto quando visse a carne mutilada de sua perna.

A sua parte irracional e primitiva argumentou que ela era sua companheira e o amaria de qualquer jeito. Mas a sua parte racional, que passou tantos anos vendo médicos e enfermeiras se assustarem quando viam a sua perna e então a pena que se seguia, não achava que agüentaria ver isso em seus olhos.

Estava deitado na escuridão, olhando para o teto, esperando o sono chegar. Ele esperava que não tivesse um pesadelo. Foi constrangedor acordar de seu pesadelo e vê-la preocupada com ele. Sem mencionar o quão fraco devia parecer.

Estava tão absorto em pensamentos que não estava ciente de que Reika estava na sala com ele, até que se enrolou ao lado dele, colocando-se contra ele no sofá. Seus braços foram imediatamente ao redor dela, enquanto se aconchegou nele.

— Querida?

— Estou com frio — disse ela.

Ele puxou a manta do encosto do sofá e colocou sobre ela. Ela não estava com frio; parecia corada. E cheirava a excitação.

Seu pênis reagiu, endurecendo e arranhando seu zíper. Ele abafou o gemido em sua garganta.

— Posso arrumar o aquecedor. Não é confortável aqui no sofá.

Ela olhou para ele. — Só se vir comigo.

Bem, não achava que seria uma boa ideia. Se a levasse para a cama, não seria capaz de afastar as mãos dela, então era melhor ficar no sofá. Como estava, seu corpo gritava para rolar em cima dela e descobrir se estava tão quente e molhada quanto cheirava.

— Boa noite, Reika.

— Boa noite, Bo.

Quando amanheceu e Bo acordou, percebeu que realmente teve uma boa noite de sono, pela primeira vez em muitos anos. Reika foi como um bálsamo para o seu corpo. A pontada constante de dor estava lá, mas tinha entorpecido o suficiente para que pudesse dormir. Espantado, se deitou com ela enquanto ela dormia, desejando que pudesse engarrafar o sentimento.

Só de pensar em deixá-la ir fez seu lobo arranhar em sua mente, rosnando e infeliz. Mas era o melhor, Bo sabia.

Ela podia ter algumas habilidades de cura, mas não se ofereceu para curá-lo, o que lhe disse que estava verdadeiramente além da esperança. Não havia médico ou especialista que fosse capaz de ajudá-lo com a dor constante e nada do que sua tia Lia fez com suas habilidades de ervas, jamais funcionou além de um entorpecimento temporário que parecia tornar a dor mais intensa quando o efeito das ervas passava.

Saindo do sofá sem acordar Reika, tomou banho e foi para o trabalho. Embora a última coisa que quisesse fazer era deixá-la, ele tinha um trabalho a fazer. Cades e Karly passariam o dia com Reika e dois dos homens mais jovens, ficariam do lado de fora e de olho na casa.

Reika estava sentada na cama quando saiu do banheiro depois de escovar os dentes. Sorriu para ele quando passou, enquanto entrava no banheiro. Terminou de se preparar para o trabalho e entrou na cozinha. Reika tinha feito café e serviu uma xícara para ele. Nunca teve alguém preparando uma xícara de café para ele. Mas também nunca teve uma mulher que passasse toda a noite em sua casa.

Reika se juntou a ele na cozinha vinte minutos mais tarde. Ela havia colocado outra roupa que Cadence trouxe para ela, um suéter grosso e um jeans escuro. Seu cabelo estava úmido.

— Depois do trabalho hoje, a levarei em um shopping, e poderá escolher algumas coisas para você, está bem?

Ela pareceu surpresa. — Não precisa fazer isso.

— Por que não? As roupas de Cades não lhe cabem bem e você disse que só tinha duas mudas de roupa na bolsa que arrumou, o que não é suficiente. Vamos comer alguma coisa enquanto estivermos fora. A menos que queira waffles de torradeira para o jantar.

Ela riu e balançou a cabeça. — Não sei quando serei capaz de pagá-lo de volta, Bo.

Ele segurou seu rosto com uma mão e acariciou sua bochecha. — Não pense nisso, meu amor.

Lembrança do beijo que compartilharam na floresta no dia anterior passou pela sua mente e se viu inclinando-se para ela, querendo saboreá-la e beijá-la... devorá-la.

Uma batida na porta jogou água fria sobre eles e ele deu um passo para trás rapidamente, lembrando-se de que não planejava que ela ficasse por aqui, assim que a libertasse dos lince. Caminhou até a porta da frente, amaldiçoando interiormente a sua ereção e por insistência de seu lobo que não podia permitir que ela se fosse, mesmo depois que fosse libertada.

Ele abriu a porta. Karly e Cades estavam na varanda da frente, rosto luminoso do ar frio e sorrisos em seus rostos.

— Venham, senhoras. — Bo recuou e manteve a porta aberta para Cades e Karly entrarem. Karly trazia um recipiente de plástico nas mãos. Quando Bo fechou a porta, acenou com a cabeça para o lobo em posição no jardim da frente, sabendo que o outro estava no quintal, já olhando para o problema. Mas não gostava de deixá-la em tudo, mesmo sabendo que tinha pessoas olhando por ela, não ajudou a aliviar um pouco esse fardo.

Como esperava, quando Reika viu Karly e Cades, se irritou.

Puxando-o para o lado, quando Karly levantou a tampa do recipiente de plástico e Cades olhou nos armários para pegar louças, Reika assobiou — Não preciso de babás.

Ela era tão feroz e apaixonada e queria silenciar seus protestos com beijos e petiscos. Não era tempo para isso.

— Baby, primeiro de tudo, não tenho ideia se os lincos sabem onde está ou não. Nunca a deixaria por conta própria, enquanto vou para o trabalho. Se pudesse ficar em casa com você, ficaria, mas tenho um prazo e um cliente esperando. Você só terá que agüentar.

Ficou boquiaberta. — Acabou de me dizer para agüentar?

— É. — sorriu e beliscou o seu queixo. — Jurei sobre o sangue do meu lobo que a veria segura e isso significa que estou no comando do que acontece, até que venha a acontecer. Agüente.



Ela deixou escapar um pequeno suspiro de surpresa, seus olhos arregalaram e então ela estalou os dentes. Ele imaginou que ela pensava em mordê-lo. Pelo menos parou de discutir.

Ele a beijou no rosto, roubando um rolo de canela fresco e pegou o casaco. Olhando para trás, viu Reika colocar um sorriso no rosto e cumprimentar Karly e Cades com entusiasmo. Sabia que não estava feliz, mas conseguiu transmitir que estava, apesar de tudo. Mais uma vez percebeu o quanto tempo ela aperfeiçoou a fachada de ser feliz, quando não estava e reforçou a sua vontade de vê-la livre e segura. Não importava o que, acabaria com aqueles lince e lhe daria de volta a sua vida.

CAPÍTULO CINCO

Quando a porta fechou atrás de Bo e ele foi para o trabalho, Reika olhou para Cades e Karly com um sorriso tão largo que suas bochechas doeram. Tinha muita prática de colocar uma cara feliz assim, ninguém sabia o quão ruim sentia-se por dentro.

Cades, a fêmea alfa e híbrida de lobo, olhou para Reika com uma sobrancelha arqueada e disse — Não precisa fingir que está feliz em nos ver, mas só sei que Bo tem as melhores intenções. Você é importante para ele, e como qualquer homem de valor, ele se certificará de que esteja segura, mesmo que precise confiar aos outros para mantê-la assim.

Ela abriu a boca para retrucar que Bo não tinha ideia de onde se metia, colocando sua matilha em risco para ajudá-la, mas notou pelo olhar feroz de Cades que nada que Reika dissesse a faria abandonar a casa. Viu um homem novo que estava no jardim da frente, e ela tinha uma sensação de que não era o único ao redor, o que significava que sair, mesmo se encontrasse uma maneira de abandonar as duas mulheres, não aconteceria.

Enfrente... está presa.

Ela suspirou de forma audível e deu um pequeno sorriso genuíno. — Agradeço por estarem aqui.

Karly apontou para a pequena mesa da cozinha e Reika sentou-se. Karly, com longos cabelos negros e feições delicadas,

usava pinças para colocar um rolo grosso de canela em um prato na frente de Reika, enquanto Cades servia uma caneca de café e a colocou em frente a ela. Karly disse — Estou tentando uma nova receita para estes rolos, então me diga o que acha.

Karly e Cades juntaram-se a ela na mesa e Reika pegou o rolo e deu uma mordida. Não foi capaz de abafar o suspiro feliz quando o delicioso sabor de canela e açúcar mascavo explodiu em sua língua.

Ben adoraria ter essa receita.

— É muito bom, Karly. Você é muito talentosa — disse Reika, abaixando o rolo e ajeitando o café com creme e açúcar.

Karly abriu um grande sorriso e tanto ela quanto Cades morderam os seus. Por vários minutos havia apenas murmúrios satisfeitos e felizes das três comendo seus rolos de canela.

Karly pegou a caneca de café e tomou um gole. — Bo disse que é de Columbus. A sua matilha é muito grande?

— Só um pouco maior que a sua, pelo que me disse. Minha família é pequena, apenas meus pais e meu irmão mais novo, Ben.

Houve um pouco de silêncio e depois Reika acrescentou — Não é que não aprecie o que Bo tenta fazer por mim, mas não quero que ninguém se machuque. É ruim demais que os dois lobos da WAA ficaram feridos tentando me ajudar. Não quero adicionar mais sangue em minhas mãos.

Cades esticou o braço e colocou a mão sobre a de Reika. Mesmo que Cades não fosse uma verdadeira loba e não mudasse, Reika podia sentir o seu poder como alfa.

— Não há sangue em suas mãos, Reika. Os lobos que se machucaram, foi ação dos lince, não sua. E não é apenas Bo que quer vê-la segura. Todos nós queremos. É horrível o que aconteceu com você, o que já sofreu sabendo que te esperavam e não a deixaremos ir embora por própria conta. Bo a encontrou quando precisava de ajuda e sua matilha o apóia 100%.

A sinceridade nas palavras de Cades tocou Reika profundamente. Ela colocou a outra mão sobre a de Cades e disse — Obrigada.

Seria difícil sair e deixar Bo para trás, agora que ele envolveu a sua matilha, mas estava ainda mais certa de que não tinha escolha. Ele era um homem de valor, um lobo de honra e merecia viver uma vida plena e longa, para encontrar a felicidade, não assumir o seu fardo e morrer por ela. Simplesmente não deixaria isso acontecer.

Quando terminaram o café da manhã, Reika descobriu que as duas mulheres tiveram filhos; o filho de Karly, Remy, estava com quase um ano de idade e a filha Cades, Lyric, tinha cinco meses. As mulheres pareciam gostar de ter um dia de folga, enquanto seus filhos eram cuidados por seus avós. As três sentaram-se no sofá na sala e assistiram TV durante o dia. Falaram sobre tudo, exceto os lince e sua dívida de sangue, pelo qual estava grata. Foi fácil relaxar perto de Cades e Karly, que tinham histórias engraçadas para compartilhar sobre os membros

da matilha, incluindo Bo. Cades cresceu com Bo, ele era alguns anos mais velho que ela. Lembrou-se dele como o escuro cara que era rápido a levantar-se para os seus amigos e nunca desistiu de uma luta. Aparentemente, não mudou muito desde o colegial.

Melancolicamente, Reika sentiu que seria amiga de ambas, se ficasse por aqui. Eram exatamente o tipo de meninas com quem gostava de andar. Não tinha muitos amigos em sua matilha, porque seu futuro pairava como uma sombra sobre ela. Enquanto crescia, mais perto estava o tempo em que seria levada embora, os amigos que tinha se afastaram, como se estivessem com medo de ser sugados para dentro do clã dos lince apenas por ser suas amigas. Não as culpava por quererem se proteger, mas estava sozinha.

Era quase cinco horas quando a picape de Bo parou na calçada em frente da casa, seguida por uma grande SUV preta.

Bo saiu de sua picape, esfregando sua perna direita antes que subisse na calçada da frente. Mais uma vez, perguntou-se sobre a extensão de seus ferimentos. As portas da SUV abriram e Reika reconheceu Michael e sua esposa, Shyne, quando saíram e seguiram Bo para dentro da casa.

Bo sorriu para Reika quando abriu a porta, tirando o casaco e pendurando-o em um gancho ao lado da porta.

— Olá, querida! Lembra-se de Michael e Shyne, não é?

— Prazer em vê-los novamente — disse Reika e sorriu para eles.

— Digo o mesmo, Reika. — Shyne sorriu com facilidade e foi falar com Cades e Karly, que colocavam em seus casacos.

— Teve um bom dia? — perguntou Bo.

Uma pequena parte dela queria ser malcriada e dizer-lhe que, não teve um bom dia, sob o olhar atento de uma fêmea alfa e uma companheira anjo. Mas ao olhar em seus olhos cor de avelã, e vendo a seriedade, não podia dizer isso.

— Sim. Cades me contou um monte de histórias de quando era mais jovem.

Seu sorriso vacilou e lançou um olhar semicerrado para Cades, que vestia o casaco, sorrindo inocentemente.

— Não sei do que ela está falando, Bo.

Ele resmungou baixinho e agradeceu a Karly e Cades por ficarem com ela durante o dia. Reika se despediu e assim que Bo fechou a porta, virou para ela. — Michael e Shyne jantarão conosco. Há um Shopping Center não muito longe daqui. Tem algumas lojas de roupa e alguns restaurantes nas proximidades.

Deixou-a na sala da frente com Michael e Shyne para que tomasse um banho rápido e se trocasse. Michael sentou no sofá com um bocejo e Shyne sorriu carinhosamente para ele quando sentou-se ao lado de Reika.

— Queria saber se gostaria de vir ao centro comunitário comigo amanhã. Dou aulas de ginástica para os lobos mais velhos que vivem no condomínio no centro e a equipe sempre precisa de uma mão no escritório.

Reika não sabia o que dizer. Shyne parecia uma mulher doce e não queria insultá-la, especialmente porque podia adivinhar que Bo colocou nisso.

Como se sentisse sua hesitação, Shyne sorriu suavemente. — Quando conheci o Michael, tive alguns were-hienas interessados em mim e eles realmente me assustaram. Fiquei com Michael depois disso, mas os primeiros dias quando estava sozinha em casa, sem ninguém para conversar, enquanto ele trabalhava, me deixaram maluca. Sei que não é a mesma situação e não quero menosprezar o que está passando, mas será divertido sair e nos conhecermos. Os lobos do centro comunitário são tão divertidos e há sempre alguém que se oferece para fazer o almoço para mim. Sei que será bem-vinda.

Como Shyne era tão gentil, Reika não podia dizer não. — Parece bom. Que horas?

— Venho buscá-la por volta das nove. Apenas vista um jeans ou qualquer outra coisa. Não espero que treine ou faça qualquer coisa, a menos que queira.

Reika fez uma careta e Shyne riu. Shyne tinha uma pele hispânica, cabelo preto e olhos castanhos, e mesmo que usasse jeans e um suéter grosso, Reika podia ver que estava em forma.

Bo saiu do quarto vestindo um jeans desbotado e uma camisa de manga comprida de botão. Seu cabelo escuro estava um pouco úmido e tinha a mandíbula com um restolho de barba, que imaginava raspando por sua pele, quando se beijassem...

quando se tocassem... quando deslizesse pelo seu corpo e se esfregasse contra as suas coxas.

Oh, merda.

Todo o seu corpo aqueceu com os maus pensamentos, não conseguia se controlar e encontrou os olhos de Bo quando veio até ela e pegou sua jaqueta. Viu a luxúria que brilhou em seus olhos quando ele exalou lentamente. Ele estava tão perto que poderia tê-lo beijado, poderia ter tocado a sua barba com as pontas dos dedos, mas deu um grande passo para trás e se forçou a pensar em coisas não sexys como...

Tentando pensar em qualquer coisa não sexy, colocou as mãos em seus lados e cerrou os dentes. Bo parecia congelado no lugar por alguns segundos, e então ele pegou sua jaqueta fora do gancho e estendeu-a para ela.

— Compraremos um casaco para você quando sairmos, querida. Pode usar o meu por enquanto.

Antes que perguntasse o que usaria, ele pegou um moletom com capuz de outro gancho e pegou outra jaqueta por baixo. Ela colocou o seu casaco de couro muito grande e foi cercada imediatamente pelo delicioso cheiro dele. Essa seria uma longa noite.

Shyne ofereceu o banco do passageiro para Bo para que sentasse com Reika no banco de trás e Bo aceitou. Michael e Bo falaram sobre um carro que Bo restaurava e Shyne discutiu um filme que ela e Michael assistiram no fim de semana anterior. Reika gostou de Shyne e achou seu humor espirituoso e o sorriso

contagiante. No momento em que Michael estacionou na frente de uma loja chamada Mona, esqueceu de todas as suas preocupações sobre os lince e decidiu apenas se divertir.

— Tudo bem, estaremos aqui quando terminar — Michael disse, quando virou e piscou para elas.

— De jeito nenhum, baby, não ficará fora assim tão fácil. — Shyne riu. — Levante sua bunda do carro e segure a minha bolsa enquanto experimentarei algumas coisas.

Michael fez uma careta para ela, mas Reika podia ver o carinho piscando em seus olhos. — Obrigado por elogiar minha bunda, amor, mas não.

Shyne inclinou-se ligeiramente e passou os dedos em todo o rosto. — Você se lembra da pequena roupa preta sexy que comprei para o Natal, como uma surpresa?

As sobrancelhas de Michael arquearam e ele sorriu. — Oh, sim.

Shyne sentou-se com um sorriso perverso e triunfante, e disse — Se quiser vê-la novamente, sairá. Agora.

Michael a olhou em estado de choque e depois soltou uma gargalhada. — Me pegou. Tudo bem, tudo bem.

Michael saiu da caminhonete e correu para o lado de Shyne para que abrisse a porta. Bo saiu e caminhou pela frente do SUV e caminhou até Reika. Shyne piscou para Reika e riu.

— Homens.

Bo abriu a porta de Reika e estendeu a mão para ela.

— Eles são engraçados — disse a ele, quando apertou sua mão com mais força para que não escorregasse no estacionamento ainda gelado.

— Estou feliz que pense assim. Michael é o espertinho do grupo, no caso de não ter percebido.

— Percebi.

A boutique era de propriedade de uma loba renegada, chamada Mona, que os cumprimentou quando entraram pela porta da frente, como se fossem velhos amigos. Depois de olhar rapidamente para cima e para baixo, a mulher mais velha levou Shyne e Reika pelas mãos e puxou-as para as prateleiras de roupas, falando por cima do ombro para Bo e Michael se sentarem.

Uma hora mais tarde, Bo pagava por vários pares de calças jeans, blusas, roupas de baixo, uma jaqueta de inverno e dois pares de sapatos. Michael abraçou Shyne quando ela sentou no seu colo e agradeceu-lhe por comprar-lhe uma camisola nova.

— Eu te pagarei depois, Bo, prometo — disse Reika, enquanto Mona entregava suas duas sacolas.

Bo pegou as sacolas de suas mãos e as segurou em uma mão. Colocou a outra mão em seu cotovelo e conduziu-a para a porta. — Não precisa, Reika. Prometi que cuidaria de você e parte disso é me certificar que não congele até a morte, sem roupas ou morra de fome sem comida.

Michael abriu a parte de trás do SUV e colocou as sacolas. Como Bo mantida aberta a porta para ela, ela olhou para ele e disse — Meus protestos não fazem diferença, não é?

Ele sorriu. — Não realmente.

— Não pararei de protestar.

— Não os ouvirei — ele respondeu.

Ela riu, ficou na ponta dos pés e beijou-o uma vez, suavemente, antes de entrar no SUV. — Obrigada.

Ele balançou a cabeça e fechou a porta.

Eles comeram em um desses lugares de hambúrguer estilo anos 50 e Michael e Shyne mantiveram a conversa leve e divertida, falando sobre a matilha e da pequena cidade de Allen.

Quando se despediram de Michael e Shyne, assim que voltaram para a casa, Bo fechou a porta e trancou-a. Ele tirou seus casacos.

— Pedeu que fossem conosco para irmos na SUV de Michael e termos menos chances de sermos encontrados pelos lince enquanto estávamos fora? — ela o olhou.

Ele acenou com a cabeça. — Essa é uma razão. Também por que sabia que gostaria de Shyne e Michael é um dos meus amigos mais próximos. Você se divertiu?

— Sim. Foi bom não pensar realmente em nada sério.

— Então, minha missão foi um sucesso. — ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorriu.

Ela inspirou lentamente e o cheiro dele, escuro e picante, uma combinação de sua colônia e do lobo, atingiu-a. *Seu companheiro.*

Seria tão fácil cair em seus braços e dizer-lhe como quebrar a dívida de sangue, pedir-lhe que lute por ela, porque eram amigos e o queria, mas lutou contra a vontade. Com outro agradecimento sussurrado, pegou suas coisas novas, foi para o quarto, tirou-as da sacola. Após a arrumação, vestiu uma de suas camisetas e se deitou.

Estava frio e vazio e, depois de algum tempo, fez o mesmo que fez na noite anterior e entrou na sala de estar e aconchegou-se nele. Foi a segunda melhor noite de sono que já tivera.



— Então, é muito simples — disse Susan, companheira humana de um lobisomem e a mulher que dirigia o centro da comunidade para Reika, que sentou em uma cadeira atrás de uma mesa de metal. — Insira as informações no folheto, torne-as bonitas, e depois imprima 50 cópias. Então, quando terminar, pode imprimir etiquetas de endereço e nós as despacharemos para as casas depois do almoço. Tudo bem?

Reika trabalhou no escritório do decano da faculdade da comunidade e aprendeu o gerenciamento do escritório. Realmente não esperava ir para a faculdade, mas seus pais queriam lhe dar todas as oportunidades para conhecer outros lobos. Então, estava muito familiarizada com a tarefa que lhe foi dada e não seria nenhum problema.

— Resolverei isso.

— Bom. — Susan apertou seu ombro. — É uma salvação. Tenho tanta coisa para fazer. Ei, talvez se terminar cedo, possa começar a trabalhar no boletim mensal.

— Claro, Susan, o que precisar. Estarei aqui enquanto Shyne estiver.

Susan bateu palmas alegremente e, em seguida, começou a trabalhar em sua própria mesa. Reika ouviu música alegre de repente e sabia que Shyne começara a sua aula de ginástica.

O condomínio de aposentados era para os lobos que faziam parte da matilha Tressel, mas que não queriam participar do ranking ou renunciaram aos seus rankings, devido a uma lesão ou idade, ou eram os companheiros humanos dos lobos que haviam morrido. O condomínio tinha dezenas de casas, centro comunitário e segurança 24 horas, sob a forma de um rodízio de membros da matilha.

Shyne chegou pontualmente às nove e Reika notou um carro afastar-se do meio-fio em frente a casa de Bo e seguí-las. Quando perguntou, Shyne disse que era um lobo do condomínio de aposentadoria que Michael e Bo convidaram para segui-las durante o dia para se certificar que não fossem seguidas e manter-se atento para o problema.

O dia passou rapidamente. Shyne apareceu na hora do almoço e disse que almoçariam com uma das lobas de sua classe, e Reika passou uma hora em uma cozinha aconchegante desfrutando o mais delicioso frango e bolinhos que teve. Após o

almoço, Reika e Susan caminharam ao redor do condomínio e distribuíram folhetos e Reika trabalhou no boletim mensal até Shyne acabar o seu turno.

Susan abraçou Reika firmemente. — Poderia usá-la aqui, Reika. Meio período, alguns dias por semana?

Reika sentiu o rosto esquentar. — Susan, eu... — não sabia o que dizer.

Susan olhou para Shyne, que sutilmente balançou a cabeça. Susan sorriu alegremente e disse — Basta pensar nisso. Pense com carinho e avise-me. Muito obrigada pela ajuda hoje, Reika.

Reika sorriu e se despediu, saindo com Shyne.

Quando parou na frente da casa de Bo, Shyne colocou a mão no braço de Reika e a impediu de abrir a porta do carro.

— Não seria tão ruim morar aqui, não é? Bo é bastante impressionante. Michael fala tão bem dele e o quanto sofreu com a lesão e tudo. E a matilha é tão legal. Nem sou um lobo e me tratam como se vivesse aqui toda a minha vida. Claro, isso pode ser porque Michael chutaria traseiros, se alguém não me tratasse bem, mas gosto de pensar que é porque sou encantadora e doce.

Reika riu com a tentativa de Shyne de fazer humor. — Você é doce, Shyne. Mas minha vida é muito complicada.

— A vida é complicada. Perdi meus pais antes de aprender a ler e depois a mulher que me acolheu morreu quando tinha doze anos, e passei seis anos em uma casa do grupo Foster, antes

de sair, aos 18 anos. Sei tudo sobre como a vida é complicada e difícil. Certo, não estava disposta a me casar quando estava na escola primária, mas sei o quão importante é um bom homem e quão raro é o verdadeiro amor. Está com medo, entendo isso. Mas não desista de encontrar o amor verdadeiro por causa do medo. É apenas meu conselho.

Reika abriu a boca para dizer a Shyne que realmente não sabia do que ela falava. Não que Reika tivesse medo de amar Bo, porque uma parte dela já estava meio apaixonada por ele. Estava com medo de se entregar a esse amor, porque ele era o tipo de cara que sairia para lutar por ela e poderia morrer. E ela, definitivamente, tinha medo disso. Em vez disso, porém, porque não queria ferir os sentimentos de Shyne, e ela realmente gostava dela, Reika acariciou a mão de Shyne e disse — Aprecio que tenha passado um tempo comigo hoje, Shyne e considerarei tudo o que disse.

— Bom. — Shyne acenou com a cabeça, enquanto Reika saía do carro e fechava a porta. Reika acenou esperando atrás do carro de Shyne e o lobo atrás do volante acenou de volta, quando inverteu até a calçada e esperou por Shyne dar marcha à ré e, em seguida, os dois a deixaram. Reika ficou na varanda da frente por um tempo, até que o frio forçou-a a entrar.

Quando pendurou o casaco, virou para Bo e disse — Quem será a minha babá amanhã?

Ele riu. — Pensei que gostaria de ir com Karly em seu restaurante. Estão se preparando para abrir em algumas semanas e ela e um grupo de lobos estão preparando-o.

Ela caminhou para ele, até que estivessem a apenas alguns centímetros de distância. — Quanto tempo continuará com isso?

— Até que tenha certeza de que está segura.

— Nunca estarei segura, Bo. Está apenas adiando o inevitável e potencialmente causando o risco de pessoas inocentes se machucarem.

Ele rosnou, baixo e ameaçador. Ela deu de ombros e virou. — Estou sendo honesta.

Ela caminhou até o quarto para tomar um banho antes do jantar, mas ainda o ouviu dizer — Eu também.

CAPÍTULO SEIS

Logan

Na quinta-feira, Logan Jackson sorriu agradecido para Karly, quando lhe entregou uma xícara de café. Bo telefonou na noite anterior e perguntou se ele passaria o dia no restaurante, enquanto a sua ‘amiga’ Reika estava lá, para certificar-se de que nada acontecesse.

Logan nunca viu um lince antes, mas sabia algo sobre eles e suas formas estranhas. Nunca criando raízes e viajando constantemente, parecia uma vida dura. Talvez fosse por isso que eram tão idiotas. Embora Bo não dissesse sem rodeios, Logan sabia por conversar com Michael e Jason que Reika era a companheira verdadeira de Bo.

Bo tinha alguns problemas de auto-estima muito graves, graças à sua perna ruim, mas Logan não achava que algo faltava nele. Era um bom amigo, um lobo feroz e um bom homem para ter à sua volta em uma luta. Logan estava feliz por vigiar a loba para seu amigo.

Karly esperava abrir o restaurante a tempo para o Dia dos Namorados, que era apenas algumas semanas adiante e Logan estava ansioso para ter a chance de comer sua comida deliciosa com mais frequência. Ela sempre preparava nas luas cheias e

para as reuniões mensais do alto escalão da matilha, que participava como 5º na classificação, mas simplesmente almoçar ou jantar, sempre que quisesse, seria um grande benefício.

Peter Gerrick, que foi alfa antes de Jason assumir, entrou na parte de trás do restaurante com Reika, que sorriu, embora seus olhos gritassem que não era uma visitante feliz. Bo queria mantê-la sob vigilância cuidadosa, enquanto estava no trabalho, não apenas para sua própria segurança, mas também porque se preocupava que ela tentasse fugir no momento em que a deixasse sozinha. Logan concordou com a tática de Bo. Se Logan tivesse encontrado a sua própria companheira verdadeira e estivesse em perigo, tentando fugir para mantê-lo fora do caminho do mal, faria qualquer coisa ao seu alcance para se certificar que ela ficasse segura e próxima, mesmo que tivesse que confiar em outras pessoas para ajudar.

Acenando para Peter, Logan deu bom dia para Reika, que sorriu docemente, mas não sinceramente e juntou-se a Karly em um posto no balcão. Alguns jovens lobos trabalhavam diligentemente na limpeza do salão. Quando Karly decidiu abrir o restaurante, fechado depois que os antigos proprietários deixaram a cidade, a decisão envolveu um monte de trabalho para atualizar o mobiliário e a decoração. Agora, o restaurante era limpo do chão ao teto: luminárias e janelas polidas, paredes lavadas e o carpete limpo a vapor. A cozinha estava sendo limpa e o pequeno escritório completamente refeito para tornar um espaço confortável para Karly resolver seus menus que davam água na boca.

— Logan? Tenho croissants de chocolate e bolinhos de blueberry na cozinha. Sirva-se e não se esqueça de me dizer o que achou. — Karly olhou por cima do ombro e sorriu, então virou-se para Reika.

— Sabe que a amo. Amo tudo que faz. — ele riu.

— Ainda assim, uma garota gosta de ser tranqüilizada. — Karly riu.

Ouviu Karly explicar a Reika que precisava dela para revisar os novos menus e inserir os especiais do dia e Reika prometeu verificar as informações com cuidado. Logan ouviu dizer por Susan, que trabalhava no centro comunitário, que amou a ajuda de Reika, tanto que espalhou para a matilha que tinha até lhe oferecido um emprego em tempo parcial.

Logan entrou na cozinha, encontrou duas bandejas e escolheu um croissant cheio de chocolate para fazer uma refeição rápida. Gemeu de prazer com o sabor doce e amanteigado derretendo em sua língua e então ele abriu os olhos e olhou ao redor para ver se alguém o pegara fazendo o som quase orgástico que soltara. Merda. Foi celibatário por muito tempo e gostava tanto de um deleite achocolatado. Agradeceu por se encontrar sozinho. As únicas vezes que gostava de ser barulhento era quando uivava para a lua ou dando prazer a uma mulher e, como se cansara dos encontros de uma noite e de sair com mulheres que não eram sua companheira verdadeira, não teve esse tipo de prazer em algum tempo. Um longo tempo. Era praticamente um monge para todos os intentos e propósitos.

Havia lobas mais velhas na matilha que queriam ficar com ele apenas porque era o maior e mal. Elas gostavam de suas tatuagens, sua Harley e sua má atitude. Mais jovem e estúpido, não brigava em bares como pensavam, mas teve muitos pequenos desentendimentos e nunca se afastou de uma briga. Quando se juntou a Matilha Tressel no último outono, esperava recomeçar. Abandonou sua moto e comprou uma caminhonete, conseguiu um bom emprego como segurança no bar da matilha, precisou provar aos outros que havia algo por baixo das tatuagens e dos músculos, um macho de valor. As lobas da matilha e as mulheres humanas que freqüentavam o bar, o viam e ficavam loucas. Soube então que não apenas não eram sua companheira verdadeira e que não a encontraria na matilha Tressel, mas também que a verdade era um pouco mais deprimente, que nunca encontraria a mulher que significaria algo para ele. Mas preferia ficar sozinho do que preso em um acasalamento com uma loba que não fosse a sua companheira verdadeira, o que o trouxe de volta ao seu celibato atual. Há alguns anos atrás, se alguém lhe dissesse que escolheria ficar sozinho à noite ao invés de encontrar um corpo quente para desfrutar, teria rido para caramba. Agora... nem tanto.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ouviu Karly dizer — Desculpe-me, estamos fechados.

Logan largou o croissant e entrou no salão de jantar, quando Reika ficou alarmada. Logan pegou as mulheres e colocou-as atrás de si.

— Entrem no escritório e tranquem a porta! Liguem para a garagem! — gritou, empurrando cegamente as mulheres, quando os três homens altos e magros atravessaram o restaurante como se lhes pertencesse. Ele inspirou e captou que eram lince.

Olhou para os jovens lobos no restaurante, contando cinco. Apenas dois eram maiores de dezoito anos, se afastaram de onde estavam e se juntaram a Logan. Os outros três se esconderam e era grato. Eram jovens demais para ter muita experiência de combate e só se machucariam.

Estalando os dedos, disse — Saiam agora, por vontade própria, ou os farei sair.

— Só você e alguns filhotes, cachorro? Realmente acha que pode nos enfrentar? — O que estava no meio, disse com um sorriso de escárnio.

— Sim. Saiam daqui agora. Última advertência.

O da direita tirou uma lâmina do bolso e abriu-a, agitando-a levemente. — Mande a loba e ninguém se machuca.

— Vá para o inferno. — Logan rosnou, fixando sua perna para trás e deixou seu animal livre o suficiente para dar-lhe mais força e velocidade. Seu lobo ansiava por uma boa luta e três gatos arrogantes que achavam que uma loba era propriedade deles e não uma pessoa era perfeito.

Como o único com a lâmina ficou tenso, Logan puxou uma cadeira e jogou no lince, atirando rapidamente mais duas cadeiras. Ele se esquivou e Logan correu, colidindo com o gato

mais próximo. Seu impulso jogou o gato por uma das portas de vidro da frente, que estilhaçou com o impacto, e Logan parou pouco antes de cair sobre o gato quando ele caiu na calçada.

Ouviu o som de roupas rasgando e lobos rosnando e sabia que os dois filhotes mais velhos se transformaram para ajudar. Olhou para os três garotos mais jovens dentro e gritou — Guardem a porta do escritório!

Transportando o gato pela sua cauda, Logan pegou a sua calça com a outra mão e jogou-o pela calçada, onde caiu pesadamente e rolou várias vezes antes de parar contra um medidor de estacionamento. Com um grunhido em sua garganta, virou para voltar para o restaurante quando os dois gatos correram pela porta quebrada, olharam ao redor freneticamente procurando o seu amigo e correram para o lince caído.

Logan assistiu-os ajudá-lo a levantar e se moverem para uma caminhonete parada no final da rua, disparando com um guincho de pneus quando as sirenes da polícia encheram o ar. Logan voltou para o restaurante, percorrendo a porta quebrada, direto para os dois jovens lobos que mudaram. Sentiu alívio quando viu que não ficaram gravemente feridos. Estavam machucados; aqueles lince os teriam vencido, mas era difícil lutar contra um lobo rosnando quando estavam em sua forma humana. Por alguma razão, os lince não mudaram, o que era bom para os jovens lobos.

Ele bagunçou a cabeça dos dois lobos e sorriu. — Vocês foram grandes. Jason ficará orgulhoso de vocês. Estou orgulhoso de vocês dois.

Os lobos incharam de orgulho e Logan pegou-os sob o queixo e endireitou, quando a polícia chegou, com armas em punho.

— Eles se foram, Chefe, — Logan disse para Trick. — Fugiram em uma caminhonete vermelha, sem placas. As garotas estão no escritório.

— Que bom que estava aqui, Logan. — Trick disse e guardou a arma.

A porta do escritório abriu quando um dos jovens lobos bateu na porta e disse às garotas que era seguro sair. Quando Karly e Reika saíram do escritório, Linus e Bo correram para o restaurante.

Linus agarrou Karly em um abraço apertado e ela começou a chorar. Logan observou como Bo chegou perto de Reika, tocou seu ombro e perguntou se estava bem, mas não fez nada mais. Logan estava certo de que Bo queria abraçar Reika para assegurar-se de que estava a salvo agora, mas se conteve.

Bo virou-se para olhar para ele. — Obrigado, Logan.

Linus olhou sobre a cabeça de Karly, o rosto contorcido em preocupação, alívio e raiva. — Obrigado.

Logan assentiu. — Foi bom que me pediu para estar aqui. Eles não contavam que teria alguém aqui, exceto as garotas e os jovens lobos. Não sei como sabiam. Talvez estivessem vigiando ao redor da cidade.

Bo fez uma careta. Reika agarrou o braço de Bo e a olhou. Parecia que estava prestes a perdê-la, mas conseguiu dizer, com uma voz que apenas tremia ligeiramente — Por favor, não me faça ficar com mais ninguém, Bo. Não suportaria se alguém se machucasse por minha causa.

— Não farei, Reika. — Bo prometeu.

Reika olhou para Logan. — Obrigada. Estava paralisada. Se não estivesse aqui, não sei o que teria acontecido.

— Estou feliz por estar aqui. Falarei com Trick. Te verificarei mais tarde.

Bo acenou com a cabeça, falou com Reika, Linus e Karly e então se foi, com Reika. Depois de Logan dar o seu depoimento à Trick, conversou com Jason e Michael, que vieram da garagem quando Karly pela sua ajuda e se ofereceu para ajudar na patrulha pela cidade durante o dia. Ele e Teller dirigiam por aí à noite, usando caminhões de reboque da garagem, mas obviamente os lincos ou estavam desesperados ou mais arrogantes.

Mais tarde naquele dia, enquanto patrulhava a cidade com um jovem lobo chamado Dante, checkou com Bo, que disse que Reika estava abalada, mas ilesa, e isso era a coisa mais importante.

— Eu te agradeço, Logan? É uma espécie de um borrão, — disse Bo.

— Sim. De nada. Se ela fosse minha mulher, sei que faria o mesmo.

Bo hesitou — Logan, ela é não...

Logan bufou e cortou. — Tudo bem, Bo. Continue dizendo isso.

Bo ficou em silêncio por alguns instantes e então suspirou alto. — É um monte de merda.

— A vida é assim, às vezes. Não se esqueça de que há uma grande quantidade de lobos que gostariam de encontrar as suas companheiras verdadeiras. — Como eu.

— Eu sei.

Logan podia ouvir a dor na voz de Bo. Logan não era um cara muito romântico, mas sabia que Bo já estava apaixonado por Reika e seu plano para libertá-la dos lincos e enviá-la para casa estava para matá-lo.

— O amor é complicado, não é? — disse Logan, finalmente.

— Sim.

Ainda era uma dificuldade que desejava sofrer. Saindo do restaurante, estacionou o caminhão de reboque na garagem e foi para casa dar um cochilo antes de seu turno no bar. Em algum lugar do mundo estava a sua própria companheira verdadeira e esperava que a encontrasse em breve.

CAPÍTULO SETE

Bo não imaginava que algo o aterrorizaria como a notícia de que os lince estavam no restaurante o aterrorizou. Linus atendeu seu celular e puxou o ombro de Bo antes mesmo de Karly terminar de explicar a situação e os dois foram o mais rápido que podiam para o restaurante. Passaram pela caminhonete dos lince, quando se afastavam da cena e só deixaram os lince irem sem perseguição porque sabiam que Karly e Reika estavam trancadas com segurança dentro do escritório e não foram tomadas.

Bo nunca agradeceu pela amizade de Logan e dos jovens lobos, que participaram, apesar de ficarem com medo. Jason planejava homenagear os jovens lobos na celebração da lua cheia, em fevereiro, por bravura.

Assim que Trick entrevistou Reika e disse que poderia sair, Linus deu a Bo as suas chaves e Bo dirigiu a caminhonete de Linus até a garagem. Bo deixou as chaves na mesa da frente com Cades e levou Reika para casa. Reika sentou tensa no assento a seu lado, mordendo o lábio inferior e apertando a maçaneta da porta com força o suficiente para deixar os nós dos dedos brancos.

Ele abriu a porta da frente, deixou Reika na casa e depois pegou os seus casacos. Quando ele virou para pedir-lhe que

sentasse para que pudessem conversar, escutaram uma batida na porta.

Olhando pelo olho mágico, viu Teller em pé na varanda com uma mochila escura. Quando ele abriu a porta, Teller entrou.

Reika engasgou — Oh, minha mochila!

Telle lhe entregou, ela abraçou a mochila e sorriu para os dois, com lágrimas nos olhos. — Muito obrigada!

— O prazer foi meu. Seu carro estava aproximadamente duas horas a noroeste de Allen, em um parque da comunidade, em uma pequena cidade chamada Belvin. Os lincos estiveram, obviamente, aqui na cidade quando fui buscá-lo, porque embora sentisse o cheiro deles, não os vi. Eles mexeram na sacola e despejaram o conteúdo no chão, mas chequei tudo com cuidado, procurando por rastreadores GPS e não achei nada no carro ou na própria mochila.

Reika fez uma careta. — Não gosto de pensar neles tocando em minhas coisas.

Bo sorriu e estendeu a mão, acariciando seus dedos por seu braço. — Pode lavar suas roupas e a bolsa.

Ela balançou a cabeça, sorriu mais uma vez para Teller e, em seguida, levou a bolsa para o quarto.

Teller observava em pé e, em seguida, virou-se para Bo.

— Jason contatou a *Were Animal Alliance* e disse-lhes que Reika estava conosco e sob nossa proteção. Os dois lobos que foram atacados sobreviveram e estão se recuperando com a

matilha que faz parte do WAA. Eles planejavam levá-la de volta para a sua matilha e dar-lhe uma nova identidade e tudo mais.

Bo assentiu. — Ela ficará feliz em saber que estão vivos.

— Tenho certeza. Isso pesava muito em sua mente. Mas o que o cara que dirige o WAA disse que as matilhas que ajudam a recuperar lobos em apuros sabem que podem se machucar ou até mesmo morrer ao fazê-lo e fazem isso porque escolheram fazer.

Bo pegou sua carteira. — Quanto lhe devo para o regresso de seu carro?

Teller balançou a cabeça. — Não se preocupe com isso. Cuidei dele para você.

— Obrigado. Avisarei Reika disso, também.

Teller colocou a mão na maçaneta da porta e disse — Logan e eu patrulharemos em turno e temos Trick e os seus adjuntos observando as ruas por quaisquer sinais dos lince. Alguns dos lobos aposentados também estão patrulhando ao redor por algumas horas de cada vez. Faremos o possível para nos manter atentos para os lince.

— Vigiarei a sua casa a partir de agora, pelo menos até que possa fazer as coisas de longe. Alguns lobos ficarão de guarda aqui amanhã para que eu termine o projeto e então estarei aqui para ficar de olho nela.

— Avise-me se precisar de alguma coisa.

Bo bateu-lhe nas costas. — Obrigado, T.

Fechando a porta, Bo voltou para o quarto e encontrou Reika sentada na cama com um livro usado em sua mão.

Ela olhou para ele e disse — Estou feliz que os dois lobos estão bem.

— Eu também. Que livro é esse? — se juntou a ela na cama.

— Meu favorito. A Princesa Prometida. Já o leu?

Ele tomou de suas mãos e virou-a, notando as páginas com orelhas e marcas. — Só se ele existe em forma de quadrinhos. Não era muito de ler enquanto crescia. Só queria saber da matilha e de aprender a lutar. E você? — devolveu-lhe o livro e ela abraçou-o contra o peito. — O que gostava na escola?

Ela o olhou intensamente com seus olhos azuis e, por um momento, não achava que seu coração batia.

— Era muito solitária. Ninguém realmente queria ficar perto de mim por causa dos lince. A matilha estava lá para mim, é claro, mas sempre me senti como se uma sombra me perseguisse toda a minha vida. Minha família, eles eram os únicos que nunca me olharam como se estivesse danificada.

Ele bufou interiormente. Ela não era danificada. Ele era a própria definição da palavra. — Você é forte e compassiva, Reika, não danificada. Encontrarei uma saída para a bagunça que você está, de modo que possa ter a sua vida de volta.

Ela abriu a boca para protestar e ele a silenciou com um beijo rápido. Levantando-se, antes que pudesse dizer-lhe para

não lutar por ela, disse-lhe que faria alguma coisa para o almoço, e que a ligaria quando estivesse pronto.

Passaram o dia juntos, conversando um pouco, mas na maior parte apenas assistindo TV. Mais tarde, quando se sentaram, um ao lado do outro no sofá, ela perguntou-lhe sobre a sua perna e ele contou-lhe a história. Ela ouviu em silêncio, rasgando-se sobre suas velhas feridas e fazendo seu coração apertar dolorosamente em seu peito. Quando ele terminou, ela o abraçou com força, mas não disse mais nada.

Quando a noite caiu, saiu do quarto de pijama e se abraçou nele. Ele estava se acostumando com o cheiro doce dela e do peso leve enquanto estava deitada contra ele. Seria um inferno vê-la partir.

Sexta-feira, deixou Reika em casa depois de fazê-la prometer que não tentaria sair e foi para o trabalho. Cinco lobos montavam guarda na casa, incluindo Peter Gerrick e sua esposa, Tina, que permaneceu dentro da casa com Reika para lhe fazer companhia. Bo foi direto para o trabalho para que saísse o mais rápido possível, mas seu estômago roncou alto perto das onze horas e Michael sugeriu que fossem para um passeio até a delicatessen e comessem alguma coisa. Em seguida, Michael se ofereceu para ajudar Bo, para que pudesse ir para casa.

Na garagem de Pete, Bo trabalhava com restaurações. Seu pai foi um restaurador de carros clássicos e Bo passou suas férias ajudando-o arrumar carros, restaurá-los à sua antiga glória. No momento, restaurava o ar condicionado em um Corvette 77. O proprietário estava ansioso que estivesse pronto para o verão e

era uma das últimas coisas que precisavam ser feitas antes de terminá-lo.

Quando foi com Michael pegar um sanduíche da lanchonete, viu Jazlyn, uma loba que trabalhava no Jake's e cantava para a banda da casa. Ela estava acoplada a Fritz, que era parte da matilha Tressel, antes de sair para ser um renegado, como Jazlyn e seus irmãos.

Jazlyn descia a rua rapidamente, um saco de mantimento de papel em um braço. Três homens, altos e magros, saíram de um beco e o lobo de Bo uivou de consternação. Os lince! Um deles pegou Jazlyn pelo pescoço e os outros dois foram na direção de Michael e Bo.

Bo e Michael deixaram seus animais subirem. Jazlyn gritou e tentou se libertar do macho que a segurava, mas a segurava como se fosse uma boneca.

— Solte-a, idiota. Seu problema é comigo. — Bo rosnou.

— Traga-nos a nossa mulher e ficaremos felizes em partir.
— um dos dois lince mais próximos, disse.

O terceiro lambeu os lábios enquanto olhava por cima do ombro para Jazlyn, que lutava bravamente.

— Vamos levá-la conosco. Uma apólice de seguro para garantir que devolva nossa propriedade.

— O inferno que vai. — Bo rosnou para a maneira como chamavam Reika de sua propriedade e se estabeleceu em seu lobo, sentindo Michael fazer o mesmo. Ambos lançaram-se em

direção aos homens ao mesmo tempo e lutaram contra os dois rapidamente, rolando-os para o chão. Eles foram rápidos, porém, e se levantaram, dançando nas pontas dos seus pés, como se não tivessem sido lançados com força para o pavimento.

Houve um som de grunhido estranho e Bo virou a cabeça para o lado quando o irmão de Jazlyn, Shayne, apertou o pescoço do homem que segurava Jazlyn, até que ele a soltou. Shayne tinha mais de dois metros de altura, extremamente musculoso e grande. Jazlyn caiu no chão e Michael correu para a frente, ajudando-a a levantar. Shayne levantou o macho do chão por um pé e bateu-o contra a parede de um edifício. Os olhos do homem reviraram e seu rosto ficou de vermelho para roxo por falta de oxigênio. Shayne rosnou, jogou-o contra a parede mais uma vez, e, em seguida, ele caiu como uma pilha de roupa suja.

Ele se virou para os dois homens que olhavam em estado de choque. Levantando uma mão, Shayne rosnou — Saiam.

Os machos estalaram, agarraram seu irmão e o levaram para um veículo a espera no estacionamento do outro lado da rua da garagem. Para espanto de Bo, viu que era um sedan azul escuro e não a picape que dirigiam anteriormente. Não é à toa que foram capazes de chegar à cidade despercebidos; mudaram de veículo. O carro também estava sem placas, o que fez Bo saber que era roubado.

— Você está bem, Jazlyn? — perguntou Bo, ajudando a recolher os itens de sua bolsa.

Ela esfregou seu pescoço. — Sim. Obrigado por colocar-se por mim. Quem são aqueles caras? Eles tem um cheiro estranho.

Shayne tomou a bolsa de Bo e colocou sua grande mão no ombro dela. — Linces. — disse sombriamente.

Bo acenou com a cabeça e deu-lhes um panorama rápido da situação. — Sinto muito que foi pega no meio disso — Bo disse para Jazlyn.

— Não é culpa sua. Eles são uns bastardos pelo que tentam fazer com a sua companheira. Se precisar de ajuda da nossa matilha, basta chamar.

Shayne assentiu solenemente e levou sua irmã para longe deles e retomaram a caminhada.

Bo telefonou para sua casa imediatamente e conversou com Peter, certificando-se que estava em estado de alerta. Então ligou para Teller e lhe contou sobre o novo veículo, o que fez seu amigo gritar obscenidades, alto o suficiente para que tirasse o telefone do ouvido.

Afastando a preocupação que sentia, Bo e Michael foram até a delicatessen.

— Ela é sua companheira verdadeira, disse Michael, enquanto se apoiaram no balcão e esperavam por seus sanduíches.

— Não importa — disse Bo, abrindo a tampa de um refrigerante.

— Que merda, isso não acontece. Sabe que é a única maneira de quebrar a promessa.

— É claro que farei isso — disse Bo, irritado. — Quero dizer, não importa, quando ela estiver livre, precisará de um homem de valor.

Michael colocou a mão no ombro de Bo. — Você é um homem de valor.

— Perderei minha capacidade de mudar em poucos anos. Que tipo de companheiro seria? Não seria capaz de ajudá-la se estiver com problemas em uma caçada. Estaria sentado em casa com os não-shifters, reduzido, antes de ser o mais importante. Que tipo de vida seria essa para ela?

— Acho que deve deixá-la tomar essa decisão.

Bo deu de ombros, agarrando seu sanduíche embrulhado. Estava com medo de pensar em oferecer-lhe a oportunidade de ser sua companheira verdadeira. Porque se nunca lhe dissesse a verdade sobre seus sentimentos por ela, então nunca teria que enfrentar a sua rejeição. E a rejeição seria mais do que podia suportar.

Terminou seu sanduíche e, com a ajuda de Michael, completou a restauração dentro de duas horas e foi para casa. Tinha algum tempo de férias e resolveu usá-lo, já falara com Jason para tirar uma folga. Não tinha certeza do que precisava fazer para quebrar a dívida de sangue e Reika não estava inclinada a dizer-lhe o que era. Sabia que ela tentava protegê-lo.

Reika estava inquieta o suficiente sobre inocentes sendo prejudicado, de modo que optou por não lhe contar sobre o confronto com os lince na rua. Não queria dizer-lhe que seus temores se tornavam realidade.

Trouxe mantimentos para casa e ajudou Reika a fazer o jantar. Perguntou-lhe sobre sua vida, mas ela ficou mais silenciosa enquanto o jantar progredia e começou a responder as perguntas com não mais do que uma ou duas palavras. Praticamente podia senti-la se afastando dele e isso doía.

Naquela noite, ela dormiu com ele no sofá novamente, o que o confundiu. E isso o deixava maluco. Por que ela insistia em se aconchegar a ele, mesmo que a cobiçasse, não fazia sentido. Ele tinha certeza que ela procurava uma maneira de ficar longe dele e atacar por conta própria, mas não podia deixar isso acontecer.

Os próximos dias passaram iguais. Os lince não apareceram novamente, mas Bo sabia que provavelmente apenas lambiam suas feridas, para um novo ataque. Ficava cada vez mais difícil manter seu lobo na baía perto dela. Toda manhã acordava com ela em seus braços, sentindo seu doce perfume. E então, quando anoitecia, ela se deitava com ele, sua forma menor contra a dele, seu corpo exuberante pressionado no seu. Dormiu bem desde que ela começou a dormir lá, mas não tinha certeza exatamente se era ela que acalmava as suas dores.

Na segunda-feira, seu telefone o despertou do sono. Tirou-o do bolso e respondeu com um resmungo.

— Você e Reika estão seguros? — perguntou Jason.

Ele se sentou, seu lobo em alerta súbito.

— Sim. O que aconteceu?

— Teller patrulhavam pela cidade e viu os três homens se esgueirando ao redor da garagem.

O estômago de Bo encheu de chumbo. Essa garagem foi da família de Jason por gerações. — Eles fizeram alguma coisa?

— Teller alertou Trick e a mim antes que descobrisse o que faziam. Colocaram fogo na parte de trás, forçavam a porta dos fundos e jogavam acelerador dentro. Trick e Teller apagaram o fogo antes que muito dano fosse feito, mas pensei que devia saber algo mais.

— Diga-me que ninguém ficou ferido.

— Não, a garagem estava completamente vazia. Mas pregaram uma nota na porta que dizia: “Devolvam a nossa mulher ou queimaremos a cidade inteira”.

O silêncio era ensurdecedor. Bo e Jason falaram muitas vezes nos últimos dias sobre os próximos passos a serem dados, se os lincs revidassem novamente.

— Estou pronto, Jason, — Bo disse com convicção.

— Farei a ligação. Quanto tempo precisa?

Olhou para Reika e suas belas feições estavam esculpidas com preocupação. — Cinco dias.



— Te vejo depois.

Bo desligou e inclinou-se sobre o cotovelo, olhando para ela. Sabia que com sua audição superior, escutou cada palavra.

— Alguém se feriu?

— Não, querida. Teller chamou o chefe de polícia, que é acoplado a uma das nossas lobas e os dois apagaram o fogo antes que houvesse muito dano. Ninguém estava lá e os danos foram mínimos.

Ela respirou de maneira instável. — Preciso ir embora.

Ele se mostrou indignado, homem e lobo. — Claro que não. É ainda mais perigoso agora.

— Bo, por favor... — ela começou e ele a silenciou com sua boca. Ele e sua matilha velariam para estivesse segura pelos próximos cinco dias. Planos foram feitos. Tudo o que tinha a fazer era impedi-la de tentar sair por conta própria, e tudo ficaria bem.

Ele esperava.

CAPÍTULO OITO

A boca quente de Bo era insistente contra a dela enquanto se inclinava para ela. Abriu sua boca e as línguas se encontraram em um deslizar sensual que fez sua pele formigar. Ela lutava contra sua atração por Bo, não com muito sucesso. Sabia que ele tentaria quebrar a promessa entre ela e os machos lince, mas não podia arriscar que isso acontecesse. Não agora. Não quando ele se tornou importante para ela.

Saiu do sofá, não soltando seu abraço e levantou-a em seus braços. Levou-a até o quarto e ela sentiu a tensão de sua perna lesionada enquanto caminhava. Uma ideia se formou em sua mente enquanto a deitou na cama. Poderia curá-lo. Iria curá-lo e então iria embora. Ele estaria melhor curado e capaz de seguir em frente com sua vida, mesmo que seu lobo uivasse de angústia ao pensar em deixá-lo.

Lindo.

Amável.

Doce.

Dela.

Seus lábios percorreram seu rosto quando a cobriu com seu corpo. Passou as unhas em suas costas largas, sentindo os músculos flexionarem sob seus dedos. Seus dentes pressionaram

em seu lóbulo da orelha e, em seguida, encontrou a parte sensível da pele atrás da orelha. Ele lambeu a partir desse ponto em seu pescoço e ela se arqueou debaixo dele, com as mãos o agarrando.

A camisa fina que usava para dormir foi levantada e os seios nus arrepiaram com o ar mais frio. Ele lambeu um mamilo enquanto suas mãos exploraram os seios. Agarrou o mamilo entre os dentes e puxou suavemente, a pressão provocante fez o seu corpo doer.

Ela passou os dedos pelos cabelos, testando os fios macios. Seu corpo ficou apertado e calor floresceu em seu núcleo, quando ele voltou sua atenção para o mamilo negligenciado; ele puxou e lambeu, até que estivesse tão quente e duro como o outro.

Ele beijou a barriga, circulando a língua ao redor do umbigo e beijando ao longo da borda da sua calça de pijama. O cordão se desfez lentamente e a abaixou, assim como a sua calcinha para seus quadris. Ela observou-o jogá-las de lado, sem tirar os olhos de seu corpo.

Ele afastou-lhe as pernas e se estendeu entre elas, arrastando os dedos ao longo de sua pele quente, enquanto se apoiava sobre ela em um dos braços. Sua pele se arrepiou com o seu toque.

Seus dedos roçaram o cabelo bem aparado de sua vagina, e ela mordeu o lábio. — Porra, você cheira bem, Reika, — gemeu e saiu vibrando com um grunhido.

Um dedo separou o seu sexo, ainda que levemente, circulando seu clitóris lentamente. Com o polegar e o indicador,

separou-a, expondo-a completamente. Exposta diante dele, ela viu seus olhos avelã escurecerem com pura luxúria. Ele abaixou a cabeça e acariciou a sua fenda com a língua. Ela gemeu quando ele levantou a sua perna por cima do ombro, abrindo-a mais. Ele lambeu-a, mexeu a língua dentro dela, enquanto ela gemia e agarrava o cobertor. Sua língua moveu-se para o clitóris, a ponta passando rapidamente sobre seu broto sensível, enquanto dois dedos entravam dela. Seus quadris abalaram, querendo-o mais profundo, quando ele começou a esfregar e pressionar os dedos contra suas paredes aquecidas. Seu estômago começou a se agitar. Ele chupava seu clitóris profundamente em sua boca e, em seguida, liberava-o para apertar e brincar com a língua.

Seus dedos procuraram atingir o céu e ela suspirou,

— Oh não, não! — seus dedos esfregaram seu rápido e ela sentiu seu corpo inundando de prazer. Com um grito de pura felicidade, gozou, a tensão enrolando em suas pernas, enquanto seus dedos trabalhavam com mais força, mais rápido e seus lábios se fecharam sobre seu broto sensível. O prazer nunca terminava, apenas aumentava, quando a levou para frente, em outro lugar, onde o tempo parou e tudo em seu corpo ficou líquido.

— Bo — gritou, quando o segundo orgasmo a atingiu, sua visão parecia ter faíscas.

Saindo da cama, ouviu o barulho de seu botão e rilhar de seu zíper sendo abaixado e então puxou-a para si por suas pernas, posicionando-se entre suas coxas enquanto estava no chão. Suas mãos pousaram em seus quadris, enquanto ela

enrolava as pernas em sua cintura e entrou nela. Seus olhos reviraram em sua cabeça. Nada nunca pareceu tão bem, tão perfeito.

Ele gemeu, apertando seus quadris, enquanto seu pênis entrava e saía dele. Seus olhos se encontraram. Os seus alternavam de avelã a âmbar, seus lábios se separaram enquanto ofegava para respirar. O suor brilhava em seus corpos e o cheiro deles juntos permaneceu no ar.

Ela levantou mais as pernas em seus quadris, segurando seus braços e atendeu aos seus impulsos. Ela arfava seu nome, pedindo mais, querendo mais, precisando de tudo o que poderia lhe dar.

O prazer teceu por ela, quando ele aumentou o ritmo, batendo seu corpo no dela. Ela gritou quando seu corpo apertou em torno dele e ele gritou o nome dela, bombeando dentro dela, enquanto arqueou as costas, jogando a cabeça para trás com um grito de pura felicidade.

Com os olhos semicerrados, deitou-a na cama e caiu ao lado dela, rolando seu corpo sobre o seu com um gemido abafado.

Nunca experimentou nada parecido antes. Teve orgasmos durante o sexo antes, mas nunca tão poderoso. Sentia como se seu interior se transformara em líquido e estava formigando e quente, desde a cabeça até os dedos dos pés. Acomodou a cabeça em seu ombro, colocando um braço sobre o peito arfante e esticando uma das pernas entre as dele. Seu pênis estava

brilhando e ainda semi ereto, visível através do zíper aberto da calça jeans.

Reika franziu o cenho quando mais uma vez sentiu o jeans de Bo contra suas pernas. Ela nunca esteve com um cara que mantivesse as calças durante o sexo. Mesmo que tivesse sido incrível, podia sentir sua lesão segurando-o, causando-lhe dor, enquanto tentou dar-lhe prazer.

Só havia uma coisa a fazer. Era o mínimo que podia fazer, já que ia embora.

Ficou de joelhos e enfiou os dedos no cóis da calça e puxou. Suas mãos dispararam, e o olhar sonolento, sexy desapareceu de seu rosto.

— Não.

Ela puxou novamente, mas seu aperto em seus pulsos apertados.

— Bo, posso ajudá-lo. Deixe-me ver sua perna.

— Não deixei ninguém, exceto um médico ver minha perna, nos últimos cinco anos. Eu não vou começar agora, Reika. — Sua voz baixou, e seu rosto ficou escuro. Ela tinha o poder de curá-lo, e faria, ele gostasse ou não.

Ela chamou sua besta e suas garras saltaram de seus dedos. O súbito aumento do poder de sua besta se fez mais forte do que ela em sua forma humana e ela puxou de suas mãos e arrastou suas garras para baixo, no tecido da calça jeans, rasgando-a sem tocar sua pele.

— Porra, Reika! — Bo gritou, correndo da cama. Ele segurou os pedaços de sua calça jeans ao redor de suas pernas, tentando desesperadamente manter o material que cobria a perna direita.

Ela soltou um grunhido infeliz e retraiu suas garras.

— Posso sentir o quanto de dor que sente. E sou uma curadora. Deixe-me curá-lo.

Suas mãos apertaram o material e ele abaixou a cabeça. — Não quero que veja, Reika.

Ela desceu da cama, decidida a ajudá-lo. Ele fez tanto por ela na semana passada e ela podia fazer uma coisa por ele. Ele se afastou dela, ainda segurando o jeans. Moveram-se ao redor do quarto, ele dando um passo para trás, enquanto tentava se aproximar dele, ela queria gritar.

Basta. Baseando-se em seu lobo, mais uma vez, rosnou para Bo. — Seja o que for, lute contra a sua mudança até que diga o contrário.

— O quê? — ele parou de se mexer e olhou para confuso, quando ela escorregou para o chão e se transformou. Sua pele levemente bronzeada mudou para uma pele de seda preta e grossa. Seus ossos estalaram e mudaram, mais rápido do que o olho humano podia processar e ela estalou o maxilar duas vezes, e sacudiu todo o seu corpo. Ela se sentou em seus calcanhares apenas tempo suficiente para secretar o veneno de cura em sua língua. Lambeu cada garra sobre as duas patas dianteiras, o

veneno brilhou em suas garras grossas, a própria essência do que fazia dela uma curadora.

Bo ficou parado como uma estátua, a cabeça inclinada para o lado, enquanto a olhava. Ela esperava que ele se lembrasse do comando para não se transformar. Se mudasse antes que seu veneno tivesse a oportunidade de funcionar, a cura seria incompleta. Seria doloroso de qualquer forma, mas passar a dor da cura e não estar curado, era impensável.

Com um curto grunhido, saltou para ele, suas garras dianteiras cortando toda a extensão de sua perna direita. Ele gritou de alarme e dor, caindo para trás, enquanto seu corpo pousou sobre ele e tirou o fôlego de seus pulmões. Cravando suas garras dianteiras na carne de suas pernas, onde podia sentir o pior de sua lesão, ele uivava debaixo dela, empurrando-a enquanto ela flexionava suas garras encharcando de veneno, mais profundamente, as velhas feridas.

Ela estalou os maxilares em seu ombro, nos músculos, em profundidade. Seu veneno de cura fluiu livremente em seu corpo agora, levado pela corrente sanguínea, rápido no caminho para curá-lo. Ela manteve os maxilares presos nele, não só para manter mais veneno de cura fluindo para ele, mas também para impedi-lo de mudar. Seu corpo tremeu e estremeceu debaixo dela e ele se esforçou, mas não era páreo para ela, quando montou seu corpo.

Seus sentidos captaram as mudanças em seu corpo, enquanto o veneno de suas garras trabalhava nos músculos, curando e reparando os danos que lhe causavam dor, por tanto

tempo. Ela sabia da sua história e sabia que estava em sua vida por este motivo. Ninguém devia sofrer a vida inteira por um erro grave de sua juventude.

Seu corpo estava preso enquanto o veneno curava. Soltou-o quando estava certa de que tinha muito veneno em seu corpo. Ela tirou o tecido da calça do caminho e olhou para o que restava das cicatrizes de sua juventude. Ela abriu a perna do quadril ao tornozelo com duas barras bem colocadas de suas patas, cravando suas garras no pior da lesão.

Sua boca trabalhou em silêncio e uma única lágrima escapou de seus olhos bem fechados. Ela sabia do que os outros lhe haviam dito, que não havia nenhuma dor durante a cura de uma curadora. Só esperava que a perdoasse quando pudesse andar e mudar sem suas antigas dores.

Estendendo-se ao lado dele, lambeu a lágrima de seu rosto e esfregou seu pescoço, espantada com a sua capacidade de resistência, enquanto ele permanecia em sua forma humana e não cedendo à mudança. Para lobos, quando a dor em sua forma humana tornava-se muito grande, o lobo tendia a querer saltar livre. Segurar o lobo enquanto a dor montava em seu corpo, era uma das coisas mais difíceis que Bo poderia pensar em fazer. O orgulho a teceu, enquanto observava seus músculos tensos, até que fisse como uma corda esticada.

Passou uma hora. Duas.

Observou-o atentamente enquanto lutava com a dor, como seu veneno forçava seu corpo a curar a um ritmo acelerado. Ela

ficou maravilhada com a sua força e determinação, pensou sobre seus sentimentos crescentes por ele. Desde que fizeram amor, lutou contra sua própria batalha sobre deixá-lo para trás. Seu lobo queria acasalar com ele e ficar em Allen para sempre, mas a parte racional de sua mente sabia que era egoísta. Se ficasse, enviaria Bo para a sua morte nas mãos daqueles homens sádicos. Seria a coisa mais difícil que faria, mas se afastaria dele. Para salvá-lo. Para libertá-lo. Preferia sofrer sozinha pelo o resto de sua vida, do que saber que seu coração egoísta conseguiria matá-lo.

Não haveria outro homem para ela durante o período de sua vida, apenas ele e faria qualquer coisa para vê-lo seguro. Mesmo que isso significasse fugir.

Com seu coração destruído, Reika mudou em sua forma humana e se ajoelhou ao lado de Bo.

— Mude, baby, por favor. Você agüentou tempo suficiente.

Os olhos de Bo estavam em um âmbar brilhante, quando os abriu, os lábios apertados com força e soltou um suspiro forte e mudou. Em poucos minutos, um lobo cinza escuro rolou de quatro patas e uivava, e depois veio direto para ela.

CAPÍTULO NOVE

Bo pensou que a coisa mais dolorosa que passara era o acidente e as cirurgias de acompanhamento. A habilidade de cura de Reika era muito, muito pior. Era como se ela injetasse ácido em seu corpo e depois lhe disse para simplesmente não se transformar e agüentar. Seu primeiro instinto foi se transformar, quando as suas garras cortavam em sua perna e as primeiras dores começaram como pequenas chamas lambendo seus músculos. Lembrou-se de suas palavras e foi determinado a não se transformar. Sabia que podia confiar nela. Ele a amava, apesar de tudo, e não poderia realmente amar alguém em quem não confiava.

Quando a mandíbula apertou o cerco em seu ombro, estava preso entre o prazer e a dor. Ela o tinha marcado, se quisesse dizer isso dessa forma ou não, e só esperava que as marcas demorassem. Quando os lobos marcavam em suas formas de lobo, era um negócio sério. Ela acabara de fazê-lo saber que era dela.

Ela ficou ao seu lado, enquanto lutava contra o desejo de mudar, uma ideia se formou em sua mente. Se realmente estava o curando, se o seu corpo ficasse realmente curado, então usaria isso para mantê-la aqui. Não havia nada de errado com um pouco de sedução, algumas dezenas de orgasmos, talvez, para fazê-la admitir que o amava, que era sua companheira e que ficaria. Não

importava a ameaça que se estendia sobre eles do clã lince, sabia em seu coração que poderia protegê-la. Seu lobo não lhe permitiria ser tomada. E uma vez que estivesse livre da dívida de sangue, a tomaria como sua companheira verdadeira.

Depois que os lince atacaram Jazlyn, Bo sabia que era apenas uma questão de tempo antes que se recuperassem e atacassem novamente. Ele e Jason conversaram longamente sobre a situação e decidiram que a melhor coisa a fazer era desafiar os machos de lince por Reika. Bo era seu companheiro verdadeiro; pertenciam um ao outro. Não era mais uma questão de deixá-la ir; ela estava enraizada profundamente em seu coração e alma. Merda, ela era o seu coração e alma. Quando Jason ligou e avisou sobre a garagem, Bo disse que estava pronto para que o seu plano fosse implementado. Como alfa, Jason chamaria o alfa de Reika e lhe pediria para falar com o líder dos lince. Se os lince se afastassem por cinco dias, Bo levaria Reika para a sua matilha e os desafiaria por ela. Usariam o tempo para viajar, mas principalmente, Bo teria ideia dela se deveria tirar essa ideia de sua mente. Se tivesse que afogá-la de prazer para levá-la a admitir que era dele, então o faria.

Andou em direção a ela, em sua forma de lobo, enquanto sentava-se, nua, no chão de seu quarto. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas, fungou e se inclinou para frente, passando os dedos em seu pelo espesso.

— Sente-se melhor, baby?

Ele acariciou seu pescoço e lambeu o seu pulso. Ela estremeceu e colocou os braços ao redor do seu pescoço. Ele

soltou um longo suspiro e depois respirou fundo, deixando o seu cheiro doce cair sobre dele. Ele amava o seu cheiro, o seu gosto. Não achava que havia alguma coisa que tivesse melhor gosto neste mundo do que a sua mulher quando gozou em sua língua.

Sentou-se sobre as patas traseiras e olhou-a. Seus olhos se encontraram, os dela azul escuro e os seus âmbar de lobo. Ela parecia feliz, mas podia ver a confusão em seus olhos. Estava dividida. Provavelmente decidiu curá-lo, de modo que teria algo de bom para se lembrar dela. Bem, ela tinha o seu coração agora, e não a deixaria ir embora sem ele.

Foram para a cozinha e ela atirou-lhe uma das melhores carnes que planejava grelhar para ela no jantar. Pegou a carne em suas mandíbulas e se acomodou para comer, espantado com a facilidade com que a perna direita se moveu agora. Sem músculos gritando por socorro, nenhum desejo de arrancar a própria perna. Quando o bife terminou, cheirou sua perna. Ficou satisfeito ao descobrir que o cheiro dela permanecia nele.

— É o veneno de cura, Bo. — ela sentou-se no chão, enquanto comia, com os braços ao redor dos joelhos. — Quando estou na minha forma de loba, posso secretar uma essência de cura. Se a ferida for pequena o suficiente, posso lambê-la e ela curará. Para feridas maiores, preciso morder, assim o veneno entrará na corrente sanguínea e ajudará a curar. Mas no seu caso, queria colocar o veneno diretamente em sua ferida e mordê-la bem, já que é um ferimento antigo.

Ele cantarolava em sua garganta, o que soou como um ronronar de lobo. Praticamente podia provar seu nervosismo.

Imaginou que ela estava preocupada que estaria chateado com a dor que a cura causou. A frase ‘sem dor, sem ganho’ flutuou em sua mente. Certamente não a culpava pelo que fez e agora que podia sentir seu corpo voltar ao normal, ficou um pouco mais apaixonado por ela do que quando estava enterrado em seu corpo quente.

Lambeu seu pescoço novamente, rosnando baixinho e virou-se e foi para a porta dos fundos. Em pé na porta dos fundos, se sentiu um pouco idiota, mas latiu e arranhou até que ela estava ao lado dele, sorrindo.

— O que é isso, rapaz? Será que Timmy caiu no fundo do poço?⁴ — ela sorria tanto que as bochechas doíam.

Ele bufou e mordiscou seu joelho nu e ela riu, abrindo a porta de correr. — Pegarei um cobertor e sentarei na varanda. Boa corrida, baby.

Ele latiu uma vez e saltou da varanda. Ele não iria para longe ou mesmo deixaria o seu quintal. Havia sempre uma chance de que os machos de lince viessem aqui, embora duvidasse. Eles não o seguiram até a sua casa ainda e, neste momento, o líder deles ligaria. Estavam determinados a ter a sua mulher, e de nenhuma maneira permitiria isso, enquanto respirasse.

Sentia-se como um filhote de cachorro. Ou melhor, como os lobisomens não mudam até a idade adulta, imaginou que se sentia como um filhote de lobo de verdade pode se sentir, como se

⁴ Timmy cair em um poço é o cenário clássico "de ajude-me, Lassie!"

o mundo fosse novo e seu para ser tomado. Ele saltou e pulou, esticando a perna direita e não sentiu a dolorosa pontada familiar que sempre lhe tirava o fôlego. Despertou um coelho de um buraco perto da parte traseira de sua propriedade e perseguiu-o quando correu ao redor do quintal, não realmente interessado em pegá-lo.

Virou quando a porta fechou e sua namorada sexy, enrolada em um cobertor grosso, sentou-se na velha cadeira de balanço que pertencera ao seu avô. Porra, a amava. Sentiu seu coração acelerar e encheu o peito com um retumbante e longo rosnado baixo de sua garganta. Agora entendeu o que seus amigos queriam dizer quando falavam que o amor mudava tudo. Nunca se considerou egoísta, mas agora queria dar-lhe tudo, inclusive liberá-la da promessa com os machos lince.

Estendeu-se na neve e rolou algumas vezes, cravando suas garras no chão duro e lançando-se ao redor do quintal. Se pudesse sorrir nessa forma, estaria sorrindo como um tolo louco agora, mas não se importava. Sua mulher havia lhe devolvido a sua vida e seu coração. Não poderia amá-la mais do que a amava naquele momento.

Ela se remexeu na cadeira de balanço e, até mesmo sobre o ar frio, o cheiro de sua excitação pulsava para ele e seu lobo rosnou em felicidade. Marque-a. Faça-a sua para sempre!

Andou em sua direção, respirando o seu profundo aroma quente. Mudando facilmente, pela primeira vez em sua vida, seu corpo mudou rapidamente de lobo para o homem e subiu as escadas, pegando um pedaço de neve em uma mão, antes se

ajoelhar na frente dela. Soltando a neve bem amassada na varanda, puxou as suas pernas do cobertor e ergueu os joelhos, afastando-os e prendendo-os sobre os braços da cadeira de balanço. Ela suspirou e gemeu quando o ar tocou sua carne aquecida, molhada e latejante, só para ele.

— Parece que tem coisas ruins em sua mente, baby. — ela sussurrou, correndo os dedos pelos seus cabelos.

— Vou me vingar de você pela brincadeira sobre a Lassie de antes. — se inclinou para frente e lambeu sua vagina em um curso lento. Do fundo de sua quente e molhada fenda, até a apertada pérola carente de seu clitóris. — Ah, sim e lhe agradeço por me curar.

Inclinou seu corpo e enterrou os dedos em seu couro cabeludo. — De nada.

Mordendo os lábios e fechando os olhos, viu inclinar a sua cabeça e a bem-aventurança acendeu suas feições, enquanto acariciava sua língua através de suas dobras aquecidas, novamente. Ela tinha um gosto incrível. Sensual como uma noite de verão e doce quanto a primeira flor a florescer na primavera. Ele inclinou a cabeça e passou a língua ao redor das bordas de sua entrada, sondando levemente as profundezas com a língua, acariciando e provocando. Ignorou o aperto incessante de seus dedos em seu cabelo, saboreando o prazer embebido em gemidos que escoavam de sua garganta.

Estendeu a mão para a neve que captou em sua mão. A pressão criada na palma de sua mão formou um pequeno falo

gelado, apenas a coisa que precisava para ajudá-la esfriar um pouco. Com os dedos de uma mão puxou a carne ao redor do clitóris tenso, expondo o feixe de nervos. Apimentou com a língua, olhando até o comprimento do seu corpo e a encontrou cravando seus dentes em seu lábio inferior, enquanto ofegava e gemia baixinho. Ele lambeu seu clitóris uma vez e depois passou o pequeno pedaço da neve compactada em seu broto tenro, ela estremeceu e abriu seus olhos azuis.

Ele chupou seu clitóris frio até que ficasse quente e úmido, e, em seguida, colocou o gelo novamente. Ele alternava o calor e o frio até que suas pernas tremeram e uma pequena gota de sangue espalhou seu lábio onde ela cravou os dentes. Jogando o gelo quase derretido de lado, apertou os dedos frios em seu corpo e colocou seus lábios sobre seu clitóris, sugando com força no botão necessitado até que ela gritou de prazer e seu corpo ficou selvagem debaixo dele. Ele levantou, empurrando a cadeira de balanço para trás até que ela encostou-se à parede da casa e ele estocou seu pênis em sua vagina, sentindo a umidade doce de seu corpo enquanto ela pulsava em torno dele no meio de seu orgasmo.

Manteve-se acima dela, com uma mão sobre os pinos do encosto da cadeira de balanço e pegou-a firme, enquanto sua outra mão puxou sua boca para a dele e ela chupou a língua em sua boca. Provou o pouco de sangue em sua língua de onde ela havia mordido o seu lábio e seu lobo enlouqueceu enquanto seu corpo se chocava contra o dela com velocidade e força. Até que não havia nada, apenas os dois. O encontro de corpos, suas

línguas emaranhadas e houve o som da cadeira quebrando quando encontrou a liberação em sua boceta e ela o seguiu, ordenhando-o com força.

Soltando, endireitou a cadeira, que estremeceu ao som de estalos, notando os estilhaços na varanda. Bem, não esperava exatamente que uma cadeira de balanço de oitenta anos de idade fosse capaz de lidar com a porra de um lobo apaixonado, não é?

Pegou Reika em seus braços, amando o olhar vidrado em seus olhos e o rubor em sua pele. Levou-a direto para o banheiro e ligou a água, fechando o dreno da antiga banheira clássica para enchê-la. Mantendo-a com força contra ele com um braço, ajustou a água até que era apenas uma sombra abaixo de muito quente e entrou na banheira.

Seu corpo situado bem à direita em frente a ele, com as pernas de cada lado dela e de costas para o peito. Aguardaram a água encher a banheira em silêncio enquanto ele acariciava os braços levemente e ela descansou a cabeça em seu bíceps.

A água atingiu seus quadris e ela suspirou profundamente, — Assim é melhor.

Rindo, ele pegou a água em uma mão e deixou escorrer em sua fenda. — Um pouco frio, querida?

Ela cantarolou em sua garganta. — Tinha um lobo louco que tentou congelar meu clitóris lá fora.

— Ele é louco por você. — acariciou seu rosto e beijou sua orelha. Levantando o queixo até que ela o olhou, disse — Sou louco, você sabe. Louco por você.

— Bo, eu... ela começou e ele sentiu que ela se afastaria.

Parando-a antes que ela dissesse qualquer coisa que prejudicasse a sua autoestima, roçou os lábios com o dedo.

— Não precisa me dizer também, querida. Apenas me ouça. Eu te amo. Sei que é minha e é minha companheira verdadeira. E farei de tudo para mantê-la segura e mantê-la para sempre.

Arregalou seus olhos e as lágrimas brilharam antes de fechá-los e inclinar a cabeça em seu bíceps. Se não sentisse que era sua companheira, sentiria sua rejeição como um golpe esmagador. Mas sabia que ela queria ficar longe da ameaça dos lince e queria mantê-lo seguro também. Em sua mente, só havia uma maneira de fazer as duas coisas e ela não queria que ele perdesse tudo o que tinha. Mas a única maneira de perder tudo, era perdê-la.

Ficaram na banheira em silêncio, um lavando o outro, depois foram para a cama e fizeram amor. Desta vez, não somente estava completamente nu para ela, mas deitou com ela na cama, não sendo obrigado a ficar, porque sua perna doía. Sua perna agora tinha duas marcas de garras nela, mas desapareciam para uma cor ligeiramente mais leve do que o seu bronzado natural. As cicatrizes longas e torcidas de sua lesão e cirurgias desapareceram e usaria essas marcas com orgulho porque vieram de sua mulher.

Ele ficou feliz em ver que as marcas de seus dentes em seu ombro ainda estavam lá, uma curva de pontos, onde cada dente afundou em cada lado do seu ombro. Ela dormiu rapidamente depois que fizeram amor e ele esperou até que ela dormisse antes de colocar seu plano em ação.

Vestiu-se rapidamente e arrumou as malas para eles, correndo para a caminhonete e ligou-a para aquecer a cabine antes de colocar sua amada lá dentro.

Com duas caixas de mantimentos e um carregador de bateria para o seu celular, voltou para o quarto e reuniu Reika nos cobertores e saiu para o ar frio da noite. Colocou o seu corpo ainda dormindo no banco do passageiro, fechou a porta silenciosamente e deu a volta para o lado do motorista, onde entrou e fechou a porta. A última coisa que fez antes de colocar o caminhão em marcha foi algemar seu pulso direito na maçaneta da porta. Não importava o que, não sairia de seu lado até que ela promettesse que não iria a lugar nenhum.

Bo passou a vida vendo coisas que nunca teria por causa de sua perna machucada. Não estava disposto a deixar sua companheira fugir sozinha em alguma missão equivocada para atrair os lince para longe da cidade, longe dele, e tentar desaparecer por conta própria. Estava muito orgulhoso dela, por ser tão nobre, mas não estava disposto a deixá-la ir e cair por culpa dele.

Tudo o que lhe importava no mundo estava no banco ao lado dele e não deixaria três lince imbecis ficarem no caminho do seu futuro. Reika era dele. Ponto final.

CAPÍTULO DEZ

Reika bocejou e espreguiçou-se e abriu os olhos quando percebeu que seu braço direito não se moveu pois uma algema a prendia. Estava em uma picape. A picape de Bo. Com Bo. Mas algemada?

— Bom dia, Raio de Sol — ele disse, parecendo muito sexy meio desalinhado, com barba por fazer.

— O que é isso, Bo? — empurrou a algema e olhou para ele. Todos os seus sentimentos difusos sobre a cura e o fantástico sexo que fizeram, desapareceu completamente.

— Não se preocupe, querida. Estamos quase lá e então te soltarei.

— Quase onde? — O pânico a atingiu como uma onda. Ele a levava de volta para os lincos? Ele começou a sua cura. Queria deixá-la? Não! Seu lobo rosnou em sua mente e sabia que era a coisa mais distante da verdade. Bo a amava. Não só lhe disse a verdade incrível ontem à noite, na banheira, mas sentia isso. Seu lobo queria comungar com o dela e seu lobo clamava em sua mente para fazer o mesmo. Ele era seu companheiro verdadeiro, o único que seria forte o suficiente para quebrar a promessa que seu alfa fez, anos atrás.

De repente, sabia onde iam.

— Isso não dará certo — disse ela, enquanto tentava dobrar os braços e, em seguida, reclamou da algaema mais uma vez.

— O que não dará certo?

— Esconder-se. Esperam por mim desde quando tinha sete anos. Não desistirão só porque me levou para algum lugar, e desapareceu por um tempo. E, além disso, você tem um emprego, não é? Basta levar-me de volta e daremos um jeito.

Ela fez o possível para soar reconfortante, mas tinha a sensação de que ele sabia, no momento em que desviou o olhar, que ela fugiria. Precisava mantê-lo seguro. Ele era muito importante agora, para deixá-lo lutar por ela. Ele podia morrer. Ela não podia arriscar.

— Certo. — lançou um olhar de lado para ela. — Então pode me foder até ficar em coma e fugir pela porta dos fundos? Acho que não, querida. Sei do seu plano e não a deixarei fazer isso.

Ele passou por uma grande fazenda e dirigiu por uma estrada de terra pouco visível para um grande celeiro vermelho. As portas estavam abertas e o interior cheio de tratores cobertos de sujeira e poeira.

— Desculpe-me, você foi o único que me fodeu até o coma. Não posso acreditar que dormi enquanto me colocou na picape e me algemou na porta!

Ele piscou e colocou o carro em ponto morto, desligou o motor. — Fique aí, baby, voltarei logo.

Ele saiu e ela virou e o observou fechar as portas grandes. Em seguida, foi para a parte de trás do celeiro e levantou uma escotilha que parecia escondida sob um tapete. Depois de alguns momentos, como o ar na picape esfriava e começou a tremer, ele voltou para a picape e abriu a porta com cuidado, soltando a algema. Puxando-a nos braços, levou-a rapidamente para a parte de trás do celeiro e desceu um lance de degraus de madeira em uma sala de concreto que tinha cerca de 6 X 6. Uma porta dava para o que supunha ser um banheiro, ou melhor, o que ela esperava que fosse um banheiro, e o resto do quarto era uma sala living.

Ele jogou-a sobre a cama, e sem dizer uma palavra, rapidamente a algemou à cabeceira de ferro.

— Oh, realmente, Bo, isso não é necessário — bufou de indignação. — E disse que me soltaria!

— E vou, eventualmente. Só queria dizer que a soltaria da picape, mas não a soltaria para sempre. Voltarei logo. Fique parada.

— Oh, ha ha, — ela se irritou.

Ele desapareceu pelas escadas e a deixou a resmungar sobre a sua situação. Como ele sabia dos seus planos?

Ele voltou com uma caixa e uma mochila por cima do ombro, colocando tudo sobre a pequena mesa na área da cozinha e voltou a subir as escadas. O orgulho cintilou através dela quando viu o quanto facilmente se movia agora. Sua cura funcionou.

Depois que mais uma caixa foi colocada na mesa, puxou uma alça sobre a porta e fechou-a, colocando um cadeado e trancando. Oh, que inferno!

— Tudo bem, entendo. Estou trancada aqui. Então me solte. — ela sacudiu o punho quando ele começou a desembalar as caixas.

Olhando-a por cima do ombro, disse em voz baixa — Está pronta para admitir que sou o seu companheiro verdadeiro? Você Jurará que estamos juntos nessa e promete que não tentará fugir por conta própria?

Sua boca se abriu, fechou e abriu novamente. Fechando os olhos, porque não podia olhar para ele, disse — Não.

Era uma mentira, mas apenas parcial. Ela sabia que eram companheiros verdadeiros, mas não podia ficar, não quando sabia que os lince nunca a deixariam ir e que os três homens provavelmente matariam Bo bem na sua frente. Isso a destruiria. Mesmo que isso a matasse, preferia vê-lo viver feliz para sempre com alguém, do que ser morto lutando por ela.

Ele não disse nada e continuou a desempacotar. Ela ficou em silêncio, amaldiçoando a cama bem trabalhada em que foi presa e a alga grossa. Mas não amaldiçoou Bo. Sabia que faria a coisa certa, bem, talvez não seqüestrá-la, mas sabia que se descobrisse que ela fugiria e se esconderia para manter ele e a sua matilha em segurança, ele a impediria. Era nobre e leal. Ele merecia uma companheira livre de apegos desagradáveis, como

três lincos que queriam fazer dela uma procriadora, como uma égua.

Ele preparou uma jarra de café e, em seguida, se juntou a ela na cama, sentado ao lado de seu quadril. Colocou uma xícara fumegante de café sobre a mesa pequena e pegou uma pequena tigela de frutas cortadas com a outra mão. Levantou um pedaço de maçã descascada e segurou-a nos seus lábios.

— Venha, querida. Fique zangada o quanto quiser, mas não passe fome.

Ela pegou a maçã e ele se afastou um pouco. — Vou alimentá-la, Reika.

— Não estou totalmente indefesa. — ela bufou.

Uma sobrancelha subiu ligeiramente. — Nunca disse que estava. Mas somos amigos e amigos cuidam uns dos outros, em todos os sentidos.

Ele esperou pacientemente, movendo a maçã perto de sua boca novamente. O cheiro da maçã fez o seu estômago roncar. Ela abriu a boca, parecendo uma criança petulante e ele colocou metade do pedaço nela. O fruto foi cortado entre os dentes, firme e doce e ela mastigou lentamente e engoliu. Ele a alimentou em silêncio por vários minutos, uvas vermelhas sem sementes, maçãs e bananas cortadas e deu-lhe goles de café.

Quando as frutas acabaram e a caneca esvaziou, colocou os pratos na mesa e limpou a garganta. — Aqui está o negócio, querida. Sei o que acontece nessa sua cabecinha. Se acha que

fugir protegerá a mim ou a minha matilha de qualquer um desses babacas, tem que pensar melhor. Bem, posso lhe prometer várias coisas. Em primeiro lugar, isso não dará certo de nenhuma maneira. — ele se inclinou para frente, apoiando as mãos na cabeceira da cama e abaixando a cabeça para o ponto crucial de seu pescoço. Com uma inspiração lenta e profunda que fez suas terminações nervosas darem um aperto, rosnou — A encontraria onde quer que fosse. Não há lugar na terra onde possa se esconder de mim, então tire esse pensamento da sua mente para o nosso bem.

— Em segundo lugar, lutarei por você e quebrarei tudo o que seu alfa prometeu para aqueles babacas. Você era uma criança. Foi cruel e injusto, para não mencionar doente. Como seu companheiro verdadeiro, exijo o direito de lutar para quebrar sua promessa. E, por último, baby, ouça com muita atenção. Você é minha e tem que fazer parte do meu bando. Meu alfa, sua companheira e meus irmãos e irmãs na matilha, estão todos nos apoiando. Jason não vai vendê-la rio abaixo para fazer a paz e farei alguma coisa, qualquer coisa, para mantê-la segura. Iria para a sepultura por você, num piscar de olhos. Mas não se preocupe. Não planejo perder, porque tenho uma vida inteira para fazer amor com você pela frente.

— Não quero que morra — resmungou com a voz embargada, enquanto as lágrimas nublavam a sua visão.

— Não irei. Posso mandar todos para o inferno, mas não a deixarei. Nem agora, nem nunca.

Ele mordiscou o pescoço, lambeu a marca que fez e depois se sentou. — Estamos a apenas uma hora e meia de sua matilha. Este lugar pertence a uma loba desgarrada, uma amiga da minha mãe. Costumavam usá-lo anteriormente, quando os lobos proprietários das fazendas de gado, não queriam correr o risco de matar seu rebanho nas luas cheias. Passavam por aqui, amenizavam sua agressividade em um pedaço de carne, em seu lugar. Então, as paredes são à prova de som e ninguém nos encontrará aqui.

Ela o olhou, incrédula. — Mas destruirão sua cidade me procurando, especialmente se acharem que eu fugi.

— Já acertei tudo, baby. Jason chamou seu alfa e entrou em contato com o Rei dos lince, que concordou em chamar seus netos para casa. Nos apresentaremos em território neutro, no sábado. A sua matilha, minha matilha e o clã lince. Lutarei por você, ganharei e então pode me agradecer com o seu corpo, mais tarde. — sorriu.

Tudo parecia tão casual para ele. Como se não estivesse para enfrentar três machos psicopatas que passaram a maior parte dos últimos 16 anos esperando por ela. — Você planejou tudo, não é? — realmente se sentia petulante agora.

— Sim, querida. Agora, está pronta para admitir o que sente por mim ou preciso convencê-la de quão perfeitos somos juntos?

— Deixe-me ir.

Ele cantarolava em sua garganta e pegou o cobertor que envolvia o seu corpo. — Resposta errada.

Ela empurrou as mãos dele com a mão livre, mas ele simplesmente prendeu-lhe o pulso na cama e usou a outra mão para puxar o cobertor e descobrir o seu corpo para ele. Ele se inclinou para beijá-la e antes que ela pudesse protestar ou afastar-se, todo o pensamento racional evaporou. Ela amava a sua boca. A forma como a barba roçava sua pele, o calor de sua boca e sua língua talentosa que dançava com a dela. Sabia que tentava seduzi-la para ter a promessa de que ficaria e ela sabia que deveria protestar contra o que fazia, mas seu corpo traiçoeiro não queria que ela fizesse nada do tipo.

O calor disparou através dela e relaxou debaixo dele, fazendo um pequeno ruído na garganta, quando ele se sentou sobre os calcanhares ao lado dela. Não perguntou se ela estava pronta para desistir, ainda, e ela não disse que estava. Não disse nada quando ele tirou a camisa e jogou-a para longe, antes de se mover para ficar no chão e tirar seu jeans. Ele sustentou seu olhar sem medo neste momento, quando tirou suas botas e abaixou sua calça jeans pelas suas pernas. Tocou as marcas da cicatrização na perna, quase com reverência e disse com uma voz rouca — Antes que me curasse, já tinha decidido que não a deixaria partir, nunca. Com a perna ruim e tudo, lutaria para quebrar o seu voto. Mas você me devolveu a minha vida e meu lobo, Reika. Quero devolver-lhe a sua vida, também. Somos companheiros verdadeiros e, se for preciso, se a cada segundo dos cinco dias que temos juntos tiver que te provar que pode

confiar em mim para mantê-la segura e libertá-la, então farei isso.

Ele ficou livre de suas roupas e se ajoelhou na cama entre as suas pernas. Dedos quentes fizeram cócegas no interior de suas pernas, do arco de seus pés para o ápice de suas coxas, para cima, ao redor de seus quadris, onde a pele sensível foi esticada e, em seguida, até a curva de sua cintura. Sua pele se arrepiou quando a tocou, o olhar em seu rosto dizendo-lhe que ela era a coisa mais preciosa que já vira.

Seus dedos deslizaram até o centro de seu corpo entre os seios e traçou o contorno de sua clavícula antes de deslizar através de seu cabelo e mantendo-a imóvel enquanto sua boca desceu sobre a dela mais uma vez. Seu estômago vibrou quando a beijou e sua mão livre agarrou, raspando sua carne com as unhas, com cada curso prazeroso de sua língua contra a dela. Ela prendeu as pernas ao redor de sua cintura e ele se estabeleceu sobre ela, seu pênis descansando um pouco acima de sua vagina, onde algumas pequenas estocadas de seus quadris moíam seu comprimento rígido contra seu clitóris inchado.

Ela gemeu em sua boca e ele engoliu o som, inclinando a cabeça ainda mais para aprofundar o beijo. Seu corpo latejava e sua mente girava inutilmente. Ele beijou em sua bochecha até a orelha, onde traçou a curva com a sua língua e seu hálito quente soprava a sua pele.

— Tão linda — sussurrou, antes de beijar o pescoço e seu ombro. Suas mãos em concha em seus seios, os polegares ásperos brincavam os seus já duros mamilos, alternando entre

circular e pressionar entre o polegar e o indicador. Cada apertada leve fez sua respiração falhar, a dor florescendo em um formigamento agradável. Tomando um seio, abaixou a cabeça e passou a língua no bico. Ele passou a língua pelo outro mamilo antes de sugá-lo profundamente, com pressão tortuosamente lenta. Arqueando as costas, ela agarrou-lhe a mão em seus cabelos e disse o seu nome em um suspiro.

Movendo-se entre seus seios, lambeu e chupou os mamilos até que estavam quentes, formigando, escuros e doloridos de sua boca e mãos. Suas grandes mãos desceram a curva de sua cintura, enquanto pressionava beijos castos em cada mamilo e abaixava, na cama. Ela lamentou a perda de seu peso e calor. Ele afastou suas coxas e deslizou as mãos por baixo para tirar a parte inferior do corpo para fora da cama. Por um breve momento a olhou e ela viu seus olhos castanhos escurecerem quando sondou seu clitóris com a língua.

Segurando seu corpo para fora da cama, ele inclinou a cabeça e lambeu ao redor da entrada de seu corpo, mergulhando a língua em seu núcleo quente com golpes rápidos. Suas pernas se afastaram mais e ela fechou os olhos, entregando-se às sensações que a percorreram. Os dedos de Bo apertaram sua bunda enquanto enfiava a língua em sua boceta, acariciando as paredes internas sensíveis e raspando sua barba em sua carne macia. O corpo dela chorou, se liquefazendo. Colocou uma mão para frente e seu polegar substituiu a língua, pressionando-a, enquanto seus lábios capturaram o inchado clitóris sensível.

Ele chupou seu cerne forte em um ritmo suave, em seguida, forte, lento, depois, rápido, dedos abertos na sua bunda, segurando-a para que se deleitasse com ela. Sua barriga apertou e ela respirou profundamente. Seu polegar se moveu fora de sua vagina e circulou sua excitação.

Sentiu seus dentes arranharem o seu clitóris, enquanto seu polegar a violava, empurrando para dentro. A pressão aumentou dentro dela. Enfiou seu polegar completamente e chupou seu clitóris forte, rápido e profundamente em sua boca e tirou o polegar. Quando colocou seu dedo novamente, ela gozou, seu corpo explodiu de prazer quando ela arqueou-se com um grito, seus quadris empurrando entre sua boca e seu polegar. Sentindo o seu prazer, colocou e tirou o dedo de seu corpo e lambeu seu clitóris com movimentos rígidos e rápidos. Seu clímax nunca diminuiu, mas aumentou mais e mais, até que ela gemeu seu nome e gozou uma segunda vez.

Contorcendo-se debaixo dele quando tirou o dedo dela, completamente, moveu-se por cima dela e pegou seu queixo com os dedos. — Você é minha, querida? — perguntou.

— Por favor, Bo, por favor — gemeu, envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura e puxando-o.

Ele gemeu, parecendo lutar contra o seu próprio controle e com um som baixo e pesado, entrou nela. Seus quadris bateram no dela uma e outra vez, enquanto seus corpos se uniam. Ela levantou uma perna para as suas costas e apertou a outra em uma das suas pernas, abrindo seu corpo ligeiramente, cravando os dedos em seu ombro. Ele girou seus quadris enquanto

estocava nela, empurrando uma mão entre eles, com um dedo em seu clitóris.

Seu dedo áspero acariciava o seu clitóris, enquanto as investidas de seu pênis batiam em sua boceta quente e molhada. O corpo dela apertou uma e outra vez quando apertou o seu clitóris e inclinou a cabeça para seu ombro, respirando com dificuldade. Seus ofegantes gritos de prazer sumiram em um longo gemido quando seu corpo caiu em uma espiral de prazer e estremeceu debaixo dele.

— Porra, sim, porra. — Bo gritava, estocando com força, seguindo o clímax dela com o seu próprio, enquanto cavalgava seu prazer e gozava com um último impulso forte, enterrando-se em seu interior.

Movendo o seu peso para os seus cotovelos, beijou-a, acariciando seu rosto e pescoço.

— Te amo muito, querida — disse Bo, com uma voz rouca. Afastou-se dela, ajoelhou-se na frente de sua calça jeans e procurou nos bolsos da frente. Estava com uma pequena chave e abriu-lhe o pulso da algaema.

Colocou a chave na mesa pequena e foi para um refrigerador e trouxe duas garrafas de água. Quando se sentou ao lado dela e entregou-lhe uma garrafa de água, disse — Sei que não prometeu ainda.

Ela tomou um longo gole, inclinando a cabeça para trás contra o travesseiro e fechando os olhos. — Você me pede para ficar com você, colocando sua vida em risco por mim, Bo.

— Quer ficar com outro lobo?

Seus olhos se abriram. — O quê? Claro que não.

Seus olhos se estreitaram. — Quer que eu foda outra loba?
— ele acariciou a mão em sua barriga. — Quer outra loba tenha os meus filhos?

Ela respirou lentamente quando uma profusão de emoções fluiu sobre ela com o pensamento de suas mãos tocando em qualquer uma, menos ela. De sua boca beijando outra mulher.

Ela se preparou mentalmente. Lembrou ao seu lobo ciumento que ficar com significaria a sua morte.

Colocando a garrafa de água na mesa do lado, rolou para o lado dela e para longe dele e se cobriu com um cobertor. Sentiu seus olhos sobre ela, mas recusou-se a ceder. Admitir que era dele e ele era dela... isso simplesmente não era algo que estava disposta a fazer, mesmo sabendo que encontraria outra fêmea, eventualmente, era como uma ardente lâmina em seu coração.

Foi assim que os próximos dias se passaram. Eles conversaram. Ele fez suas refeições e comeram juntos. E entre as coisas mundanas, explodiu sua mente com gritos de sexo quente. Contra a parede. Nas escadas. No pequeno banheiro. Todas as vezes pediu-lhe prometer ficar, ela recusou-se, mordendo a língua para não fazer um voto durante a sua paixão. Mas ele constantemente desgastava as suas defesas, enquanto o seu tempo juntos acalmou.

Bo estava estendido ao lado dela na cama, de olhos fechados durante o sono e uma expressão tranquila no rosto. Olhando para o relógio na parede lhe mostrou que era quase onze horas da quinta-feira, sua terceira noite no porão do celeiro. Em uma de suas muitas conversas, ele lhe disse que se encontrariam com a matilha e os lince às três horas no sábado. No início da noite, depois que fizeram amor, olhou para os seus olhos cheio de paixão e soube que se promettesse ficar com ele ou não, ele lutaria por ela. Ele a algemaria, a levaria como uma boneca de pano e iria para a batalha pela sua dívida de sangue. Entendeu que a sua recusa em aceitar a sua vontade de lutar por o machucava. Não fisicamente, claro, mas emocionalmente. Ali estava um homem que iria direto para o inferno por ela, sem pensar duas vezes e ela continuava a recusar a sua decisão de fazer um vínculo.

Passou seus dedos sobre as marcas em seu ombro, onde suas mandíbulas agarraram com força e profundamente, para forçar o veneno de cura em seu corpo. Elas continuavam, um lembrete de que, mesmo que a sua parte humana se recusasse a reconhecer que eram companheiros verdadeiros, seu lobo sabia o tempo todo.

O medo se alojou em sua garganta como um punho apertado, quando se aconchegou nele, curvando a perna ao redor de seu quadril e deslizando a mão até suas costas suaves. Não conseguiu conter seus sentimentos por mais tempo e se ele queria seu apoio, se queria seu voto, ela ficaria ao lado dele, confiaria nele para lutar por ela, então lhe daria. De bom grado.

— Bo? — ela esfregou o queixo e arranhou as unhas levemente em suas costas. — Bo, acorda. Preciso de você.

Seus braços apertaram ao redor dela, e seus olhos se abriram lentamente. — Você está bem, querida?

Ela ignorou sua preocupação por sua segurança, afastou seus pensamentos sombrios e abriu seu coração. — Amo você.

Ele arregalou os olhos e as sobrancelhas levantaram por um breve momento antes de rolar por cima dela e sorrir. — Também a amo.

Ela mexeu debaixo dele. — Faça amor comigo.

Suas pernas se separaram e ele escorregou para o berço do seu corpo, o seu pênis endurecendo enquanto suas bocas se encontravam em um beijo profundo. Sua língua se enroscou com a dela, dançando e tocando cada centímetro. Suas mãos estavam juntas e ficou sobre ela, empurrando nela com uma forte pressão até que seus corpos se uniram tão firmemente quanto possível. Apertando as mãos, travou seus tornozelos na parte de baixo das costas e encontrou seus impulsos. Seus corpos cantaram juntos, uma canção de felicidade, amor e paixão, que fizeram as luzes piscar por trás de seus olhos e seu coração disparar no peito.

Quando o prazer derramou sobre ela, as palavras em seus lábios eram as mais verdadeiras possíveis. — Nunca lhe deixarei, eu juro!

CAPÍTULO ONZE

Bo nunca achou que o sucesso seria tão doce. Ali estava sua namorada, sua companheira, se contorcendo debaixo dele em êxtase, quando prometeu que nunca iria embora.

O orgasmo golpeou seu corpo debaixo dele e gozou forte, bombeamento profundo dentro dela. Ele soltou as mãos e abraçou-a, beijando-a, enquanto ela ofegava para respirar e estremeceu.

Com os braços em volta dele, ela sussurrou — Olhe para mim, Bo, e me faça sua para sempre.

Um rosnado feliz retumbou em seu peito quando a beijou e inclinou a cabeça. Sua raça normalmente marcava na parte de trás do pescoço, diretamente sobre a espinha, mas Bo queria que ela tivesse uma marca visível para todos. Enquanto ela ainda tremia de seu êxtase pós-orgasmo, ele cravou os dentes no pescoço dela.

— Oh — ela gemeu, remexendo-se sob ele e raspando as unhas em suas laterais. Ela inclinou um pouco a cabeça e afundou seus próprios dentes na lateral de seu pescoço. Todo o seu corpo estremeceu quando se abraçaram forte. Nunca pensou que uma mordida podia ser tão erótica e não se negaria a deixá-la mordê-lo com mais frequência.

Extraíndo suas presas, ela disse com uma voz rouca — Se morrer por mim, ficarei muito chateada. — lambeu todas as marcas e resmungou baixinho.

Extraíndo suas presas em seu pescoço, ele pegou seu sangue em sua língua e suspirou feliz. — Não tenho nenhuma intenção de morrer, meu amor.

Ela passou as mãos em seu rosto. Agora que abaixou a guarda, podia ver claramente o amor que ela tinha por ele, podia sentir os seus lobos comungando juntos da maneira que só os companheiros verdadeiros podiam. Para o resto de suas vidas, seria capaz de encontrá-la onde quer que estivesse e, agora que sua perna estava curada, poderia protegê-la não somente em sua forma humana, mas também na sua forma de lobo.

— Eles são em três. — ela franziu a testa e as sobrancelhas com força.

Ele beijou o canto de sua boca e virou-os de lado. — Baby, por favor, acredite em mim. Confie em mim para mantê-la segura. Confie que sei o que faço. Eu não levo isso de ânimo leve. Se pensasse por um momento que poderia perder, a levaria para tão longe daqui, que nunca nos encontrariam.

Ele podia ver a guerra em seus olhos e sabia que ainda lutava com o seu desejo de vê-lo em segurança. Companheiros Lobos compartilhavam sentimentos de proteção, de um para o outro, de forma igual. Sua necessidade de protegê-la era igual à sua necessidade de protegê-lo. Sabia que os seres humanos nem sempre entendiam isso. Muitas vezes via machos tendo todo o

poder, todos os instintos protetores. Mas uma loba era uma bonita e mortal força da natureza. Viu Reika combater esses três lince, e mesmo que tenha perdido essa batalha, foi tão determinada e feroz quanto qualquer loba que conheceu. Sua habilidade de cura apenas a tornava mais especial e poderosa em sua mente.

— Confio em você, Bo. De verdade. — ela fechou os olhos e apertou a testa contra a dele. — Eu confio.

Ele tocou as marcas já curadas em seu pescoço. — Você é minha agora, Reika. Enquanto respirar, ninguém a tocará novamente.

Ela o beijou e fizeram amor mais uma vez, desta vez lentamente, para que saboreasse tudo sobre ela.

Seus olhos estavam semicerrados, seu cabelo despenteado, e seus lábios inchados pelos beijos. Sua pele estava vermelha e úmida, e o seu cheiro era como uma droga que nunca o saciava.

Ele a manteve trancada durante três dias. Ela era uma loba teimosa. Foi difícil vê-la lutar contra seus verdadeiros sentimentos, em nome da sua proteção e de sua matilha. Sabia que ela se encaixaria bem na matilha Tressel porque já se preocupava tanto por eles.

Ele abriu a boca para perguntar se ela estava com fome e encontrou-a adormecida com as mãos embaixo do seu rosto. Saindo da cama lentamente, de modo que não a acordasse, verificou suas mensagens e enviou algumas mensagens de texto

para a matilha antes de voltar para a cama com sua companheira.

Quando acordou tarde na manhã seguinte, a cama a seu lado estava fria. Seu coração acelerou quando pulou da cama, preocupado que ela tivesse encontrado uma maneira de fugir. A porta do banheiro abriu e ela saiu, vestindo uma de suas camisetas.

— Parece que você viu um fantasma. — ela riu, beijando seu rosto.

Ele engoliu em seco, com vergonha que seu primeiro pensamento foi que ela tentara deixá-lo depois de prometer que não o faria.

— Temos mais um dia juntos, baby e já que estamos recém acasalados, queria me certificar de que começaríamos o dia direito.

— Ah. — ela beijou o seu nariz. — Estou morrendo de fome. Alguém me deixou em outro coma pós-sexo na noite passada.

— O que eu posso fazer? Nunca tenho o suficiente de seu corpo quente. — ele mordeu sua orelha, e ela riu.

Fizeram café da manhã juntos, assistiram a um filme em seu iPad e conversam. Ele aprendeu tanto sobre ela naqueles poucos dias no porão. Não apenas confirmando o que já sabia, que era inteligente, carinhosa e uma pessoa incrível, mas que também era incrivelmente doce e estimulante. Sentia como se estivesse sob o sol, quando estava perto dela.

Naquela noite, fizeram amor e adormeceram nos braços um do outro. Ele queria passar a noite toda assim e acordar todas as manhãs com ela, sendo a primeira coisa que via.

Quando empacotaram as coisas para irem para a matilha dela, no sábado, sentiu sua ansiedade aumentar a cada minuto que passava. No momento em que abriu a porta do porão e a escotilha, ela tremia de nervosa.

— Baby, tudo ficará bem, eu juro — disse, acariciando o seu rosto e beijando os seus lábios.

— Eu sei em meu coração, Bo, mas tenho tanto medo de perdê-lo. — ela apertou as mãos em punhos, para tentar controlar seu tremor, mas ainda balançaram visivelmente quando ela se soltou.

— Você não me perderá. — ele ergueu as suas mãos à boca e beijou o centro de cada uma, antes de puxá-la para um abraço e apertando-a com força.

Ele a colocou na caminhonete junto com seus suprimentos e abriu as portas do celeiro. Quando tirou a caminhonete e virou, Reika engasgou. Dez veículos estavam em uma longa fila em frente ao celeiro.

Ela olhou através do pára-brisa. — Essa é a sua matilha?

Ele apertou a mão dela. — São a sua matilha agora, querida. Não se esqueça disso. Vieram para nos apoiar. Nada é mais importante para um lobo do que sua companheira

verdadeira, e uma matilha jamais deixaria um lobo da matilha sozinho.

Ela virou para ele, com os olhos brilhantes de lágrimas não derramadas. — Te amo — ela sussurrou.

— Também te amo, querida.

Ele parou perto da linha de veículos e buzinas soaram, quebrando o silêncio da manhã. Liderando o caminho, seguiu da longa viagem da fazenda e se dirigiu para Columbus, onde os três lince estavam prestes a ter uma lição... ao estilo da velha escola.



— Oh, mamãe! — Reika chorou quando fechou a distância de uma mulher que se parecia com uma versão um pouco mais velha dela. A mulher abraçou Reika com força e as duas começaram a chorar. Grim, o alfa de seu bando, se adiantou e encontrou-se com Jason e apertaram as mãos. O pai de Reika, Tin, apertou a mão de Jason e depois de Bo.

— Bem-vindo à família, filho — disse Tin, com um aceno de cabeça. — Você não tem ideia de quanto tempo oramos para que o grande espírito do lobo lhe permitisse encontrar seu companheiro verdadeiro.

— Não a deixarei — Bo prometeu.

Tin sorriu brevemente e apresentou Ben. Ben tinha uns centímetros a menos do que 1,83 metros de Bo, encorpado e bem musculoso. Reika disse que ele era um chef e Bo imaginou que

fosse magro e nerd. Ele podia gostar de cozinhar, mas trabalhou os músculos.

Um som estranho, como um megafone, ecoou pelo parque vazio. Era um território neutro a oeste da cidade de Columbus, um parque gramado, aberto, ladeado de árvores. O clã dos lincez apareceu em uma grande caravana de trailers. Circularam os trailers ao redor do perímetro do parque e Bo se lembrou dos vagões que circulavam no velho oeste. Era estranho, para se dizer o mínimo.

Eram como um enxame quando saíram dos trailers. Havia, no mínimo, uns 150 deles ao redor da clareira. Um homem grisalho avançou com os três homens para quem Reika fora prometida.

Os lincez se juntaram aos Alfas Grim e Jason e Bo no centro da clareira, com os lobos das matilhas de Bo e de Reika, em pé, lado a lado, enquanto os lincez se aglomeravam ao redor do espaço aberto.

— Rei Maurice — Alfa Grim disse — Apresento-lhe Bo Elliot, lobo companheiro verdadeiro de Reika Snow. Pelas nossas leis e pelas suas, um companheiro verdadeiro pode quebrar a promessa da dívida de sangue.

Os três homens rosnaram com raiva, estreitando seus olhos. Maurice levantou a mão enrugada e os machos pararam de rosnar.

— Esperamos 16 anos para que a curandeira se juntasse ao nosso clã. Se ele é realmente o seu companheiro verdadeiro,

então terá que lutar contra aqueles que detêm a dívida de sangue. Somente o sangue pode apagar a dívida de sangue.

A multidão se afastou, liderada pelo Alfa Grim, até que apenas Bo estivesse na clareira, junto com os quatro lince. Bo estendeu a mão para Reika e ela caminhou até ele rapidamente. Ele tirou sua jaqueta de couro e lhe entregou. Ela colocou-a sobre seus ombros e ele estendeu a mão e tocou as marcas em seu pescoço.

Sem olhar para os homens, disse com uma voz alta e clara — Eu, Bo Elliot, declaro-me campeão da minha companheira verdadeira, Reika Snow. Assumirei a sua dívida de sangue como minha.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — Eu te amo — ela murmurou.

Ele a beijou e repetiu as mesmas palavras para ela.

E aqui estava a sua carta na manga. — Chamo dois companheiros para lutar ao meu lado no sangue e na honra.

Os lince ao redor explodiram em murmúrios infelizes.

Ben e Shayne se adiantaram dos lobos e ficaram ao lado de Bo. Os machos de lince empalideceram quando viram Shayne e Bo aproveitou a reação deles. Shayne e sua família viajaram com sua matilha para apoiar Bo.

— Qual é o significado disso? — Maurice gritou.

Grim e Jason vieram ficar ao lado deles. Grim falou em voz alta, com autoridade em cada palavra. — Em suas próprias leis,

afirma-se que um homem pode pedir guerreiros para lutar com ele, mas somente se esses guerreiros foram injustiçados pelos mesmos homens. Você feriu a irmã de Ben, Reika, quando a atacou enquanto ela fugia. E feriu a irmã de Shayne, Jazlyn, quando tentou usá-la como garantia para forçar Bo liberar Reika.

Jason disse — Você pode levar os três lobos em desafio aos seus três lince ou pode escolher um para a luta com Bo sozinho. Não é honroso exigir uma luta desigual.

— Você não sabe nada sobre nós ou nossas leis — um dos netos rosnou.

— Lutar ou ir embora — Grim disse — mas isso acaba hoje.

Bo olhou para Reika e a viu olhando-o em choque. Estava disposto a lutar contra os três homens, mas quando os Alfas Grim e Jason falaram sobre as leis dos lince, Bo sabia que não havia nada melhor em uma luta com dois lobos em suas costas. Não sabia muito sobre Ben, mas quando Jason falou com Grim sobre a situação, garantiu a Jason que Ben era um lutador sério e ficaria feliz em lutar pela honra de sua irmã.

Os machos de lince tiraram os casacos, amaldiçoando sob suas respirações, e seguiram em frente.

— Carne com carne. Se mudar, estará desclassificado na luta — Alfa Grim disse.

Shayne estalou seu pescoço, seus olhos azuis brilhantes piscando quando procurou o homem que colocou as mãos sobre



Jazlyn. Shayne tinha mais de 120 kg de puro macho primitivo. O lince não tinha a menor chance.

Os espectadores se afastaram mais para dar aos lutadores mais espaço, pois cada homem escolheu um adversário. Bo sabia que olhava para Eli, o mais velho.

Os três lobos enfrentariam os três lince. Os espectadores lhes haviam dado um amplo espaço e Bo concentrou toda a sua atenção em Eli, estreitando sua visão no homem que foi uma presença ameaçadora por quase toda a vida de Reika.

O lobo de Bo estava ansioso para acabar com a ameaça sobre a sua companheira e, pela primeira vez, sentiu-se verdadeiramente em harmonia com sua besta. A única coisa que estava no caminho da sua felicidade absoluta era uma desculpa patética de um macho. Bo esperava que ele fizesse o primeiro movimento, supondo que tentaria impedi-lo de forma rápida, escolhendo a força bruta sobre estratégia. Eli era maior do que Bo, mas Bo sabia que podia vencer Eli.

Como suspeitava, Eli veio com um rugido e Bo agarrou-o assim os dois caíram com força no chão. Era apenas muito vagamente consciente dos sons de Ben e Shayne lutando, mas afastou os pensamentos. Não podia perder o foco agora, não quando o bem-estar de Reika dependia disso.

Ela era a mulher mais incrível que conhecera e lhe pertencia agora, como sua companheira, sua igual e sua futura esposa. Não havia nenhuma maneira de perder a coisa mais importante que já defendeu em sua vida.

CAPÍTULO DOZE

Reika abafou um grito de alarme quando Eli atirou-se em Bo e caiu sobre ele, os dois caindo no chão com um baque forte. Ela estava ciente de seu irmão e Shayne lutando contra os outros machos de lince, mas sua visão se reduziu a Bo e sua luta. Surpreendeu-se por seu companheiro ter encontrado uma maneira de fazer a luta mesmo assim. Disse que confiava nele e confiava, mas não tinha certeza de que o resultado seria bom se tivesse que enfrentar todos os três. No entanto, seu companheiro era determinado.

Em poucos segundos, os dois estavam separados novamente, Bo parecia calmo e controlado e Eli parecia um homem selvagem. Circularam por alguns momentos, avaliando um ao outro, e desta vez, quando Eli moveu-se para atacar, Bo bateu primeiro. Para cada soco e chute que Eli deu, Bo retornou dez, os punhos e os pés se movendo tão rápido que mal conseguia acompanhar os movimentos com os olhos.

Eli deu um soco sólido no olho direito de Bo e Reika sentiu a mão de sua mãe em seu braço apertar, não percebendo que dera um passo para frente. Sua respiração falhou quando viu sangue em seu companheiro, e seu lobo rosnou de preocupação em sua mente.

Eli acertou um chute forte na perna que uma vez foi ruim de Bo e ele foi para o chão com um grunhido. Reika quase gritou

em pânico, querendo jogar-se entre Eli e Bo quando Eli chegou para seu companheiro com ameaça pura e ódio em seus olhos. Bo levantou de repente e o atirou longe. Eli bateu no chão com tanta força que Reika pensou que realmente ouviu o chocalho do cérebro em seu crânio.

Bo torcia Eli até que apoiou-o pelas costas por um braço e apertou o outro ao redor do pescoço de Eli. Eli se esforçou, arqueando contra Bo para tentar libertar-se, chutando em vão para o chão. Seu rosto começou a escurecer quando Bo lhe tirou o oxigênio. Os músculos do braço de Bo ficaram tensos quando apertou com mais força e a luta de Eli abrandou e depois parou.

Bo soltou o corpo inconsciente de Eli no chão e levantou-se, erguendo a cabeça para o céu e uivou em sua vitória. Ben e Shayne estavam vitoriosos sobre os corpos inconscientes dos outros machos de lince, compartilhando com Bo a vitória. Os lobos ao redor explodiram em um coro de uivos e Reika levantou a cabeça e soltou um uivo de agradecimento ao grande espírito de lobo, por ver seu companheiro seguro e a dívida de sangue retirada.

Bo abaixou a cabeça e olhou para o líder do clã lince. Maurice levantou uma adaga fina do cinto e cortado em toda a palma da mão. Quando várias gotas de sangue espirraram sobre a grama, disse — A dívida de sangue foi atendida, a loba Reika Snow está livre.

O coração de Reika acelerou. Livre! Livre para amar quem quisesse, sem precisar mais fugir.

Maurice falou várias palavras numa língua que não conhecia, cuspiu e jogou a faca no chão, com um bufo irritado. Virou as costas e afastou-se em direção aos trailers, estalando os dedos e dando ordens para o seu povo. Os três lince inconscientes foram apanhados por seu povo e levados.

Bo olhou a multidão e encontrou os olhos de Reika com lágrimas de alívio e felicidade em seu rosto. Abriu os braços e ela correu e agarrou-se a ele quando a apertou, enquanto soluçava.

— Estou bem, querida — disse, silenciando-a gentilmente, acariciando seu cabelo com uma mão e apertando-a com a outra.

Ela chorou mais, incapaz de conter as lágrimas por mais tempo e ficou com ela até que ela tivesse chorado tudo o que podia.

— Obrigada, obrigada. — disse, com uma voz rouca, apertando os braços em volta dele.

— Prometi que ficaria tudo bem, não foi? — perguntou quando levantou o rosto para olhar para ele. Ela fungou e assentiu.

— Eu te amo muito, querida. Ficaria feliz em morrer para vê-la livre e segura. — ela estremeceu com a declaração, mesmo sabendo que também morreria por ele. Ele acariciou as costas de sua mão sobre sua bochecha. — Não sabia o que era o verdadeiro amor até que te conheci, querida. O verdadeiro amor é querer que a pessoa que ama esteja a salvo de todo o mal, mesmo que isso signifique morrer para garantir isso. O verdadeiro amor significa estar disposto a ser quebrado, espancado e ferido, se isso

significa que a pessoa que ama não será prejudicada. Eu te amo muito. Realmente amo.

— Também te amo, Bo. Meu protetor. Meu coração.

— E seu companheiro — acrescentou.

Reika enxugou as lágrimas e deu um passo atrás dele, olhando-o com um olhar crítico. Um hematoma já se formava ao redor de um olho e o sangue secara debaixo do seu nariz e em um canto de sua boca e estava certa de que ele estava com o corpo machucado, mesmo que não pudesse ver por baixo da roupa.

Olhou para o seu irmão e Shayne, que lutaram ao lado de Bo. Nunca esteve mais orgulhosa de seu irmão ou mais grata pelo homem quieto que estava ao lado do grupo com sua própria matilha. Pegando a mão de Bo, caminhou até o irmão, que era vigiado com os olhos afiados por sua mãe.

— Obrigada, Ben — disse e abraçou-o com cuidado, preocupada que estivesse mais ferido do que aparentava.

Ben a abraçou de volta. — Queria fazer isso direito, Kiki. Foi por minha culpa que isso aconteceu.

— Não — disse o pai — você era apenas uma criança. Foi um acidente com conseqüências graves e infelizes, mas tudo ficará para trás a partir de agora.

Ela abraçou a mãe e o pai e, em seguida, puxou Bo para Shayne. Ela ouviu Bo mencionar que o homem fazia parte de uma pequena matilha que vivia fora de Allen. Tocando a grande mão de Shayne, olhou-o nos olhos e disse — Você é um homem

honrado, Shayne. Obrigada por estar com Bo e ajudar a me libertar.

Suas sobrancelhas arquearam em surpresa e ele abaixou a cabeça em um aceno de cabeça, dizendo com uma voz profunda — Foi uma honra, Reika, ficar ao lado de um homem como o seu companheiro.

Ela olhou para os membros do bando de Shayne, sua família e sorriu para eles, agradecida. — Obrigada.

Jazlyn saiu do abraço de um jovem lobo que Bo identificou como seu companheiro, Fritz, e abraçou Reika.

— Seu companheiro levantou-se por mim. Não havia nenhuma maneira de o deixarmos sozinho. Não somos da mesma matilha, mas somos irmãs lobo por natureza, o que pode ser tão forte como as linhas de família. Mais forte, às vezes.

— É uma honra chamá-la de irmã, Jazlyn. — Reika abraçou a pequena loba e, em seguida, deixou Bo afastá-la, enquanto agradecia a Shayne e sua matilha e virou para voltar para a família de Reika e sua matilha.

Reika olhou por cima do ombro e disse — Deveria me oferecer para curá-lo, se ele estiver ferido.

Bo riu. — Eu tenho certeza que ele preferiria apenas mudar para curar, do que sofrer com sua mordida.

Ela balançou a cabeça. — Só mordo em lesões graves, como a sua. Para as coisas menores, basta mudar e lamber a ferida.

Bo puxou abruptamente e girou-a para perto. — Você não lambe todos os machos, apenas eu, Reika.

Rindo, ela disse — Mas sou uma curadora. Como curarei as pessoas se não conseguir lambê-los?

Pareceu considerar o que ela disse e então estreitou os olhos castanhos e disse — Insistirei em estar lá, então.

Ela brincou — Não confia em mim?

Empurrou-a contra seu corpo com um suave grunhido, seus olhos brilhando em âmbar por um momento. — Confio em você com a minha vida, meu amor. Apenas não confio em ninguém mais.

Ela tocou o lado do seu rosto que não estava machucado. — Você devolveu minha vida, Bo. Espero que saiba que sou sua para sempre.

— Não teria de nenhuma outra maneira. — abaixou a boca para a dela e beijou-a, apenas por alguns instantes. Seu primeiro beijo como uma mulher livre.

O Alfa Grim bateu palmas e todos os lobos acalmaram. — Dezesseis anos atrás, fui forçado a fazer uma escolha entre uma menina e uma guerra. Embora odiasse isso, a escolha foi feita por causa da matilha. Em todos esses anos, tinha esperança de que o companheiro verdadeiro de Reika a encontrasse e quebrasse a sua dívida de sangue. — olhou para ela e Bo, depois atrás deles, para os membros da matilha Tressel e Shayne e sua matilha,

também. — Obrigado por seu apoio, provando que um lobo não é obrigado por suas matilhas, mas por laços de amizade e amor.

O pai de Reika disse em voz alta — Vamos comemorar na hospedaria!

Sua matilha se animou e começou a ir para os seus veículos. — Que hospedaria? — perguntou Jason, vindo para o lado deles.

— É como uma sala de reuniões. A matilha se reúne lá para festas e reuniões. É perto da casa do Alfa. — olhou para Bo. — Podemos ficar, certo?

Ele pareceu surpreso. — Claro, querida. Contanto que queira.

— Quero conversar com a minha família por um tempo.

— Tenho autoridade para dizer que seu chefe não precisa que volte na loja até quarta-feira, para que fiquem aqui por alguns dias. — Jason sorriu.

— Obrigado, Jason — disse Bo, inclinando-se para Jason quando os dois se cumprimentaram, um batendo nas costas do outro algumas vezes e então se separaram rapidamente.

Ela sorriu para o seu companheiro e segurou sua mão enquanto caminhavam até a sua picape. Ele retirou sua jaqueta antes de se sentar ao volante e ela se inclinou e enganchou o braço no dele quando ele seguiu a longa fila de veículos em direção ao território de sua matilha e para a hospedaria.

Quando atravessou as portas duplas da hospedaria, Bo fez um ruído surpreso. Ela o olhou e ele deu de ombros, dizendo — Estou surpreso que fizeram isso tão rápido.

A sua mãe, que veio cumprimentá-los, riu — Quando o Alfa Grim disse o que aconteceria hoje e que o companheiro de Reika lutaria pela sua dívida de sangue, as fêmeas da matilha decidiram fazer uma refeição de celebração pronta para quando o luta acabasse.

Bo cantarolava em sua garganta. — Tiveram muita fé em mim.

Sua mãe disse — Levamos muito a sério os companheiros verdadeiros, filho.

Eles seguiram a mãe dela para uma grande mesa na frente da sala, onde o Alfa Grim e sua esposa estavam sentados. O Alfa Grim convidou Jason e o resto dos lobos com ele, para se juntarem a ele na mesa principal e Bo puxou a cadeira para Reika e empurrou-a com cuidado, antes de se sentar ao lado dela. A mãe de Reika desapareceu na grande cozinha comercial, mas sabia que voltaria para sentar-se e comer.

Jason sentou-se ao lado de Bo, seguido por Michael, Linus, Logan, Teller e Toby. Shayne e sua família se estabeleceram mais abaixo na mesa. Reika conheceu Toby hoje e disseram que ele trabalhava de segurança no bar e ela podia ver o porquê. Ele era um homem grande, com bem mais que 1,80m, com ombros muito largos e com músculos fortes.

Sua família se juntou ao longo da mesa, enquanto os jovens lobos de sua matilha colocaram enormes tigelas e pratos repletos de comida nas mesas. Como sua própria matilha, os machos da matilha de Bo esperaram, enquanto as fêmeas encheram seus pratos e, em seguida, caíram sobre a comida como gafanhotos, risos e conversas, se misturando enquanto comiam.

— Arrumei maioria de suas roupas — disse a sua mãe, quando Reika cortou uma fatia de presunto ao mel.

— Obrigada, mãe.

Sua mãe olhou por cima de seu prato e sorriu, seu olhos azuis brilhando. — Fiquei feliz de embalar sob estas circunstâncias.

— Agora só temos que nos livrar do outro. — disse o pai, com uma risada.

— Oh, obrigado. — Ben riu, quando se sentou em frente a Reika, depois de ajudar na cozinha.

A conversa animada corria ao redor deles, enquanto comiam, os jovens lobos recarregaram as tigelas e pratos quando estavam vazios.

Quando a refeição acalmou, Linus recostou-se na cadeira e disse — Essa foi a melhor carne de churrasco de porco que eu já tive!

Jason riu e disse — Não deixe que Karly ouça você dizer isso.

Linus deu de ombros. — Ei, ela não é tão insegura que não possa admitir quando alguém pode cozinhar algo incrível. Quem fez isso? Talvez me passem a receita para dar a ela.

Ben olhou para cima. — Fui eu.

Bo disse — Reika disse que sabia cozinhar, mas não tinha ideia de quão bem. Fez tudo?

As bochechas de Ben ficaram coradas. Sua mãe se apressou a responder — Ele comandou tudo. Quando as fêmeas decidiram que precisávamos de uma refeição comunitária, Ben assumiu e preparou tudo com a ajuda das mulheres e dos jovens lobos. Ele realmente é fantástico.

Ele sorriu sob a enxurrada de elogios e encheu Reika de alegria ao ver seu irmão mais novo ser elogiado.

A sobremesa foi servida, uma dúzia de diferentes bolos e tortas e pratos de cookies, juntamente com o café, e, lentamente, os membros de sua matilha começaram a levantar para ir para casa.

Ela e Bo andaram para os membros da matilha que iam para os seus veículos, e agradeceram a todos, mais uma vez, pelo seu apoio.

Jason disse — Na próxima lua cheia, Reika pode se juntar a matilha e você pode declará-los como companheiros, ao mesmo tempo, se estiver pronto.

Bo colocou seu braço ao redor dela. — Oh, nós estamos prontos.

Ela ouviu passos correndo e se virou para ver Ben com um saco de mantimento de papel em suas mãos.

— Aqui — Ben disse, entregando-o para Linus. — Coloquei a receita lá e algumas sobras, também.

— Puxa, obrigado. — disse Linus e depois baixou a voz um pouco, falando baixinho com Ben.

Ela e Bo se afastaram dos membros da matilha com um aceno e foram para a sua picape para ir para a casa de seus pais. Passariam os próximos dias com a sua família, para que pudessem se conhecer.

Enquanto se afastavam, notou que Ben ainda falava com a matilha de Bo e fez uma nota mental para perguntar-lhe sobre isso mais tarde.

Quando Bo carregou a sua sacola até seu quarto, trancou a porta e empurrou-o para a cama.

— Realmente, querida? Seus pais estão bem no andar de baixo — brincou, enquanto tirava os sapatos e se endireitava, estendendo a mão para o botão da calça jeans.

— Não é para o sexo, Bo — ela se mexia, abaixando sua calça — Quero ver seus ferimentos.

— Estou bem, amor — prometeu, mas deixou-a tirar de qualquer maneira. Passou os dedos sobre cada centímetro do seu corpo, notando os hematomas desvanecendo e curando, como as marcas de cortes que eram as evidências da batalha brutal pela sua liberdade.

Ela estendeu a seu lado. — Eu te agradeço?

— Um homem nunca se cansa de ouvir sua mulher lhe agradecer. — entrelaçou sua mão na dela.

Ela sorriu. — Obrigada, Bo. Por me resgatar na floresta, mantendo-me segura, mesmo contra a minha própria vontade e, acima de tudo, por me amar o suficiente para me libertar.

Ele rolou para o lado dele. — Foi completamente egoísta.

— Foi?

— Fazê-la livre. Queria mantê-la para mim mesmo, para sempre.

— Pode ser egoísta a qualquer momento.

— Gostaria de ser egoísta agora e passar algum tempo juntos e nus.

Ele puxou a camisa de seu jeans com um sorriso malicioso e fizeram amor, deleitando-se com a sua liberdade.



Passar o tempo com sua família, sem a ameaça dos lince a encheu de uma alegria que antes não conhecia. Ben fez um bolo de aniversário, assim como pedira. Quando cantaram Parabéns para ela, e as vinte e três velas tremulavam no topo do bolo, seu coração não estava cheio de medo. Em vez disso, fechou os olhos e desejou uma vida feliz para a sua família, agora que eles também estavam livres dos lince. Ela não era a única que foi carregada pela dívida de sangue, por todos esses anos. Mesmo

que mantivesse uma cara valente por tanto tempo, sua família sofreu junto com ela. Sua matilha parecia mais feliz, também. O Alfa Grim passou na segunda-feira à noite para desejar a ela e Bo uma viagem segura de volta para Allen.

O Alfa Grim também agradeceu a Bo por quebrar a dívida e, em seguida, pediu a Reika para perdoá-lo. Olhou com espanto para o homem que representava a autoridade suprema, por toda a sua vida.

— Não há nada a perdoar, Alfa Grim.

Ele apertou os lábios e, em seguida, disse — Sou grato que pense assim, Reika, mas ainda gostaria de receber o seu perdão. Por não ser capaz de te proteger de uma dívida de sangue. Que não pude encontrar uma maneira de quebrá-la, assim que foi feita.

Ela olhou para Bo, que assentiu. Por todos esses anos, nunca odiou o Alfa pelo que fez. Odiava os lince por forçarem a mão, mas nunca pensou menos dele uma única vez.

— Eu te perdôo.

Ele sorriu, pegou a mão dela, beijou-a e saiu pela porta sem dizer uma palavra.

Na terça à tarde, enquanto Bo e seu pai carregavam a picape de Bo para voltarem para Allen, Reika caminhou pelo corredor até o quarto de Ben e bateu na porta.

Ele olhou por cima de seu laptop e sorriu. — O que foi, mana?

— Só queria me despedir. — ela sentou-se na cama e olhou ao redor de seu quarto um pouco bagunçado.

— Talvez não.

— Talvez não, o quê? — perguntou, olhando-o em confusão.

Ele virou o laptop e ela viu o seu programa de e-mail aberto, com um email de Karly Mayfield.

Ben,

É com prazer que lhe ofereço o cargo de subchefe no Lone Star. Você trabalhará diretamente comigo, ajudando a criar o menu, enquanto nos preparamos para abrir o restaurante no jantar especial do Dia dos Namorados. Ficará responsável pela preparação, trabalhará áreas específicas durante o serviço e, assumirá quando eu estiver longe. Como discutido, o salário inicial será 25 mil dólares por ano, com bônus trimestrais com base nos lucros do restaurante. Estou ansiosa para trabalhar com você.

Karly.

Ela encontrou os olhos de Ben sobre a tampa do laptop. — Você se mudará para Allen?

— Sim. Quando dei a Linus as sobras do churrasco, ele disse que sua esposa Karly provavelmente iria querer falar comigo ao telefone assim que provasse da comida. Então, Jason disse que, se as coisas dessem certo, eu poderia participar da sua matilha e trabalhar para Karly no restaurante.

Ele sorriu para ela, enquanto sua boca estava aberta em surpresa.

— Você avisou mamãe e papai?

— Claro, mana. Disse-lhes sobre isso naquela noite e disseram que estavam contentes de ver-me usar meus talentos finalmente para trabalhar em algum lugar que valesse a pena. Receberei para ajudar a construir o restaurante do zero e Karly tem algumas ideias realmente grandes.

— Onde viverá?

Ele arqueou a cabeça para o lado. — Não posso viver com minha irmã e seu novo companheiro?

Ela estalou os dentes e sentiu seus olhos se arregalam com a ideia de deixá-lo na sala de sua nova casa. Ele começou a rir, e ela estreitou os olhos para ele.

Ele revirou os olhos com um sorriso. — Estava brincando, mas obrigado pelo voto de confiança. Jason disse que um de seus lobos se afastou e tinha uma pequena casa que alugou para alguns lobos da minha idade. São quatro quartos e há três caras lá agora. Disse que poderia me juntar a eles até que tivesse condições de conseguir um lugar só meu.

Estava simplesmente chocada. Mas realmente feliz. Colocou o laptop na cama e deu-lhe um grande abraço. — Se está feliz, estou feliz.

— Bom. Estou muito feliz. Sei que a minha companheira não está aqui em nossa matilha e estou pronto para sair e fazer o meu próprio caminho.

Ela bagunçou seu cabelo escuro. — Você é muito jovem para pensar em encontrar uma companheira.

— Sou apenas três anos mais novo do que você —
repreendeu-a, enquanto ela se levantou e caminhou até a porta.

— Eu sei, mas sempre será meu irmão mais novo.

Um sorriso iluminou seu rosto, e seus olhos azuis escuros
brilharam. — Amo você, Kiki.

— Também amo você.

Quando voltaram para Allen na terça-feira à noite, ela e Bo
conversaram sobre ela e Ben se juntarem a matilha no anúncio
do acasalamento e o que ela faria agora que estava livre dos
lincs. Desde aquele dia fatídico, sentia como se não importasse
os planos que fizesse para si mesma, porque a levariam e a
manteriam prisioneira. Ir para a faculdade a fez sentir inútil, mas
precisava fazer seus pais felizes. Esperavam que encontrasse o
seu companheiro verdadeiro no campus ou em qualquer lugar,
entre o 7º e o 23º aniversário. Mas isso não aconteceu e acabou
fugindo. Esse ato insensato a levou direto para os braços de Bo e,
embora houvesse coisas que lamentasse no passado, nunca se
arrependeu das ações que a levaram direto para ele.

— No que pensa tão seriamente? — Bo afastou uma mecha
de seu cabelo e ela o olhou.

— Que o amo.

Seus lábios se abriram em um largo sorriso. — Também te
amo.

CAPÍTULO TREZE

Na quarta-feira, Bo deixou Reika em casa e foi para o trabalho. Sabia que a ameaça dos lince era coisa do passado e tinha isso na boa autoridade da matilha de Reika, que os lince já estavam a vários estados a oeste de Ohio pelo tempo que ele e Reika voltaram para Allen, e tudo o que conseguia pensar era na boa viagem.

Foi uma surpresa que seu irmão Ben se juntou a matilha e Bo aguardava com expectativa para conhecer o jovem macho. Ele se mudou para a casa que pertenceu a Clay, que era o 5º em comando na matilha antes de sair do estado com sua namorada humana. Ben se juntou a outros três lobos jovens, Paul, Drake e Luka na casa e Bo imaginou que as lobas da matilha ficariam muito felizes de ter quatro homens solteiros em um só lugar.

— Fico feliz em vê-lo de volta — disse Jason, quando Bo parou em seu escritório para trabalhar.

— Obrigado. É bom voltar para casa.

— Tenho certeza que sim. — Jason estendeu a ordem de trabalho e Bo a tomou. — É a restauração de um Mustang 1970. Dê uma olhada e avise-me do seu tempo e estimativas de custo e ligarei para o cliente.

— Parece bom. — Bo virou para sair e depois parou. — Não sei se lhe agradei, Jason, mas realmente, muito obrigado por

tudo. Tenho a minha companhia agora por causa do apoio da matilha.

Jason sorriu. — Você estava lá por mim quando tivemos que caçar os lobos que seqüestraram Cades e também estava lá por Linus, quando não conseguimos encontrar Karly, depois que foi tomada. Somos uma família e somos uma matilha.

Concordando, Bo deixou o escritório de Jason e se dirigiu para o seu novo projeto.

Algumas horas mais tarde, quando saiu com a estimativa para Jason, pegou algo para comer com Michael e Linus e Michael disse que Reika tinha ligado para Susan e aceitado o emprego parcial no centro comunitário e então telefonou para Shyne para pedir uma carona.

— Ela não tem carro? — perguntou Linus surpreso.

— Ela e Ben compartilhavam um carro e queria que ficasse com ele. Seu pai se ofereceu para lhe comprar um carro novo, mas lhe disse que cuidaria disso. Pensei em levá-la neste fim de semana para comprar um carro. Será que Shyne se importa de dar-lhe carona nesta semana?

— Não — Michael sorriu — Sabe como são as mulheres. Shyne é uma tagarela, ri sempre que outra mulher está por perto e realmente gosta de Reika.

Bo sabia que Reika gostava das mulheres que conhecera, mas realmente não fez nenhuma conexão real com elas, porque planejava fugir. Agora que ficaria com ele para sempre, poderia

deixar suas preocupações e ter os amigos que lhe foram negados por causa da dívida de sangue.

Tia Lia parou para jantar naquela noite e trouxe um grande recipiente de seu guisado de carne e pãezinhos frescos. Reika e Lia conversaram sobre a cura e Bo ficou impressionado com o conhecimento de Reika sobre fitoterapia.

Ela deu de ombros com um sorriso. — Há uma grande quantidade de lobos, especialmente os mais velhos, que preferem usar a medicina herbal para as dores e um bom curador conhece muitas formas de cura para que possa melhor ajudar seus pacientes.

— Reika concordou em me ajudar com os pacientes se precisar dela e tenho certeza que um monte de lobos ficará feliz por ter uma curadora na matilha agora. — Lia sorriu e seus olhos enrugaram.

Bo estreitou os olhos para Reika. — Lembre-se do que lhe disse sobre lambar os homens.

Reika caiu na gargalhada e balançou a cabeça, falando para Lia sobre o pequeno problema de ciúmes de Bo.

Pequeno problema de ciúmes?

Ele arqueou uma sobrancelha, silenciosamente prometendo voltar nessa afirmação.

Quando Lia se foi, Bo trancou a porta da frente e virou para Reika, quando ela levantou-se do sofá e se espreguiçou. Viu sua blusa levantar ligeiramente com o movimento e seu pênis

endureceu só de ver o pequeno pedaço de sua barriga entre seu jeans apertado e sua camisa.

Saindo do transe da sua beleza, caminhou até ela e a jogou por cima do ombro, correndo para o quarto e chutando a porta atrás deles.

Ela riu, com as mãos agarrando sua bunda antes que a jogasse ao seu redor e a colocasse de barriga sobre a cama. Sacudindo os quadris, a puxou até que seus pés estavam no chão e sua parte superior deitada na cama.

— Não tenho um pequeno problema de ciúmes — rosnou, tentando ser severo quando se sentiu incrivelmente tonto só de tê-la em sua cama novamente.

Espreitando por cima do ombro, ela mordeu o lábio inferior e sorriu lentamente. — Sim, você tem.

Ele rosnou, sabendo que ela o estava provocando. Inclinando-se, ele lambeu a concha da sua orelha e disse — Não sou ciumento. Protejo minha mulher. Você é minha, não é, Reika?

Ele lambeu o espaço atrás da orelha, onde seu perfume inebriante estava mais forte e ela estremeceu e gemeu — Sim.

Seu lobo uivava em sua mente e seu lado humano sorriu como um idiota por saber que ela realmente era dele. Acreditava nela antes, mas poderia ouvi-la dizer uma centena de vezes por dia e nunca se cansar.

Segurando os dois lados da gola de sua camisa, rasgou a costura e os botões voaram quando a abaixou até os cotovelos com as alças do sutiã, até que seus seios ficaram livres. Levantou as mãos, esfregando os dedos sob o lado sensível de seus seios antes de cobri-los com as palmas das mãos, apertando suavemente. Seus mamilos ficaram duros enquanto pressionava beijos de seu pescoço para o cerne do seu ombro.

Sentiu as mãos dela afundarem em seu cabelo enquanto ela gemia e tirou as suas mãos e apertou-a no colchão. — Não mova as suas mãos.

Ele parou por um momento para ver se ela se moveria, mas ainda permanecia parada. Até que rebolou seu bumbum nele.

— Ficaré apenas olhando para mim ou o quê?

Ele de um tapa em sua bunda e ela guinchou de surpresa, depois riu, jogando o cabelo para trás, lançando-lhe um olhar de ‘foda-me’ que quase derreteu os sapatos.

Abrindo a sua calça jeans, abaixou o zíper e colocou os polegares no cócs, abaixando o jeans e a calcinha em suas pernas bem torneadas e jogou-as pelo quarto. Passou seus dedos nas costas suas pernas, curvando-se ao redor da linha suave de seus quadris. Ela era tão linda.

Ele se despiu rapidamente, jogando seus sapatos na parede e seu telefone no chão com sua pressa. Inclinando-se para frente, afastou o cabelo dela para trás e beijou o espaço entre os ombros. Ela deitou-se na cama, com os braços para os lados e descansando o seu rosto no edredom. Ele beijou-lhe pelas costas,

passando as mãos pelos seus quadris, segurando seus pés para afastá-los.

Passando suas mãos até o interior de suas coxas, deslizou pelos lábios de sua vagina e sorriu ao ver como estava excitada. Beijou-lhe o ombro, mordendo o suficiente para deixar uma pequena marca.

Ele se endireitou e pegou uma de suas pernas na altura do joelho e enganchou-a sobre o cotovelo, plantando a mão na cama para manter seu corpo bem aberto na sua frente. Com a outra mão, guiou seu pênis em seu núcleo aquecido, gemendo quando ela apertou ao seu redor.

Acariciando-a lentamente, agarrou sua cintura com a mão livre e mais forte a cama com a outra mão, antes de entrar forte e rápido nela. Sua vagina estava incrivelmente apertada com sua parte inferior do corpo aberta do jeito que estava e lutou para recuperar o controle de seu corpo para que não gozasse antes dela.

Avançando sua mão na frente de seu corpo, esfregou o seu inchado clitóris com um dedo, rosnando quando seu corpo começou a apertar ritmicamente. Ela gemia e ofegava, os nós dos dedos ficando brancos onde agarrava o edredom, enquanto tocava seu clitóris e estocava nela.

Ela curvou para frente e gritou seu nome quando sua vagina apertou o seu pênis tão forte que seus olhos reviraram. Seu controle quebrou e estocou nela, apertando-a com força e bombeando forte e rápido em seu corpo.

Ele sentiu suas presas e garras alongarem rompendo as pontas dos dedos e afastou suas mãos de seu corpo e agarrou a cama, uivando seu prazer enquanto seu pênis se contraía em seu interior. Suas unhas cravaram no edredom, rasgando o tecido, quando soltou um grunhido ofegante, seu corpo inteiro tremeu e seu gozo inundou o seu ventre.

Suas presas e garras recuaram rapidamente, seu batimento cardíaco ficou mais lento. Saiu do apertado céu molhado de seu corpo, pegou-a em seus braços e a levou para a cama. Ele se estendeu ao seu lado e a abraçou. Ela se aconchegou e cantarolava em sua garganta.

Ela levantou a cabeça e piscou com olhos brilhantes e felizes para ele. — Eu te amo.

Ele sorriu. — Eu também a amo.

Inclinando a cabeça com um bocejo, aninhou-se mais perto e sussurrou — Mesmo que esteja com ciúmes.

— Ouvi isso.



Bo nunca ligou muito para o Dia dos Namorados, era apenas uma jogada de marketing inteligente das empresas de cartões e chocolate, para vender os seus produtos para idiotas desavisados que não sabiam de nada. Agora, é claro, incluía-se entre os idiotas, porque fazia de tudo para Reika este ano, começando com uma reserva no Lone Star para o jantar especial



da Karly para o Dia dos Namorados. O restaurante às oito e serviriam uma refeição de quatro pratos.

Jason pediu a Bo que fizessem um encontro duplo de casais e Bo falou com Reika. Ficou feliz que ela estava animada em conhecer melhor o seu melhor amigo e Cades.

Enquanto tomava banho depois do trabalho naquela noite, repassou mentalmente tudo o que preparou. Planejava apenas fazer o jantar especial, mas ela lhe disse que nunca teve um Dia dos Namorados antes, o que o deixou todo sentimental, fazendo coisas românticas que anteriormente tirara sarro dos seus amigos.

Cartão? *Confere.*

Flores? *Confere.*

Chocolate? *Confere.*

Ouviu a porta da frente e sabia que Reika estava em casa de sua tarde passada no centro comunitário. Ela trabalhava alguns dias por semana e realmente se divertia. Estava feliz em vê-la saindo de sua concha e abraçando a sua matilha.

— Bo? — ela o chamou, entrando no quarto.

Ele desligou o chuveiro e pegou a toalha. — Aqui, baby.

A porta abriu e ela colocou a cabeça para dentro. — Teve um bom dia?

— Sim. E você?

— Pode apostar. Agora saia do chuveiro para que eu possa tomar banho.

— Sim, senhora.

Ele fez a barba enquanto ela tomava banho, e quando lavava o rosto, ela desligou o chuveiro e se secou. Ele caminhou até o armário para pegar sua calça recém lavadas à seco e sua camisa social. Quando ouviu o secador de cabelo clicar, correu para terminar de se vestir para que pegasse os seus presentes.

Trinta minutos mais tarde, quando estava encostado no balcão, jogando pôquer no seu celular, ouviu o clique de saltos sobre o azulejo da cozinha e ergueu a cabeça. Sua respiração falhou quando ela se aproximou e viu a sua beleza deslumbrante.

Seus longos cabelos negros estavam no direito de seu pescoço, presos em um rabo de cavalo, o que deixou suas marcas expostas em seu pescoço e o encheu de orgulho. Ela usava uma jaqueta preta brilhante sobre um vestido vermelho escuro que caía até os tornozelos e era aberto até a altura do joelho. Seus olhos azuis pareciam mais escuros e mais luminosos, um truque de maquiagem ou talvez ela estivesse apenas feliz.

— Está linda, baby — falou, fechando a distância entre eles e pressionando um beijo em sua bochecha.

— Obrigada. — ela passou os dedos ao longo de sua mandíbula suave e disse — Você raspou muito bem, mas gosto da barba por fazer, também.

— Gosta? — ele arqueou uma sobrancelha para ela.

Ela cantarolou em sua garganta. — Quando você vai para baixo, em mim, o restolho esfrega nas minhas coxas e posso... sentir... por horas depois. É muito legal.

E sexy também. — Vou me lembrar disso.

Ela puxou a gravata com um sorriso doce. Ele virou e caminhou até a cozinha e trouxe o vaso de flores que comprou para ela. Seus olhos se arregalaram quando o colocou sobre o balcão. O vaso de cristal transbordou com duas dúzias de rosas vermelhas, misturado com rosa e lírios brancos.

Entregou-lhe o cartão simples que escolheu na floricultura. Abriu-o e leu as palavras em voz alta:

Para minha Reika, a amo mais do que imaginava ser possível. Para sempre, Bo.

Depois de fechar o cartão, colocou-o sobre o balcão ao lado das flores e colocou os braços ao redor dele. Inclinando a cabeça para trás para que ela pudesse olhar para ele, ela sorriu:

— Essa foi a coisa mais romântica que alguém já me disse, Bo Elliot.

Ele não tentou sorrir como um idiota, mas, em sua cabeça, ele gritava ‘Sim!’ e levantava seus punhos no ar. — É tudo verdade, Reika.

Ela se aninhou sob o queixo e beijou-lhe a garganta.

—Estou tão feliz que você é minha.

Depois de um longo beijo, que lhe exigiu retocar o batom, deu-lhe a caixa de chocolates em forma de coração, em uma caixa com um laço de cetim vermelho e um lobo decorado.

Olhando-o com um sorriso curioso, disse — Lobo?

— Não acha que lhe daria um urso, não é?

— Acho que não. — ela riu e ele pegou seu casaco, quando faróis brilharam na janela da frente e uma buzina soou duas vezes.

Colocou a sua mão na dobra do braço e caminhou com ela até a SUV de Jason e abriu a porta de trás para Reika. Quando a filha de Jason, Lyric, nasceu no verão passado, abandonou sua caminhonete em favor de um veículo mais familiar. Bo aproveitou a oportunidade para atualizar sua própria caminhonete, também.

Quando entraram no restaurante, foram recebidos por velas e música suave. Estava contente de ver que foram capazes de substituir as portas da frente tão rapidamente e reparar os danos. Temia que isso atrasasse para a abertura especial, mas a matilha inteira se reuniu para se certificar de que isso aconteceria.

Luka, um dos lobos que vivia com o irmão de Reika, Ben, conduziu-os para uma mesa perto do centro da sala. Bo afastou a cadeira de Reika e Jason a de Cades e quando todos estavam sentados, Luka entregou a Jason e Bo as cartas de vinho e esperou pacientemente pelos pedidos.

Houve uma pequena discussão sobre o que beber e, no final, dispensaram o vinho e escolheram chá doce. Jason se ofereceu para permanecer sóbrio, enquanto o resto bebia, mas Bo queria estar totalmente sóbrio. Na verdade, desde que Reika entrou em sua vida, não bebeu uma gota de cerveja ou qualquer tipo de álcool. Antes, usava para anestesiá-lo da sua dor e miséria. Mas Reika mudou tudo isso para ele, sem mesmo perceber. Certamente não teria ressaca, isso era certo.

Reika era sua droga preferida agora. Estava completamente viciado em seu sorriso, no brilho malicioso em seus olhos quando brincava com ele, a maneira sedutora como agia, quando ficava excitada.

As bebidas e o primeiro pedido chegou, um pequeno prato de vieiras feito de três maneiras.

Cades e Reika começaram a falar sobre a lua cheia de fevereiro e que gostariam de ficar juntas com sua matilha antes da caça. Quando Cades explicou que um grupo de lobas sempre voltava para a casa depois que tornou-se companheira de Jason e fêmea alfa, Reika o olhou, confusa.

Jason explicou. — Somente fêmeas solteiras guardam Cades, embora a minha mãe também, de vez em quando. Você e Bo são companheiros. Precisam caçar juntos e compartilhar este aspecto único de suas vidas juntos.

— Como faço para entrar no sistema de classificação? — perguntou Reika.

Cades respondeu — Normalmente, novas fêmeas lutam em forma de lobo. Mas Jas e eu realmente discutimos isso longamente, juntamente com os anciãos e os outros lobos altamente classificados, incluindo o seu companheiro. — Cades lançou um olhar para Bo, que apenas sorriu. Ela continuou — Gostaríamos de oferecer-lhe o cargo de *lykar*, que significa 'curadora.' Como Teller, que é o nosso rastreador, sua posição ainda está em mim e Jason como seus alfas e você é obrigada a defender os menores se for necessário, mas não é uma posição de luta e é considerada um membro da matilha altamente classificado, um tesouro. Como se sente sobre isso?

Bo olhou para os olhos arregalados de Reika e a boca parcialmente aberta e sorriu. Ela estava realmente sem palavras.

Depois de alguns segundos, ela limpou a garganta e disse — Seria uma honra.

Jason balançou a cabeça e passou o braço ao redor de Cades. — Quando você e Bo se declararem companheiros e a empossarmos na matilha, especificaremos o seu título e posição também. Bo disse que sua tia gostaria de trabalhar com você de vez em quando. Me certificarei de avisar a nossa matilha que podem vê-la através dela, se tiverem um problema.

Ela assentiu com a cabeça e entrelaçou os dedos da mão de Bo e apertou. — Se for uma emergência, podem me ligar, agora que tenho um novo celular.

Bo apertou a sua mão. — Basta lembrar o nosso trato.

— Certo. — ela riu e disse — Não lamber sem você lá.

— Você faz parecer tão sujo — riu, soltando a mão para puxá-la e beijá-la perto da têmpora.

O resto da refeição passou rapidamente. O próximo prato era uma salada, com peras assadas. E então um incrível filé mignon, purê de batatas e aspargos assados. Para a sobremesa, cada casal teve um delicioso suflê de chocolate.

Olhando ao redor do restaurante, se acomodou em sua cadeira com Reika inclinando-se contra ele, sorriu para as pessoas que considerava sua família. Casais de todas as idades enchiam o restaurante e não compartilhavam apenas a data, mas também comemoravam a inauguração do restaurante que, ao seu ver, era um sucesso absoluto.

Karly apareceu depois que as sobremesa foram retiradas e tomavam uma xícara de café e, antes de ir para casa, o irmão de Reika se juntou a ela. Ben sorriu com orgulho quando todos elogiaram a comida e Karly elogiou seu novo sub chef.

Naquela noite, quando ele e Reika estavam sozinhos em casa e a paixão aflorou entre eles, ele se ajoelhou e tirou um anel do bolso. Ele escondera no bolso do casaco.

— Reika — olhou em seus olhos — a amo do fundo do meu coração. Seja qual forem as mágoas que compartilhamos antes, estamos juntos agora e a estrada que percorremos para nos unir valeu a pena a dor e sofrimento, ficarmos juntos, no final. Passarei o resto da minha vida fazendo-a feliz se me permitir. Case-se comigo, Reika.



— Claro que sim! — sorriu enquanto lágrimas caíam sobre as suas bochechas. Ele colocou o solitário no seu dedo e se levantou, pegando-a nos braços e devorando-a com um beijo.

Ela era tão perfeita para ele. Forte, amorosa e ferozmente protetora daqueles que amava. Sentiu-se honrado em tê-la em sua vida.

Pegou-a e a levou para o quarto, onde fizeram amor, perseguindo a escuridão do céu e acolhendo o sol com gritos de prazer antes de desmaiar, entrelaçados.

CAPÍTULO QUATORZE

Reika gritou quando gozou pela terceira vez, seu corpo levado ao frenesi pelos dedos talentosos de Bo em seu clitóris, enquanto seu pênis entrava e saía de sua vagina.

— Oh, porra, sim! — Bo gemeu, apertando seus quadris, dolorosamente, quando seu pênis se contraiu em seu interior. Sustentou seu peso em seus braços enquanto se estendia sobre ela, acariciando seu pescoço e lambendo as marcas de mordidas recentes. Todo o seu corpo parecia um hematoma latejante desde que acordou naquela manhã para seu noivo com muito tesão.

Ela lembrou-se de luas cheias anteriores, quando o desejo de ter uma noite de sexo depois de uma boa caçada, corria através de seu corpo e mente, mas se cansou dos lobos de sua matilha apenas se interessarem por ela por uma noite e se recusavam a ficar ligados de qualquer outra forma. Perdera um monte de coisas do namoro por causa da dívida de sangue, mas recebeu uma nova vida que era cheia de amor e paixão, que nunca soube que existia.

Sentiu os dentes de Bo rasparem ao longo de sua clavícula, e ela estremeceu e, em seguida, bateu o ombro levemente. — Pare de me morder!

Rindo, ele levantou a cabeça e olhou-a com olhos de âmbar-lobo. — Não consigo evitar, você tem um gosto tão bom.

Meu lobo está realmente animado por finalmente ter uma companheira nesta lua cheia.

Seu próprio lobo praticamente ronronou logo em seguida.
— O meu também.

Os pais de Bo e o irmão mais velho, Mack, estavam na cidade para a cerimônia da lua cheia porque ela e Bo se uniriam como companheiros oficiais na matilha e queria compartilhar com eles. Na noite anterior, ela e Bo os levaram para jantar e ela teve que atender não apenas a sua mãe e pai, mas o irmão, sua nova cunhada e três sobrinhos. A esposa de Mack, Colette, era um ser humano e seus três meninos também eram humanos. Os pais de Bo, Dustin e Jessie eram doces e amigáveis e pediram para Bo e Reika os visitarem no verão, na sua matilha, em Atlanta.

Bo lhe disse que seus pais eram próximos dos pais de Jason, Tina e Peter. Quando Peter deixou o cargo por causa de uma lesão e Jason assumiu, Dustin e Jessie optaram por deixar a matilha Tressel e voltar para a matilha de Jessie. Bo ficou para trás, porque já estava fora de casa e vivia por conta própria e tinha seus amigos e uma posição de alto escalão na matilha. Ele os visitava algumas vezes por ano.

— Então... precisamos conversar sobre algo muito sério — disse ela.

Sua cabeça levantou rapidamente e um olhar preocupado cruzou seu rosto. — O que?

— Você anda deixando suas toalhas molhadas no chão do banheiro. Agora que estamos noivos e prestes a nos tornar

companheiros oficiais, existem algumas coisas que quero que mude.

Seus olhos se estreitaram e ele disse — Oh, entendo. E o que mais preciso mudar?

Ela arqueou uma sobrancelha em um desafio e disse — Você pode parar de rressonar, que seria fantástico.

— Eu não ronco! — ele rosnou.

— Até parece!

Ele ergueu a mão e encolheu, encontrando seu olhar por um momento, antes que começasse a fazer cócegas nela. Ela gritou e tentou se afastar dele, mas ele a tinha presa com seu corpo enquanto fazia cócegas até que lágrimas escorriam de seus olhos e ela não conseguia recuperar o fôlego.

— Quem precisa ser corrigido? — ele parou de fazer cócegas nela, mas segurou sua mão muito perto de seu lado.

— Não é você, Bo, nunca você. Você é perfeito. — ela jurou, esperando que não fizesse cócegas novamente.

— Boa resposta. Ainda assim, para uma boa medida... — começou a fazer cócegas nela novamente, mas apenas por um momento e então a beijou e fizeram amor.

Ele deixou-a na cama para tomar um banho, antes de sair para o churrasco e ela reclinou-se na cama e enviou algumas mensagens de texto para suas novas amiga de matilha. Uma toalha enrolada na cintura era a única coisa que usava quando

saiu do banheiro, e seu corpo, que passou a maior parte do dia no meio de orgasmos, floresceu para vida imediatamente.

As narinas de Bo queimaram, e inspirou lentamente, que terminou em um grunhido. — Não temos tempo, mas mais tarde, baby. Definitivamente mais tarde.

Ela mordeu o lábio inferior com o pensamento dos prazeres que estavam à sua espera naquela noite, e saiu da cama para tomar banho. Ela abriu a porta do banheiro para encontrar o chão cheio de cada toalha que estava no gabinete.

— Bo, — ela gritou, tentando esconder sua diversão em sua provocação.

Sua resposta foi uma risada.



Reika deu uma mordida na carne do prato que Bo segurava. Estava sentada em seu colo, quando ele sentou em uma cadeira na cozinha da casa de Jason e Cadence. A casa estava agitada com membros da matilha, todos parabenizando Reika e Ben por acasalarem-se. Ela viu Ben muito pouco nas últimas duas semanas, desde que veio para Allen, porque estava ocupado com seu novo trabalho na Lone Star e com seus três novos amigos, Luka, Drake e Paul. Reika gostava dos jovens e poderia dizer que Ben se encaixava bem com eles. Luka trabalhava como garçom no restaurante e Paul e Drake como guardas de segurança no condomínio de aposentados.

Notou que os quatro garotos eram muito populares com as mulheres solteiras da matilha e um pouco de ciúme fraternal a consumia.

Bo deu uma mordida no bife do garfo que segurava na frente de sua boca, e depois que engoliu, disse — Por que olha como se fosse bater em alguém?

Ela desviou o olhar de duas garotas penduradas nos braços de Ben e suspirou. — Sinto-me como uma irmã mais velha agora.

Bo olhou para Ben e novamente para ela. — Não me preocuparia com ele. Ele é inteligente e capaz, está longe de casa pela primeira vez e, provavelmente, ansioso demais para experimentar tudo o que a vida tem para oferecer.

— É a minha primeira vez fora de casa também — disse, enquanto arqueava as sobrancelhas. — O que mais a vida com Bo Elliot tem para me oferecer?

Ele deslizou a mão até a sua nuca e puxou-a para frente até que suas bocas estavam tão perto que podia sentir o calor de sua respiração contra os seus lábios. — Qualquer coisa que quiser, baby.

Ela fechou a distância e o beijou, deslizando a língua em sua boca e provando a mistura inebriante de carne vermelha e do homem que amava. Seu lobo tomou conhecimento e começou a andar em sua mente, sabendo que esta noite caçaria com Bo pela primeira vez. A primeira de muitas luas cheias de caça como companheiros.

Ela avistou Ben quando se afastou das duas meninas e se juntou a seus companheiros de quarto e sorriu para si mesma. Bo estava certo. Ben era inteligente e, mesmo que fosse um homem, era um amor e merecia ter um bom momento, pelo que sofreu junto com ela por tanto tempo. Silenciosamente, desejando-lhe uma noite feliz, voltou sua atenção para seu companheiro e terminaram o bife justo quando Jason bateu palmas e chamou os lobos da matilha para o local de encontro da lua cheia.

Bo se manteve imóvel até que a multidão se dissipou e ficaram apenas os membros do escalão superior, Karly, Shyne e Cades. Jason disse — Os anciãos nos esperam. Vamos começar essa noite.

Bo colocou Reika em pé e saíram com Jason e Cades para a floresta atrás de sua casa, onde o ponto de encontro da lua cheia era realizado. Uma fogueira no centro de um círculo de pedras foi preenchida com madeira e queimava brilhantemente, iluminando a floresta ao seu redor.

Reika viu muitas cerimônias de acasalamento antes, mas sabia que cada matilha tinha seus próprios costumes especiais e estava animada para o que estava por vir.

Jason pediu ao seu grupo para acompanhá-lo no círculo. Bo apertou-lhe a mão e passou por cima das pedras, juntando-se com Michael, Linus, Logan e Cades no círculo. Ao lado estavam Peter e Tina, os ex-alfas, e os três lobos mais velhos da matilha, Lon, Dae e Getty. Cada um segurando algo em suas mãos.

Os atuais e aposentados membros do bando cercaram o círculo e Reika estava ao lado de Ben na noite fria, fora do círculo de pedra. Os cinco jovens lobos que ajudaram no restaurante quando os lince atacaram, ficaram com ela e Ben.

Jason pediu silêncio e parecia que até mesmo as criaturas da floresta ficaram quietas também.

— Quando os lobos mostram-se honrados, é nosso dever como uma matilha, reconhecer e incentivar esse comportamento. — Jason fez sinal para que os cinco jovens avançassem e eles o fizeram. — Vocês se mostraram como verdadeiros membros da matilha, seguindo as ordens daqueles em posição superior e protegendo aqueles que eram incapazes de se proteger. Somos gratos por sua coragem e, em agradecimento pelo que fizeram, peço-lhes para caçar com os membros da alta hierarquia esta noite.

Os jovens sorriram quando Jason se dirigiu a cada um pelos seus nomes em voz alta e a matilha aplaudiu, enquanto Jason e Cades, apertaram as suas mãos. Os jovens machos, com os rostos brilhando de orgulho, se juntaram a matilha ao longo do círculo. O barulho da matilha silenciou novamente.

— Ben Snow — Jason disse em alta voz. —Você vem para a matilha Tressel de bom grado esta noite, para se juntar a nós e compartilhar nossas alegrias e nossas tristezas? Jura proteger os que estão abaixo de você, respeitar os que têm autoridade sobre você e honrar as tradições de nosso povo?

Ele respondeu com uma voz forte — Juro.

— Há alguém aqui que possa dizer por que esse homem não deve se juntar a nós? Fale agora ou permaneça em silêncio para a eternidade.

Reika sentiu o silêncio ao redor deles e como se seu coração parasse de bater, até que Jason disse — Diga o seu nome.

— Benjamin Tin Snow.

— Bem-vindo, Benjamin. Irmão. Membro da matilha.

A multidão repetiu a palavra de boas-vindas.

Ben deu um passo atrás para se juntar aos seus amigos e deixou Reika sozinha.

Jason disse — Não são todos de nossa espécie que são abençoados pelo grande espírito de lobo com poderes que são extraordinárias. Quando os lobos com habilidades especiais optam por participar de uma matilha, suas habilidades são honradas e protegidas, dando-lhes a patente de um membro especial.

Ele olhou para Cades e ela limpou sua garganta. — Reika é um lobo de cura, conhecida como um vértice. Suas habilidades são incríveis e é nossa honra como matilha tê-la como membro. Para protegê-la da posição por luta para que nenhum mal venha sobre ela, ela fica com o status de *lykar*, conhecida como curandeira, acima de todos, abaixo apenas dos alfas.

Cades olhou para Reika e disse — Diga o seu nome, *lykar*.

— Reika Felice Snow.

Desta vez, Jason levantou a cabeça para o céu e soltou um grito de alegria. A matilha fez eco e Reika olhou para trás, para Ben, com um sorriso, e ele gritou, também. Sua nova matilha dava boas-vindas a ela, e tanto o seu lobo como o seu lado humano ficaram muito felizes.

Peter e Tina entregaram uma cinta de couro para Jason, e os três anciãos avançaram com três frascos.

Ela e Bo se olharam e despiram os casacos, jogando-os para Ben que os pegou com um sorriso. Bo estava sem camisa e Reika usava um corset. Ela sorriu quando os olhos de Bo se arregalaram e suas narinas tremeram.

— Amo você — murmurou e ela murmurou as mesmas palavras para ele.

Ela e Bo seguraram suas mãos esquerdas e Jason envolveu a tira grossa de couro ao redor do pulso de Bo e de suas mãos entrelaçadas e no final ao redor de seu pulso. A alça de acasalamento era um símbolo da união.

Jason falou em voz alta. — Viemos hoje para unir Bo e Reika como companheiros verdadeiros. Há alguém aqui que proteste contra essa união? Fale agora ou permaneça em silêncio por toda a eternidade.

Jason olhou ao redor da matilha lentamente e, quando estava satisfeito, levantou a voz e começou a falar em grego antigo, que os lobos conheciam como a língua antiga. Os mais velhos se adiantaram um por um e ficaram ao lado de Jason,

estendendo um frasco aberto para Jason que colocou o dedo indicador dentro do frasco.

Quando levantou o dedo, estava escuro de fuligem que era a cinza dos ancestrais de sua matilha. Passou uma linha até o interior de pulso de Bo, seguindo a veia e depois fez o mesmo com Reika, dizendo à matilha que as cinzas faziam parte da cerimônia de acasalamento para lembrá-los que a história de seu povo era de sua responsabilidade, para garantir que as tradições e leis de sua espécie fossem passadas para seus filhos e as futuras gerações.

O segundo mais velho se aproximou de Jason, que molhou o dedo no próximo frasco aberto. Quando levantou o dedo, estava revestido com um líquido escuro. Ele tocou a nuca de Bo e, em seguida, a de Reika.

Era o sangue de uma matança fresca, um sacrifício para apaziguar e honrar os espíritos do lobo. Jason agradeceu ao grande espírito do lobo por permitir a união e pediu por uma caça próspera.

O terceiro mais velho veio para frente e Bo colocou o dedo na jarra. Seu dedo revestido com óleo desenhou um símbolo do infinito sobre o coração e então colocou a mão sobre as mãos unidas. Ela fez o mesmo com ele, pressionando levemente contra sua mão quando ela terminou.

Jason pousou as mãos em cima deles e disse — A oliveira é sagrada para o nosso povo como um símbolo para a eternidade. Marcada sob a lua cheia, essa união é abençoada por todos, para

testemunhar e nunca esquecer. Esta união é para sempre e sempre, até a morte de vocês e que se juntem novamente, para o grande futuro.

Bo a puxou para ele com as mãos atadas e beijou-a, enquanto a matilha aplaudia e uivava. Jason chamou para que todos mudassem e caçassem e a matilha começou a tirar a roupa e mudar.

Bo puxou Reika para a floresta para mudar e deu um passo atrás de uma árvore. — O que você está fazendo? — ela riu, quando ele a beijou novamente e, em seguida, começou a desenrolar a fita. — Vamos mudar, não vamos? Estou ansioso para caçar com a minha companheira pela primeira vez.

Desenrolou a tira de acasalamento e dobrou-a, colocando-a no bolso da frente. — Claro, querida, mas não quero que ninguém a veja nua, somente eu.

Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu para ele. — Não quero que ninguém o veja nu, também.

— Porque você me ama? — ele estendeu a mão para o zíper na parte de trás do corset.

— Porque você é meu.

— Sou, baby. Todo seu para sempre e você é minha.

Tiraram a roupa um do outro rapidamente, porque estava extremamente frio, curvaram-se para o chão e mudaram.

Reika amou mudar. A carga de endorfina que a atingia quando seu corpo começava a mudar de sua forma humana à sua forma de lobo era inebriante.

Bo se aproximou dela, pressionando o nariz em seu pescoço, cheirando-a. Ela ficou imóvel enquanto acariciou e cheirou tudo ao seu redor, rosnados felizes ecoavam de sua garganta. Ele parou na frente dela, esperando que o cheirasse. Para lobos, quando se juntavam pela primeira vez com seus companheiros, cheirar era uma maneira de seus comungarem juntos, conhecendo as nuances sutis do cheiro e da aparência de seus companheiros.

Com um salto, abordou-o, derrubando-o na neve e enterrando o nariz no pêlo espesso ao redor do seu pescoço. Ele rosnou de leve, a versão lobo de um ronronar e sua cauda rodou algumas vezes impaciente, enquanto o cheirava. Ela amava o seu cheiro, tanto na forma humana quanto na de lobo. Poderia encontrá-lo em qualquer lugar, pensou, seguindo o seu aroma rico e picante. Como um lobo, tinha um cheiro selvagem e inebriante e ficou emocionada mais uma vez, por estarem juntos e acoplados.

Afastando-se dele, latiu e viu quando ficou em suas patas. Ela saiu correndo e ele a seguiu, aproximando-se dela rapidamente, com as pernas um pouco mais longas e correram pela floresta, desviando de árvores e arbustos baixos, pulando para dentro e para fora das sombras da lua cheia brilhante.

Caçaram por horas, até que a influência da lua cheia se afastou deles e estavam prontos para voltar à forma humana.

Quando voltaram no ponto de encontro da lua cheia, suas roupas o aguardavam e ela nunca sentiu tanta alegria. Sua primeira lua cheia como uma mulher livre, caçando, lado a lado com seu poderoso, bonito e incrível companheiro. Antes, sentia como se fosse amaldiçoada a nunca conhecer a paixão, o amor ou a felicidade, mas Bo lhe dera tudo isso e estava ansiosa para o próximo capítulo em suas vidas.

Quando ela colocou a calça gelada, tirou o anel de noivado do bolso da frente e colocou-o.

— Está com frio, baby? — Bo encontrou os seus casacos nas proximidades e deu-lhe o seu também.

— Um pouco.

— Que tal um banho quente quando chegarmos em casa? — pegou-a em seus braços e a beijou e voltaram para onde a picape estava estacionada na casa de Jason e Cades.

— Contanto que mantenha seus dedos gelados para si mesmo. — riu.

— Estou determinado a aquecê-los agora, baby. — sorriu e seu estômago revirou quando colocou os braços em volta do seu pescoço.

— Estou tão feliz que é meu, Bo. — beijou sua bochecha e apoiou a cabeça no ombro dele, ansiosa para chegar em casa e se aquecer em seus braços.

— Estou tão feliz que é minha também, Reika. Para sempre.

Bo & Reika

R.E. Butler

THE WOLF'S MATE 05

— Para sempre.

FIM



NO PRÓXIMO: LOGAN E JENNA

A última coisa que Logan Anderson quer fazer com sua noite de sábado é vigiar os jovens lobos machos de seu bando, enquanto participam de um baile na esperança de encontrar seus companheiros. À medida que a noite avança, sente-se compelido a sair e seus instintos o levam a correr para a floresta ao lado da rodovia. Na escuridão da floresta, encontra uma mulher à beira da morte, que lhe pede para protegê-la. Agora, nada é mais importante do que ajudá-la a ficar bem. Ele lidará com aqueles que a machucaram... mais tarde.

Jenna Odile planejava passar a véspera de seu 25º aniversário festejando com seus amigos antes que lançasse um feitiço para encontrar seu verdadeiro companheiro. Antes que pudesse, é capturada por um grupo de lobisomens de mentes criminosas que querem usar suas habilidades de fada para cometer crimes. Espancada e deixada para morrer após sofrer por semanas em suas mãos cruéis, usou o que restou de sua força para lançar o feitiço para seu verdadeiro companheiro, na esperança de que a encontrasse antes que fosse tarde demais.

Atenção: *Esta história contém um lobisomem macho com um passado obscuro, uma fada que mal pode esperar para encontrar seu verdadeiro companheiro e a traição que os une. Características quentes de lobisomem e fada apaixonada, criaturas míticas,*

Bo & Neika **R.E. Butler**
THE WOLF'S MATE

loucuras da lua cheia e um lobo puto que consegue vingança sobre os homens que feriram sua companheira.